

B. N. L.

11003

11003 12

O APOSTATA CONFUNDIDO

O APOSTATA CONFUNDIDO

O APOSTATA CONFUNDIDO

OU

RESPOSTA DOUTRINAL E HISTORICA

AO

CHRISTÃO X—PROTESTANTE MASCARADO

PELO SR.

José Maria de Souza Monteiro

REDACTOR DO «BEM PUBLICO»



LISBOA

TYPOGRAPHIA PORTUGUEZA

5 — Rua da Paz — 7

1876

O APOSTATA CONFUNDIDO

RESPOSTA DOUTRINAL E HISTÓRICA

CHRISTÃO X — PROTESTANTE MASCARADO

José Maria de Souza Monteiro

REDACTOR DO SEM FRELCO

LISBOA

TYPOGRAPHIA PORTUGUEZA

1876

PROLOGO DOS EDITORES

A ousadia protestante vae de fôz em fôra n'este nosso Portugal, outr'ora fidelissimo, e que, apezar de tudo, ainda esperamos o continue a ser. A sua criminosa propaganda é feita hoje abri ás escancaras, embora as leis a prohibam. Já se não guardam penhumas considerações, nem sequer as da prudencia mais vulgar. Do abuso da palavra fallada e da palavra escripta tem-se passado aos actos de violencia e até de brutalidade contra tudo o que é catholico, — coisas e pessoas! Biblias falsificadas e folhetos de diferentes tamanhos, cheios de blasphemias e de insultos á Religião do paiz vendem-se nas lojas, nas praças, nas ruas, e mettem-se por toda a parte á cara dos fieis. Os vendedores ambulantes d'estes venenos moraes insultam a cada passo os nossos sacerdotes com epithetos mal-soantes e com provocações indecentes. Havemol-o presenciado bastantes vezes. Ir-nos-hemos approximando ao tempo, ou antes a circumstancias semelhantes áquellas em que se encontrou a

França quando a cõrte protegia os hugonotes? Então «ladrar a um protestante» merecia muitos golpes e bengaladas; «morder n'um padre», applausos. O *Pasquino* parisiense, na figura de um cão, todo derreado, dizia:

*«Pour aboyer un Huguenot,
Ou m'a mis en ce piteux être:
L'autre jour je mordis un Prêtre
Et personne ne m'en dit mot.»*

Parece que ainda se não chegou a tal ponto. Mas que alguém se atreva a affirmar que para lá não caminhamos a passo de gigante!... Lembrem-se porém todos aquelles a quem cumpre, lembrem-se de que á *Orthezeida*, á *Saint-Migueleida*, etc., contra os catholicos, seguiu-se de perto a *Saint-Bartholomeida* contra os protestantes.

E! moda, bem o sabemos, fallar só da ultima, e contra as primeiras fazer a *conspiração do silencio*. Mas que importa, se a historia *faz fé*, e se contra factos não ha argumentos? O fanatismo chama pelo fanatismo. E' e será sempre verdade,—se por fortuna ou por desgraça, não podemos dizel-o.

Assim pois... promovem-se escandalos e assuadas em nossos templos (digam-n'o as pessoas que ha poucos dias presencaram o que se passou na igreja do Bom Successo e na de Belem,—para não fallarmos do caso de S. Paulo, provocado pelo *espirro* ou *tosse* do *fiel*, na phrase traidora das *Farpas*,—caso memorando em que parece que o elemento protestante, de mãos dadas com o livre-pensador—primos direitos—não deixou de tomar a sua parte, embora quizesse d'essa vez ficar algum tanto por detraz da cortina).

Fôra dos templos, mas em consequência dos attentados commettidos lá dentro, tem chegado a correr sangue (que o diga o creado das boas religiosas Irlandezas ás quaes o Principe de Galles ha pouco quiz honrar com a sua visita!. Isto porém é segredo!. Se nem sequer a imprensa noticiosa, a de cem olhos, *tugiu* ou *mugiu*!.. Ah! que se o espancado fosse um *hugonote*, ou se a provocação houvesse partido de qualquer *ultramontanot*!.. *Pour aboyer un Huguenot*... *Je mordis un Prêtre*, etc.).

Mais: As casas de reunião dos novos sectarios, por suas taboletas, e por outros signaes exteriores, tomam forma e character de edificios publicos destinados ao culto, coisa expressamente prohibida pela lei. Os discursos que lá se pronunciam, é fama serem os mais virulentos que dar-se possa contra tudo o que pertence á Egreja Catholica, especialmente contra o Summo Pontifice, contra os nossos Bispos e contra todo o nosso Clero.

Em vista de taes provocações e de semelhantes attentados deverão ficar os catholicos em silencio e de braços cruzados, victimas inglorias de uma propaganda fanatica, que já vae tomando proporções de perseguidora e tyrannica?

Disse ha tempos uma auctoridade insuspeita que «se não era obrigado ao martyrio colectivo» (o sr. Mendes Leal no *Jornal do Commercio*). Se isto se póde dizer de uma pequena reunião de individuos, de uma familia, por exemplo, quanto mais de um povo, de uma nação inteira?

E' mister pois reagir...., por emquanto, com a palavra.

Foi isso o que practicon um de nossos ecclesiasticos mais zelosos e instruidos, o Revm.º Sr. Padre Amado, escrevendo e publicando um folheto cheio de verdades amar-

gas para os sectarios do erro. Foi o que practicou igualmente o sr. José Maria de Sousa Monteiro, exarando no *Bem Publico* uma série de fulminantes artigos contra as injurias grosseiras, as calumnias e as doutrinas perversas de um desgraçado apostata, protestante mascarado, «christão X.», que ao Revm.^o Padre Amado ousara arremessar, escondido, pedras e lodo.

Estes artigos do *Bem Publico*, artigos de erudita e sólida controversia, como o sr. Sousa Monteiro sabe escrevel-os, com a devida venia do seu auctor, vamos aqui reproduzir sem mais alterações que as raras e levissimas por erros de composição, e uma ou duas notas explicativas, da sua mesma penna; nosso desejo espalhal-os aos milhares.

Auxiliem-nos todas as pessoas de boa vontade em applicar ao veneno a triaga, que o fructo, *Deo juvante*, segundo esperamos será abundante. E esse fructo, de exlrecimento e desilusão para nossos irmãos extraviados, será uma benção fecunda de graças para quantos cooperarem no conseguimento de tão feliz resultado.

OS EDITORES.

UM PROTESTANTE MASCARADO

I

RASÃO D'ESTE ESCRIPTO

Pelo correio da porta de 26 de março (4.^a expedição) trouxe-nos o carteiro um folheto sem indicação da typographia onde se imprimiu (clandestino), e anonymo pois o auctor escondeu-se por detraz d'um X. Não tem importancia senão para mostrar que os taes protestantes desobedecem com audacia ás leis do paiz.

Intitula-se elle—*Os romanos desmascarados, ou os romanos do passado, do presente e do futuro por o christão —X—*; e é uma vendetta de corso ao folheto: *Os protestantes desmascarados, ou os protestantes de hontem, de hoje e d'amanhan pelo* (sr.) *padre José de Sousa Amado*; mas com a fraude usada pelos turbulentos e ambiciosos sectarios na Hispanha, Brazil e Portugal, affirma que não quiz responder ao illustre ecclesiastico, e accrescenta:

«Quem se preza e sente em si o estímulo da dignidade, não se curva, para levantar do charco a luva lançada, ali, pela mão de um padre, que esquecendo o que deve á posição do ministerio e magisterio que exerce, insulta o pudor (*sic*), a gramatica e a verdade, com o desassombro, de quem não tem na consciencia um vislumbre sequer de bom senso, e no entendimento um tibio e palido reflexo de illustração.»

Então quem se preza imita as peixeiras?

Estes insultos pessoaes (ainda que tivessem fundamento verdadeiro e fossem justificados, que não são) «à propos» do folheto do sr. padre Amado contra os centos de seitas protestantes no seu conjuncto, serve só para mostrar que o seu auctor é tão sincero quando insulta grosseiramente, como quando expõe a sua doutrina, e igualmente

leal nas suas afirmações pseudo historicas, e *grammatico* quando offende a orthographia, e mais a syntaxe.

E é por isso, puramente por isso, que recorre a uma incognita, o X. Não é por vergonha do seu acto, não é também por não ter confiança no que chama suas doutrinas, como alguém cuidou; é antes para poder vibrar a salvo seus golpes e fugir á responsabilidade moral, como aquelles que se escondem n'um vallado para ferirem seu inimigo, cuja força os acobarda, e fugirem facilmente ao castigo. Não é nobre este procedimento, mas é util.

Dir-nos-hão talvez que éstas injurias pôdem até certo ponto perdoar-se á paixão de quem não pôde conter-se ao vêr os seus correligionarios, desde Luthero até Joé Smith, agredidos violenta e gratuitamente: mas será uma desculpa mentida: 1.^o porque essa aggressão violenta e gratuita foi começada pelas seitas protestantes modernas em 1831, n'uma alluvião de folhetos anonymos, publicados e espalhados contra a Santa Igreja Catholica Apostolica Romana e os catholicos, e sempre com perfidia e á traição; 2.^o por que éstas seitas protestantes nenhuma relação de fraternidade têm umas com as outras. Não ha entre ellas unidade de crenças, apenas conhecem a unidade de odios contra o Catholicismo, e por isso todas se chamam *protestantes*—assim as que reconhecem o baptismo necessario para a salvação, como as que o consideram inutil; assim as que reconhecem achar-se Nosso Senhor Jesu-Christo na Sagrada Eucharistia, como as que o negam abertamente; assim as que recommendam a Confissão auricular por ser *pratica rasoavel e utilissima*, como as que lhe chamam «escola theorica e pratica do vicio;» assim as que reconhecem ser a Ordem indispensavel para o exercicio do ministerio sagrado, como as que inculcam que pôde quem quizer exercel-o, até as mulheres etc.

Não podêm questões d'esta importancia discutir-se com adversarios, que tomam a mascara de letras do alphabeto, e nem o podem ser pelos jornaes. Aquella mascara dá liberdade á má fé, este meio coarcta a liberdade e a ampliação das discussões. Não podêmos, pois, lêr sem um sorriso de piedade os trechos seguintes:

«Ao sr. padre José de Sousa Amado, diz este X, que,

sempre que s. rev.^{ma} queira discutir, placida e delicadamente (*que placidez e delicadeza n'esta verrina!*), os pontos de doutrina, em que diverge a seita romana (*sic*) do velho catholicismo (*será o dos ebionitas, ou dos gnosticos, em todo o caso posterior á igreja romana?*), nos encontrará despreocupados de paixões e rancores, porque temos a convicção das nossas crenças, firmada nas santas Escripturas e será a luz divina da sua verdade o nosso fanal nas cerradas e espessas trevas, com que os homens (*este protestante será anjo? talvez; das trevas*) e as paixões têm querido enso mbrar o Evangelho.»

Desentendendo nos dos vilipendios d'este folheto, e suppondo por grande esforço de imaginação a possibilidade da maior placidez em protestantes que escondem o rosto, logo nos occorreu aquella com que fallava a falsa mãe a Salomão, querendo que se cumprisse a ordem do Rei que mandava escachar o menino, contra a verdadeira mãe que se oppunha a isso, e preferia ficar sem o seu filho, deixando-o á falsa mãe com vida, a receber metade do seu cadaver. A moderação d'estes homens em quanto são fracos é substituida, apenas se julgam mais fortes, pela ferocidade dos seus processos, de que ainda vemos os restos insupportaveis na Suecia e Dinamarca, e no Otahiti.

Se estes, em nome de quem falla o anonymo pamphletario, tivessem realmente a convicção de suas crenças, deveriam começar por atacar a *Igreja estabelecida na Inglaterra*, porque declarou official e authenticamente não ser o baptismo necessario para a salvação, e porque reconhece o sacramento da Ordem indispensavel para o exercicio do sagrado ministerio; e provar-lhe que as suas orações pelos defuntos são uma contradicção repugnante á crença de que só ha Ceu e Inferno, sendo n'ambos os casos estas orações puramente inuteis e um verdadeiro escarneio, pois reconhecem a existencia do Purgatorio. E finalmente as suas dispensas de jejum da quaresma, e dos grãos de parentesco, dados pela rainha, e bem pagos.

Deviam exprobrar ao lutheranismo primitivo a conservação da missa rezada na Suecia, a crença no diabo, e a conservação dos Crucifixos nas suas igrejas. O Crucifixo e

castiças no altar podem vêr-se na igreja lutherana ás Necessidades.

Deviam accusar de idolatria a igreja evangelica unida na Prussia, que *introduziu*, durante o reinado do irmão do soberano actual, as imagens dos santos nos seus templos, como se veneram na Russia, e na igreja grega primitivamente scismatica. Esta pratica usada nas igrejas d'elles, nem mais nem menos que na catholica, da qual se separaram pela 1.^a vez em 880 com Phocio, e em 1043, pela 2.^a vez com Miguel Cerulario, é uma prova da universalidade do culto das Imagens, o que o mascarado não sabe ou occulta de má fé.

Deviam finalmente contestar ás outras seitas protestantes a qualidade de evangelicas, que todas ellas se arrogam; lembrando-se de que, se ellas fossem evangelicas, differencando-se tanto de todas as outras, como se differencam d'esta em nome da qual se nos falla, e que não se atrevem a affirmar-se, como acaba de fazel-o a das *Duas Campainhas*, auctorizariam a dizer como nós dizemos, que todas usurpam uma denominação que a nenhuma d'ellas se deve.

«Pobres protestantes, diz X com ademanes grotescos, que sorte vos espera!

«Mas ao menos (continua), vós tendes a face a descoberto (*e para prova-o mostra o X, mascara com que cobre o rosto, elle seu campeão*) e não afivelaes a mascara da hypocrisia, que usam os vossos detractores (*assignando o seu nome*), homens inscientes e inconscientes (*saberá o que significam estas palavras? crémos bem que não*) que juraram bandeiras sobre o evangelho das conveniencias de uma certa associação, *inimiga da liberdade*—a maior das prerogativas, com que o Creador distinguio o rei da criação—mas sobre tudo inimiga das verdadeiras doutrinas de Christo, avessas inteiramente ao programma financeiro dos especuladores da agua de Lourdes e das bullas pontificias.»

As palavras—*inimiga da liberdade*:—têm uma applicação politica, que, sendo a antiga calumnia d'estes revolucionarios, disfarçados em protestantes, denuncia a todas as pessoas de boa fé quaes são os verdadeiros intuitos d'esta gente, que nem todos podem conhecer pelo que fi-

zeram em Hispanha no anno de 1868, pelo que foram premiados com a imposição da liberdade de cultos áquelle desgraçado paiz, que a não quer.

Não iremos demonstrar que foi o catholicismo quem civilisou e deu a liberdade á Europa, pois que isso nos levaria muito longe, e para tanto não temos espaço; diremos sómente que o protestante Guizot, por isso mesmo insuspeito, confessa que o protestantismo, surgindo na Allemanha, *nada fez a favor da liberdade*;—confissão preciosa, mas que não é completa. Se o fosse, deveria dizer que em toda a parte onde fez invasão levou comsigo o despotismo; e que onde não chegou a irromper, já pelo exemplo, já pela necessidade de empregar contra elle medidas severas, ensinou as praticas do absolutismo real, e firmou-o.

Se puzermos de parte a *liberdade politica*, e nos detivermos a considerar sómente a *liberdade moral*, não podemos deixar de notar com satisfação que as pseudo igrejas evangelicas tivessem *hoje* abandonado(?) o seu erro original contra a liberdade do homem, que negavam, e que por tantos annos e tão tenazmente sustentaram. Devem esta correcção ás irrespondiveis objecções dos catholicos. Devem, pois esse progresso á Igreja, que aborrecem de morte; e bem póde ser que por isso mesmo se aggravasse o seu odio, pois ha homens, cuja inimisade toma proporções tanto mais avantajadas, quanto maiores e mais numerosos têm sido os beneficios recebidos d'aquelle a quem aborrecem.

Assim é que detestam o Concilio de Trento, por terem aprendido d'elle a condemnar as impias doutrinas de Luthero, Calvino, Beza, etc., contra a liberdade do homem, affirmando o primeiro, no seu livro *Servo Arbitrio*, não só que este a tinha perdido pelo peccado original, mas impondo a todos os seus sectarios a crença de que *é Deus que opera no homem tanto o bem, como o mal*; o segundo, sustentando na sua *Instituição*, que *Adão não póde evitar a sua queda*; mas sem deixar por isso de ser culpado, porque *cahiu voluntariamente*, o que além de blasphemo é absurdo pela contradicção entre a *necessidade* e a *vontade livre*; e o terceiro na *Breve exposição dos prin-*

cipaes pontos da religião christan, estabelecendo que Deus faz todas as cousas segundo o seu conselho definido, ainda mesmo aquellas que são más e execráveis.

Tendo mostrado qual era a doutrina dos primeiros chefes da chamada reforma, que formaram as igrejas d'onde saíram bandos de outras, parece-nos inútil, e d'alguns mesmos não poderíamos fazel-o, consignar a que ensinaram os fundadores d'estas igrejas secundarias; mas não o é darmos os parabens aos protestantes modernos que emendaram em parte os erros dos seus mestres de protestantismo, indo buscar as lições á Igreja Catholica, á qual todavia cobrem de improperios e dão punhadas, como os seus antecessores o faziam em Jerusalem ao proprio Christo, de quem tantos beneficios tinham até alli recebido. E' verdade que tomaram outros erros não menos blasphemos.

E por ésta occasião, embora muito de passagem, devemos notar que não estranhámos este ingrato procedimento contra a sua Mãe espiritual que abandonaram, quando não se cohibem de insultar o seu patriarcha Luthero, e o seu papa Henrique VIII, dizendo com um entono que faz rir por uma parte e em quanto a elles refere, e ao mesmo tempo cáe n'um erro palmar de historia; e por outra parte confrange tanto o coração, em quanto se atreve a blasphemar do Redemptor, dizendo:

«Nem Luthero, nem Henrique VIII, o *deffensor fidei*, foram os paes da reforma. O unico reformador, conhecido e reconhecido historicamente (*sic*) e pela fé, foi Christo—Jésus.»

O primeiro membro d'este período expressamente declara que se envergonham d'estes seus paes na heresia e no scisma; e essa vergonha, embora tardia, é a confissão plena de quanto consideram deshonrosa uma tal paternidade! E com relação a Luthero é um desmentido embora bastante deshonroso para quem lh'o dá, não só porque elle sempre se considerou pae da pseudo-Reforma, e um propheta de Deus para realizal-a, mas tambem lhe reconheceram por mais de tres seculos essa qualidade. Será crível que X ignore este ponto essencial da historia do protestantismo? Não o crêmos. Seja porém como fôr, por mais

ignobil e immunda que considere essa paternidade, não lhe foge por ésta sua simples negativa.

A blasphemia contra o Redemptor (e tão evidente em um ponto, como n'outro mais secundario, mas em summo gráu impertinente), é a desattentada invocação á historia. Esta, assim como a fé, o que dizem a quem não usa alterar a verdade, é o contrario do que se atreve a affirmar. Não, o nosso Divino Redactor não é o auctor da falsa reforma, d'onde nasceram as dezenas de denominações protestantes. As herezias de Luthero, Calvino etc., datam de 1520 pouco mais ou menos; e para que Nosso Senhor Jesu-Christo fosse o auctor d'ellas, teria sido preciso 1.º que por espaço de dezasseis seculos houvesse completamente abandonado a Igreja, com a qual tinha promettido estar todos os dias até á consummação dos seculos; 2.º que podessem de sua divina Boca sahir mentiras.

En'isto é que está a blasphemia, e dupla blasphemia. Deus não póde querer enganar; mas o engano teria existido, se X, e todos os protestantes com elle, não espezi-nhassem a verdade, uns de proposito, outros por fascina-dos pelas suas paixões. Ora, Deus teria enganado os ho-mens, já promettendo-lhes uma segurança, e faltando a ella; já dizendo uma doutrina a Luthero, outra a Calvino, outra a Zuinglio, e assim a todos os outros mestres de herezias.

Por fim, X invoca um ponto de doutrina em que os catholicos estão d'accordo com os protestantes christãos (o que não são já os mais d'elles); e depois com animo re-torcido e perfido escreveu:

«Temos a certeza de que, n'este campo, não teremos adversarios. Os campeões do *romanismo* não gostam da lucta na estacada, com armas nobres e em leal combate; preferem os ataques de embuscada (*vejam-se o folheto assignado pelo sr. padre Amado, e este assignado por um X: qual d'elles será d'embuscada?*) com os projectis da calumnia, do remoque e do insulto (*ver-se-ha mais tarde quem os emprega e até a falsificação*), arremessados das ameias de um fanatismo estúpido e obnoxio, que degrada o homem e insulta a Omnipotencia.»

Nós não sabemos o que seja romanismo, com quanto

não façamos questão de nomes. D'onde viestes vós senão de Roma? Assim mesmo a não fazemos da frase pagan *baptismo lustral*; e quanto a *Campeões*, não miram tão alto as nossas ambições. Somos apenas soldados rasos do Catholicismo; e n'essa qualidade não podemos nem nós, nem os verdadeiros campeões combater uma doutrina que todos os protestantes receberam das mãos da Santa Igreja Catholica Apostolica Romana; e impossivel é que X o esperasse, como agora finge suppol-o. Mas, apesar de tão humildes, temos por umas quatro ou cinco vezes accudido ao insolente repto ou de anonymos valentões protestantes, ou de inimigos que pareciam mais serios, e nem sombra achamos, quer de uns quer de outros, que respondessem pela sua doutrina; e isto de certo não era por terem piedade da nossa fraqueza. Agora temos a quasi-certeza de que succederá o mesmo, apesar de não sairmos dos limites do campo, a que mais uma vez nos provocaram, e ainda n'este folheto provocam.

E não nos espanta isso. Em S. Paulo, provincia do Brazil, ainda não ha oito annos alguns protestantes convocaram em altos brados á lucta com elles os catholicos; alguns estudantes da Universidade d'aquella cidade, levantaram a luva, e apresentaram-se: travou-se a discussão, que durou duas ou tres sessões, mas á segunda ou terceira, os protestantes abandonaram precipitadamente o campo fugindo á sua derrota. Consignado o facto, os estudantes retiraram-se.

Ha menos tempo ainda, em Roma, tambem chamaram a duello litterario e historico os catholicos, que o acceitaram. A discussão devia versar sobre a estada e martyrio de S. Pedro em Roma; e n'ella, apesar dos subterfugios, dos remoqueos, e das chicanas a que recorreram, força lhes foi emmudecer, não obstante a protecção do poder civil dos usurpadores de Roma, que esperava dar á maçonaria e ao protestantismo um alegrão pela derrota dos catholicos; e teve o dissabor de os vêr a elles victoriosos, e corridos os inimigos d'estes, os protestantes e mações ¹.

¹ Depois da publicação d'este artigo, deu-se na Ilha da Madeira caso quasi igual. Um conego d'aquella Sé chamou a debute com elle

Não é, pois, do lado dos catholicos que se costuma fugir á discussão, nem que se insultam os adversarios. Se alguma vez se lê alguma palavra mais viva, ou acerba, é como justa represalia de outras mais duras ainda, que estes dirigiram antes aos objectos do seu amor e veneração; e mesmo como represalias de justiça nem são individuaes, nem deixam de ser auctorizadas pela historia. E comtudo é d'isso que se mostra X mais magoado. Affectando esquecer-se das invectivas e sarcasmos injuriosos de todos os escriptos protestantes contra os catholicos, e mais modernamente do insensatamente nomeado *Quarenta e dous artigos*, onde as injurias são aos cardumes, finaliza esta especie de prologo escrevendo o seguinte:

«Não é proposito nosso responder ás diatribes de sua reverendissima (o sr. Padre Amado). Os epithetos de assassinos, ladrões, immundos e miseraveis, são joias, que não pôde alienar a seita a que pertence o illustre pampheletario (*sic*), auctor do folheto á venda nas sachristias da egreja da Encarnação e outras. Conserve-as, pois; adorne-se com ellas, e use-as sempre, já que de direito e de facto lhe pertencem. Vamos ao assumpto.»

E nós tambem iremos. E se pela continuação do nosso trabalho se concluir que todos aquelles epithetos cabem justamente ao conjuncto do protestantismo (a cada um dos que seguem hoje aquelles erros não, pois somos os primeiros a fazer justiça a muitos, de quem temos noticia da sua piedade e honestidade), a culpa será de X, que se permittiu falsificar a historia para calumniar a seu salvo a Igreja Catholica, terna mãe, contra a qual se rebellou, e a empregar estatisticas mentirosas.

Ver-se-ha então que disse, irreflectidamente, uma verdade, quando negou ao que chama seita, e que é a verdadeira Igreja, o direito de alienar aquellas joias. E é assim, porque ninguem pôde alienar o que é de outrem: e este outrem, é o protestantismo, e alguns padres apostatas.... Não sabemos se nos entende.

Se o sr. padre Amado pôz o seu folheto nas sachristias o chefe da missão protestante d'alli, e este valente propangandista não se atreveu a acceitar o certamen honroso.

tias, é, provavelmente, porque os catholicos não recebem annualmente das associações politico-protestantes estrangeiras milhares de libras, de aguias, e de pezos duros etc., como recebem certos protestantes, estabelecidos em Portugal.

II

MALICIA, E IGNORANCIA DOCTRINAL E HISTORICA

Não faltou quem nos levasse a mal o termo-nos intro-mettido n'uma discussão ardente com a qual nada, tinhamos que vêr. O protestante X, dizia-se, arremetteu só contra o sr. padre Amado, que sabe muito bem responder-lhe, se quizer; quem chamou lá o *Bem Publico*?

A outra casta de censores bastaria dizer-lhes, que a questão interessa a todos os catholicos, e não está restricta só a duas pessoas — o sr. Padre Amado, e um protestante que se esconde por detraz d'um X; mas como não entenderiam esta linguagem, vamos dar-lhes uma razão, que talvez os convença. No folheto de X, a pag. 42, lin. 3 lê-se:

«Finalmente, nem christã pôde chamar-se uma igreja que... inscreveu, no livro dos seus santos, uns certos subjeitos ainda menos dignos que o revd.^o padre Amado, que com o seu folheto e outros que, sabemos, vae publicar, tem jus a ser canonisado com o sr. Sousa Monteiro, redactores da *Nação* e todos os membros da *Associação Catholica*.»

Fomos chamados á auctoria; seria cobardia não comparecer, comparecemos. Ainda nos censurarão?

Dada esta explicação, continuaremos a analyse do folheto, começando pelo capitulo I, que se intitula — *Os romanos do passado*, e abre pelos seguintes periodos:

«O titulo d'este capitulo colloca-nos em face de uma questão, sobre a qual assenta o edificio da supposta (*sic*) supremacia da igreja de Roma e do vicariato, que se arrogam (*sic*) os seus bispos.

«Os livros sagrados são mudos, como sepulchros, a

esse respeito; e se tivéssemos de provar, com textos da Escriptura, tal supremacia e primado, seriam á igreja de Jerusalem conferidas as honras de Igreja-mãe e a S. Paulo entregue o bastão do poder e as insignias de chefe do apostolado.»

Pois é pena que o não fizesse para vermos como poderia provar, com textos da Escriptura, que as honras de Igreja-Mãe deveriam ser conferidas á igreja de Jerusalem, e a S. Paulo, que nunca foi bispo d'esta igreja, o bastão e as insignias de chefe do apostolado. Havia de ser curioso e divertido; não tanto, assim mesmo, como é a peregrina asserção de que os livros sagrados são mudos. E' pena que lhe tivesse esquecido de accrescentar *sem epitaphio*, pois o d'estes sepulchros é bem eloquente. Custar-lhe-ia tanto uma coisa como a outra. Fez, pois, muito mal.

Ha quem pense, e nós também, que o X dizendo não se encontrar nos textos da Escriptura nada que auctorisasse o primado e vigariado dos Bispos de Roma, cuidou fugir a uma grave difficuldade; e com effeito nenhuma outra razão accetavel se encontra para estender um deuso vên sobre o texto de S. Mattheus, cap. XVI, vv. 17 a 19 (1); S. Lucas, cap. XXII, vv. 31 e 32 (2); S. João, cap. XXI, vv. 15 a 17 (3), pois pelos textos d'estes livros sagrados é evidente que não são mudos, e que o X faltou voluntariamente á verdade, ou é d'uma ignorancia fóra do commum.

Condescendamos porém, por um pouco a fazer-lhe a vontade para supprimos com elle que são com effeito,

(1) Respondendo então Jesus lhe disse: Bemaventurado és Simão Bar-Jona, porque não foi a carne e o sangue que a ti o revelou, mas sim meu Pae, que está nos Ceos.

E eu te digo a ti, que tu és Pedro (*Cephas*) e sobre esta pedra (*Cephas*) edificarei a minha Igreja, e as portas do inferno não prevalecerão contra ella.

E a ti darei as chaves do reino dos Ceos. E tudo o que ligares sobre a terra, será ligado também nos Ceos: e tudo o que desligares na terra, será desligado também nos Ceos.

(2) Disse também o Senhor: Simão, Simão, eis ahi Satanás vos pediu com instancia, para vos joeirar como trigo;

Mas eu roguei por ti, para que não desfalleça a tua fé; e tu, uma vez convertido, confirma os teus irmãos.

(3) Tendo pois elles jantado, disse Jesus a Simão Pedro: Si-

senão mudas, pouco explicitas as Sagradas Paginas. Sendo assim, deve então desde já explicar-nos porque os scismaticos gregos e muitos protestantes tanto se affadigam em fazer crer aos seus carneiros de Panurgio que ás passagens citadas se deve dar outra intelligencia (Nós temos diante de nós a prova d'estes esforços de volatim d'alta escola na *Historia da Igreja* pelo dr. em theologia da Russia Wadimir Guettée). Póde alguém accreditar que tantos sabios empregariam todas as suas forças para achar sofismas, alguns que chegam a provocar o riso, para *refutar a mudez*, ou quasi mudez dos livros sagrados? Não, não ha.

Tudo, pois, se conspira para denunciar e condemnar se não a deslealdade pelo menos a ignorancia de X, que não córa, por saber que não é conhecido.

Os referidos textos mostram com effeito, não obstante as argucias de uns e a insensata negação de outros, que a Pedro só, entre todos os individuos do collegio apostolico, foram dados poderes especiaes, além dos poderes geraes, do sacerdocio, do episcopado, e do apostolado que a elle e aos outros Apostolos «tinham sido igualmente repartidos;» e que estes mesmos lhes foram dados estando Pedro presente. D'aqui resulta em boa logica:

1.^o Que os poderes especiaes conferidos a Pedro só por elle, e depois da sua morte pelos seus successores, podem ser exercidos;

2.^o Que estes poderes, que se exprimem pelo nome de Primado, encerram os dos demais Apostolos, ao passo queos d'estes não encerram o Primado;

3.^o Que d'este Primado emana o governo ordinario de toda a Igreja, ou o pastoreamento universal, figurado pelo symbolo das *Chaves do reino do Céu*.

Póde agora contender quanto quizer; mas sempre é

mão, filho de João, amas-me mais do que estes: Sim? Senhor, tu sabes que te amo. Disse-lhe Jesus: Apascenta os meus cordeiros.

Disse-lhe outra vez: Simão, filho de João amas-me? Respondeu-lhe: Sim, Senhor, tu sabes que te amo. Disse-lhe Jesus: Apascenta os meus cordeiros.

Disse-lhe terceira vez: Simão, filho de João amas-me. Ficou Pedro triste por lhe ter dito terceira vez: Amas-me? E lhe disse: Senhor, tu conheces todas as cousas, tu sabes que te amo. Disse-lhe Jesus: Apascenta as minhas ovelhas.

bom saber que os mais sabios protestantes contradizem as suas pertencções com vehemencia.

Entre outros mencionaremos:

«*Cobbett*: Jesu-Christo escolheu a São Pedro para chefe da sua Igreja.»

«*Grocio*. Nenhum verdadeiro christão negará que S. Pedro tenha estado em Roma.»

«*Cave*. Seria desmedida loucura negar que S. Pedro esteve em Roma, ahi fundou a Igreja, e a glorificou com o seu sangue.»

«*Cobbett*. S. Pedro morreu martyr perto de sessenta annos depois de J. Christo; mas succedeu-lhe outro, e temos a certeza de que até hoje a ordem da successão subsiste sem interrupção. E é certo que as perseguições de que a Igreja foi victima durante os tres primeiros seculos impediram bastantes vezes os bispos supremos, os successores de S. Pedro, de fazerem valer publicamente a sua supremacia.»

«*Grocio*. A Igreja é um corpo composto de muitos membros reunidos sob o bispo de Roma. E' uma consequencia do principio da supremacia que S. Pedro tinha sobre os outros Apostolos pela instituição de Jesu-Christo. A unidade debaixo de um só chefe é o remedio melhor contra toda a especie de scissão, como o diz a Escriptura, e o prova a experiencia.»

«*J. von Muller*. Dizem que o papa não é mais do que um bispo. Sabe-se que papa corôou Carlos Magno primeiro imperador; mas quem é que creou o primeiro papa? O papa era um bispo, mas era tambem o Santo Padre, o supremo pontifice, o grande califa (é assim que o chamava Ibo Albufrede, principe de Hamath) de todos os reinos, de todos os principados e de todas as cidades nos paizes do Occidente. E' elle que, pela religião e o temor de Deus, domou a mocidade desenfreada de nossos estados; vós o vêdes trabalhar para que a Igreja se não separe de seu pastor supremo e os filhos de seu pae; procurar, no meio do estrondo das armas, fazer ouvir aos reis a voz de Deus, e, poderoso sómente pela mansidão, fazer-se venerar por milhões de homens.»

Está claramente provado que a instituição do Primado,

ou Papado é de origem divina, pois que os Evangelhos fazem menção d'elle; o que era o unico criterio exigido por X para lhe reconhecer essa instituição divina.

Mas, como o seu fim é enganar, e não esclarecer, accrescenta que «S. Paulo não ommittiria o *papado*, quando enumera, no versiculo 28 do capitulo XII da sua primeira epistola aos Corinthios, os empregados (*sic*) permanentes e extraordinarios da Egreja, dando o *primeiro logar* aos apostolos»; sem advertir que S. Paulo não estava enumerando funcionarios, nem funcções, permanentes ou extraordinarias da Igreja; elle respondia ás *communicações* que lhe tinham sido feitas, e providenciava conforme as necessidades d'aquella Igreja afflicta pelas desordens. Elle reprehendia os que se vangloriavam dos dons sobrenaturaes que tinham recebido, ou affectavam possuir; e tambem aquelles que se affligiam de os não terem, ou só alguns possuirem.

Não leu X ésta epistola, e nem ao menos os versos antecedentes e os subsequentes do 28 que citou do cap. XII. Se o tivesse feito, por mais bronca intelligencia que tivesse, conheceria que não se tratava de tal enumeração de funcionarios. Se não diga-nos, qual era a ordem dos prophetas, qual a dos doutores, a dos taumaturgos, a dos que curavam doenças, dos polyglotas, e a dos interpretores das linguas na organização da Igreja em tempos de S. Paulo, isto é no anno 56 da era vulgar, em que se supõe ter sido escripta? Nenhuma; não ha monumento que o prove, nem escripto, nem oral.

Muito deliberadamente empregamos ésta allusão á tradição por vermos que X figura por vezes de tradicionalista, contradizendo assim o principio *fundamental* de todas as seitas protestantes — odio á tradição. Verdade é que ellas tambem fazem o mesmo quando isso lhes convém.

Logo se verá porque o fizemos. Agora queremos sómente considerar um argumento que reputa de tamanho valor que o reservou para o fim, e é que, sendo o Primado «um ponto capital de doutrina, nem o crêdo dos apostolos, nem o de Niceia nem o de Santo Athanasio fallam de tal;» e só «no chamado (*sic*) crêdo de Pio IV, no anno

de 1564, com outras inovações (*sic*) e abusos (*sic*), sancionados antes pelo concilio de Trento, em 1545.»

Pois enganou-se. Ha muitos dogmas capitaes de doutrina que não se acham explicitamente consignados n'aquelles sym-bolos (fosse qual fosse o motivo que não temos de investigar aqui), e nem por isso deixam de ser objecto de crença, até mesmo para muitas seitas protestantes. Por este lado, o argumento não prova nada visto provar de mais. E não póde allegar-se que não fallam do Primado por não estar expressamente mencionada a doutrina; acha-se implicitamente incluído nas palavras—*A Santa Igreja Catholica e Apostolica*, onde o artigo A é indício de sua unidade, que não teria se lhe faltasse o Primado; e a prova está nas proprias palavras de Christo por vezes proferidas, e até nas centenas de seitas, nascidas antes e depois da revolta de Luthero.

A *soberba, ambição e orgulho* (não será o mesmo que soberba?) que attribue a Pio IV, são grossarias de mal educado exhalando a sua raiva, e nada mais. Prova-se isto pela referencia ao Concilio de Trento, em conformidade de cujas decisões, a que tambem grosseiramente chama «inovações (*sic*) e abusos», expressamente se declarou o *Primado*, por isso que os protestantes o tinham negado por occasião da sua revolta com o fito de justificar-a.

Continuando a suppor-nos na sua ordem de ideas de que o Primado não fôra instituído por Deus, mas por acto humano, deveríamos perguntar ao X qual foi o Concilio ou imperador que o estabeleceu em favor do Bispo de Roma, se nos não cerrasse a porta com dizer que este Bispo se arrogara a supremacia na Igreja. Ou ignora a significação de *arrogar*, ou hade ter o incommodo de nos dizer a quem ella pertencia, se por determinação divina, se por decisão humana, e qual foi ella: e como consequencia necessaria d'isto, qual foi o Bispo de Roma que o fez, a occasião em que o fez, o modo ou acto como levou a effeito essa arrogação, e qual seria o motivo porque nenhum bispo da christandade reclamou contra ella, e nem sequer protestou o bispo esbulhado; o que é uma coisa tão peregrina, tão fôra de todas as idéas, que sem uma evidente demonstração historica, é difficil de conceber, e menos de accreditar.

E sobre este ponto, nada mais diremos por ora.

Segue X mostrando empenho em que o sr. padre Amado lhe diga «em que parte da Escriptura se falla do Purgatorio, onde se falla, n'ella, das indulgencias, d'onde consta a instituição divina e sacramental da ordem, matrimonio, extrema-uncção, confirmação e penitencia, e onde se prescreve o culto pagão (*sic*) da adoração (*sic*) das imagens; «como quem por este modo quer intimar a todos os catholicos, e até scismaticos, todos representados pelo sr. padre Amado, a que considerem condemnavel e digno de reprovação tudo o que se não achar na Escriptura.

E' a sua regra de fê, o seu criterio. Muito bem; mas n'esse caso hade saber-nos dizer d'onde veio á Escriptura tamanha auctoridade que por causa d'ella rejeita a tradição. Talvez nos diga que a Escriptura foi inspirada por Deus; e, se o disser diz bem, não como rasão para proscrever a tradição, mas como a consignação de um beneficio de Deus; comtudo quereríamos saber como pôde affirmar-lo? quem lh'o disse, e de que modo veio ao seu conhecimento que a Escriptura tinha sido inspirada por Deus, senão por via da tradição? e eis que não pôde mais proscrever a tradição sem condemnar a sua propria crença na divina inspiração da Escriptura.

Mais, onde acha n'ella o preceito de administrar o baptismo ás creanças, mesmo recém-nascidas? tanto não pôde achal-o, que, bem pelo contrario, seitas ha no protestantismo que n'ella encontram textos em que se fundam para reprová-lo. E não obstante isso, todas as seitas conhecidas aqui em Lisboa, admittem os recém-nascidos ao baptismo.

E sendo a Escriptura a unica e imprescindivel regra de fê, qual é a que dirigia os christãos emquanto a não houve? e mesmo depois d'escripto o Evangelho de S. Matth. e varias Epistolas, qual era a regra de fê de muitos milhares de christãos, que as não tinham, não podiam lê-las, e apenas pela tradição lhes constava o que continham?

Não foi nossa intenção n'isto que levamos dito pol-o em difficuldades, apontar-lhe para as contradicções em que

os protestantes são obrigados a cahir, tirarmos represalias, ou esquivarmo-nos a responder ás suas perguntas, que já nos fazem rir á força de renovadas e respondidas: quize-mos sómente mostrar-lhe que essa sua regra de fé, assim absoluta, é simplesmente irrasoavel; e que por isso tão frequentemente, e em pontos essencialissimos são obrigados a contravir a um de seus dogmas, mais fundamental.

Dito isto vamos responder ás suas objecções em forma de perguntas; e como queremos proceder com toda a lisura começaremos copiando a primeira:

«Não se encontra nas Sagradas Escripturas a palavra *purgatorio*, nem nos consta que a empregassem os padres dos tres primeiros seculos. Apparecem, no quarto seculo, os primeiros vestigios d'essa superstição, que tomou grande incremento no quinto e foi prégada, publicamente (*pois tambem se préga em segredo?*), no anno 600, pelo papa Gregorio I.»

Se dissesse alguém que o *purgatorio* se achava nas sagradas paginas, ou que os escriptores sagrados dos tres primeiros seculos da Igreja a empregaram, teria dito uma necedade; em presença do que deixamos ao X o encargo de qualificar a proposição contraria exposta com tanta solemnidade. Mas se em vez do vocabulo, quiz referir-se á idea que elle representa, podêmos asseverar-lhe com toda a segurança que se engana de meio a meio, e engana os simples que confiem na sua lealdade e sciencia. Abra X o Evangelho de S. Mattheus, no cap. V vv. 25, 26, e ahí lerá a primeira passagem onde o proprio Jesu-Christo indica a doutrina do purgatorio, ainda que não empregue o termo (1); e no XII, v. 32 a segunda passagem pela qual o divino Salvador manifesta a mesma doutrina mais claramente (2).

(1) Accommoda-te com o teu adversario sem demora enquanto estás em caminho com elle: para que não succeda que te entregue ao Juiz, e o Juiz te entregue ao ministro, e sejas mettido no carcere.

Em verdade te digo, que *não sahirás d'ahi até que pagues o ultimo ceitil.*

(2) E todo o que disser alguma palavra contra o Filho do homem, ser-lhe-ha perdoada: mas o que a disser contra o Espirito Santo, *não lhe será perdoada nem n'este seculo nem no futuro.*

Achará a terceira passagem nos Actos dos Apostolos, cap. II, 24 (1); e a quarta na I Epist. aos Corinthios, cap. III, v. 15 (2): e outras passagens mais que por brevidade omittimos.

Estes srs. protestantes que tem a presumpção d'estudar muito a Biblia, e accusam os catholicos de a não lerem, estão a cada passo a ser apanhados pelos catholicos em flagrante delicto de a terem sempre cerrada.

E o que dissemos relativamente á Sagrada Escripura do Novo Testamento, d'onde não quizemos sahir, repetimol-o aqui relativamente aos padres dos tres primeiros seculos. Não lhe consta que a empregassem, não a palavra mas a doutrina, porque os não leu; se lêsse p. e. S. Justino, martyr em 167, no seu *Dialogo com Tryphon*, n.º 105, tel-a-ia encontrado; o mesmo em Clemente d'Alexandria (*Strat.* liv. 6, cap. 14), e em Tertulliano (*De Anima*, cap. 35 e 38) etc.; e por fim S. Cypriano (*Epist.* 52 *ad Antonian.*): aquelles no segundo seculo, e este nos principios do terceiro, apressam-se a mostrar o erroneo da sua asserção.

Continuando, este imprudente mas medroso adversario diz:

«O *purgatorio* inventado pela egreja romana é um lugar de expiação dos peccados veniaes, de cujas penas as almas podem ser aliviadas por meio de suffragios, missas, indulgencias e orações (*e porque não, tambem esmollas?*)

«Para os espiritos, não sei se digamos demasiadamente credulos, se demasiadamente ignorantes, a theoria do purgatorio é terrorista (*sic*) e assustadora; mas para os que especulam com ella, sabemos nós (*sic*) que é uma fonte riquissima e inexaurivel de interesses e proventos.»

Começaremos a nossa resposta aos dois periodos acima dizendo que o ensino da Igreja Catholica é que o Purgatorio é um lugar d'expiação para as almas, cujos peccados veniaes não chegaram a ser perdoados, e da plena satisfação pelos mortaes, que lhes foram perdoados. Se X,

(1) Ao qual (*Jesu-Christo*) Deus resuscitou, soltas as dôres do inferno, por quanto era impossivel ser por elle retido.

(2) Se a obra de alguem se queimar, soffrerá a perda; mas elle será salvo, todavia assim como pelo fogo.

o que até certo ponto auctoriza a crer a mascara que collou ao rosto, é um padre apostata como se pertende, provada fica pelo que deixamos dito a sua ignorancia da doutrina da Igreja; e tambem o que vamos dizendo provará a da doutrina da seita, qualquer que seja, que abraçou por motivos que não vem para aqui repetir, e que em todo o caso se não escoraram em desintelligencias doutrinaes.

Quer lêr o que cinco (entre muitos mais) theologos protestantes allemães dizem do Purgatorio? Aqui lh'o transcrevemos:

«A dogmatica christan é conduzida naturalmente a adoptar um estado intermedio onde não reinam nem a felicidade do ceo nem os tormentos do inferno, isto é o *purgatorio*, onde não está desvanecida toda a esperanza de uma melhor vida. Quando na doutrina protestante se falla de grãos de felicidade e de desgraça, só se procura fugir a uma difficuldade: o ultimo gráu de felicidade e o menor gráu de desgraça tocam-se; entre elles existe um estado intermedio (*Köppen. t. II*).

«Que cousa ha na religião christan que empeça de admittir um estado medio? Como se a maior parte não o tivessem realmente. Este estado intermediario, ensinado e reconhecido pela Igreja antiga (Catholica), os nossos reformadores, apesar do abuso escandalozo de que tinha sido a causa (*note-se que é um protestante a fallar*) não teriam devido rejeital-o absolutamente (*Lessing. Theolog.*)»

«Onde estão aquelles que poderiam passar á outra vida sem imperfeições e fraquezas? A Escriptura diz: *Nada com mancha entrará no reino dos ceos*. O que pensar d'aquelles que só se convertem no leito da morte, a quem se não poderia sem duvida recuzar a graça do perdão, mas incapazes, visto o pouco tempo que lhes resta de vida, de se desprenderem, a não ser por milagre, de inclinações que lhes são uma segunda natureza; incapazes de adquirir virtudes a que ficaram extranhos até então; e de indemnizar aquelles a quem cauzaram damno? (*Horst, citado por Hoeninghaus*).»

«O maior numero dos homens não é assaz bom nem assaz máu para merecer o ceo ou o inferno; é por isso que a Deus approuve estabelecer um estado espiatorio on-

de as almas são purificadas por um certo gráu de penas (Johnson, *Schriften*).

«A expressão de *fogo do purgatorio* (*purgatorium*) é muito conveniente para dar a idea das penas de um lugar intermedio. *Purgatorium* sómente significa meio de purificação, relativo ao lugar e ao estado das pessoas (*von Meyer*).»

Arguindo a Igreja Catholica (romana lhe chama) de ter inventado o dogma do purgatorio, asserção que já mostramos quanto era contraria á verdade, nem sequer advertiu que formal desmentido se dava a si mesmo no tocante a ter-se o Papa arrogado a supremacia sobre toda a christandade, visto que já no tempo de S. Justino (principios do segundo seculo), podia impôr, e sem a menor apparencia de opposição, este dogma a toda a Igreja.

Quem lhe metten em cabeça quanto a este respeito escreveu, adivinhava que lhe não custaria muitô isso. Ora diga-nos, seria por terem espiritos «demasiadamente credulos», ou pelos terem «demasiadamente ignorantes» que um grande numero de heresiarchas, e muitas seitas protestantes reconheceram «a theoria do purgatorio?». E o mesmo as igrejas scismaticas? E fal-o-iam por ser «terrorista e assustadora», ou por ser uma doutrina d'esperança e consolação, e por ser tambem uma verdade de fê, aprendida antes do seu scisma, e de simples intuição? Como protestante, era do seu dever saber-o; mas provavelmente não o sabe. E' capaz até de o negar, o que é um meio facil e muito seu conhecido de se tirar de apuros; e nós cá estamos para vêr mais essa cabriola!

Tambem concordamos que possa haver quem especule com essa doutrina. Era talvez X um d'elles, e será a isso que allude quando com tanta emphase diz: *sabemos nós*. Se não havia de saber-o!... Agora, o que sabemos é que não é «uma fonte inexhaurivel de interesses e proventos:»

- 1.º porque, dada aquella supposição, X não apostataria;
- 2.º porque os padres catholicos suam o topete para receber uns magros tres tostões diarios, quando recebem; e os ministros que conhecemos vestem á janota, usam de reloujo, cadea, botões de camiza e anneis de ouro, e alguns ha que tem o dog-cart em quanto os catholicos vestem po-

bremente, e andam a pé. Com o *officio*, o protestantismo é muito mais rendoso, afóra *outros achegos*...

Uma pergunta mais. S. Justino, Tertulliano, S. Cypriano, Santo Ambrozio, Santo Agostinho etc., *inventariam* esta doutrina do purgatorio por especulação? Veja se nol-o diz para nossa edificação. Poderia essa resposta servir para inquirirmos se as seitas protestantes que não se atrevem a negal-a, nem a affirmal-a, e a sua que a nega formalmente, e só admite o Ceo e o Inferno (aquelle para «premio dos justos», e este para «castigo dos maus»), fal-o-ia para não aterrar, nem assustar os seus fieis, ou só para arranjar uma fonte mais pingue de proventos, e de interesses, promettendo-lhes algum subterfugio, que os livre do Inferno, sem terem de se entregar a qualquer mortificação n'este mundo; porque se ésta desagrada a quem gosta de se divertir, aquelle não faz bom cabello a ninguém.

III

CONTINUA A DEMONSTRAÇÃO

«A distincção (diz este X) de peccados mortaes e veniaes e a expiação *temporaria*(?) e *remivel*, a *dinheiro*, dos *peccadinhos* (*sic*) é uma burla, punivel pelas leis dos paizes civilisados, que prohibem mystificações d'essa ordem e devem castigar os roubos industriosos.»

Não quer X reconhecer a distincção entre peccados *mortaes* e *veniaes*; mas ou elle propõe aqui uma questão de palavras, ou não sabe o que diz. Como chama elle aos peccados que a Confissão Saxonica, e Melancton distinguem entre peccados que *expulsam do coração o Espirito Santo*, e peccados que *o não expulsam*? Assim algumas igrejas protestantes distinguem tambem. Porque não distinguirá este X?

Quanto á expiação temporaria (que não percebemos bem a que proposito vêm aqui), e a *remivel a dinheiro*, lêmos o seguinte no *Jornal da Noite* de 14 e 15 d'abril:

«*Athenas 13*.—Os ex-ministros accusados de simonia foram condemnados um em dez mezes de prisão e os outros em um anno. Os tres arcebispos, cuja nomeação ori-

ginou o processo, foram condemnados ao pagamento de uma grande multa.»

Aqui estão culpas, cuja expiação é remível a dinheiro pelas leis dos gregos, que são scismaticos; e podêmos acrescentar que não ha paiz algum civilisado que nos seus codigos não reconheça esta mui rasoavel doutrina; e designadamente os Estados Unidos e a Inglaterra (as multas não são outra cousa). E mais não se lhes chama *roubo industrioso*, a não ser talvez no vocabulario de que usam X e quejandos, onde se chama *luz às trevas*, e *trevas á luz*.

Ora, na Igreja Catholica o que é remível a dinheiro não é a culpa (salvas as restituições), mas a penitencia d'ella, e só nos casos de infracção de leis ecclesiasticas.

*

* *

Advertiu X que se todos os peccados forem *mortaes*, o seu inferno hade ser muito povoado, e o Ceu pelo contrario estará ás moscas; e que se todos forem *veniaes*, o Ceu de que dispõe hade ser perigoso como o pinhal de Azambuja (mais ainda que Londres), e o seu inferno um objecto de mero luxo, bom para os seus adherentes se recolherem quando o barometro estiver mais alguns grãos abaixo de zero, do que estavam acostumados a sentir na terra? N'isto póde estar escondido o desconchavo; mas como ainda o não manifestou por escripto, não queremos attribuir-lh'o por meras conjecturas, e tanto mais que é ao mesmo tempo uma doutrina immoralissima.

*

* *

O homem atira-se de cabeça abaixo e olhos fechados contra as indulgencias; e por tal modo que lhes chama «notas falsas;» á Igreja Catholica, «falsificadora», e ao «revd.^o padre Amado» um dos agentes que «vivem d'essa industria sacrilega;» o que é levar muito longe o ardor da polemica e o amor da calumnia, pois ser-lhe-ia muito difficil escapar á justiça dos tribunaes, se o offendido recorres-

se a elles para desaffrontar-se; o que de certo não fará o sr. padre Amado, que se reputa feliz com as injurias que, por amor da causa de Deus, e bem das almas, lhe at ra este protestante.

E aqui diremos que X falta á verdade quando falla em «vendagem de bullas», a proposito de indulgencias e benções, pois as indulgencias e as benções são puramente gratuitas. As «dispensas», que só a ignorancia palmar, ou a má fé brutal póde confundir com as *indulgencias*, não são mais custosas do que as que concede a rainha d'Inglaterra, papisa protestante; apenas com uma differença, e é que os anglicanos pobres não podem obtel-as por não terem as muitas libras que se lhes exigem; e entre os catholicos, as que dependem de Roma, directa ou indirectamente, são gratuitas para os pobres, a quem são passadas *in forma pauperum*. Os bentinhos, escapularios, contas são obra de industria particular, com que Roma nem os padres nada têm. Pelas «missas» recebem os padres uma esmolla, que varia entre 120 reis o minimo, e 500 reis o maximo, que é muito extraordinario; e recebem-n'a porque são pobres e tem direito a viver do Altar pois que trabalham no Altar, como dizem as Sagradas Letras. Estes padres não têm *distribuições* de 30 ou 40\$ reis por mez, como os apostatas que, para tel-as se *venderam* ás seitas protestantes, e andam como os gallegos de seita para seita. Onde a pitança é maior fazem scisma para ir para lá. O X hade entender-nos.

«O concilio de Trento (diz elle) foi o primeiro que sanccionou (*sic*) as indulgencias; mas essa inovação (*sic*), a que se não póde assignar data (*como sabe então que o é?*) é muito anterior, porque o *Livro das Taxas para a remissão de peccados é obra da chancellaria romana*, sob o pontificado de João XXII, em 1334; e já antes, em 1063, o papa (S.) Gregorio VII (*e seculis antes d'elle S. Gelasio I*) tinha concedido algumas.»

Quasi não ha n'estas palavras uma asserção que seja verdadeira, ainda mesmo abstrahindo da confusão entre *indulgencias* e *dispensas*, que tem visos de ser arteira. O Concilio de Trento não sanccionou as indulgencias, porque sendo ellas de direito divino, a sua sancção era inutil; af-

firmou-as solemnemente porque os protestantes negavam-n'as: e que o são, mostra-o S. Paulo na II Corint. c. II, v. 10 (1), cuja leitura recommendamos ao X. No terceiro seculo os montanistas exprobraram á Igreja a facilidade na concessão das indulgencias; e bem sabido é que a ésta facilidade se devem attribuir os sarcasmos e as violencias de Tertuliano. No quarto seculo os novacianos tambem vituperaram a Igreja por egual motivo: tudo isto não só facilita a achar a data, mas até serve a estabelecer-a com a maior segurança. De modo que o repetido *era não era* do periodo que deixamos copiado só prova grande ignorancia, e não menor malevolencia de X.

Ao que vae dito só ha uma resposta possivel, que não abona muito nem a clareza da intelligencia, nem os conhecimentos Escripturaes e historicos do X; mas que lhe pôde servir para deitar mais um punhado de poeira nos olhos dos que o admiram. Venha, pois, que lhe faremos a devida recepção, em harmonia com os modos que empregue. Até lá.

Provocamol-o a apresentar, não o *livro das taxas para a remissão dos peccados* pois que nunca se imprimiu, mas o testemunho de um auctor grave e digno de credito, que *affirme* tel-as visto. Suppõe-se, note bem, que elle publicou em 1316 (e não em 1334) um documento estabelecendo *taxas*, não *para os peccados*, mas «para as reservas que tinha creado quanto á collação das differentes classes de funcções ecclesiasticas», o que é cousa mui diversa. A razão d'esta suppozição é que, tendo os Papas d'Avinhão alargado muito as reservas para obterem meios de se manterem, entendeu-se que este Papa deveria symbolisal os a todos. Como não diz se S. Gregorio VII concedeu *indulgencias*, ou *dispensas* por dinheiro, e tão pouco a natureza d'umas ou outras, nada podêmos por ora reflectir a esse respeito. Esperaremos que seja mais explicito para o sermos tambem.

(1) Aquillo que lhe tiverdes perdoado, tambem eu lhe tenho perdoado; porque tambem eu *se uzei de indulgencia* a tenho uzado por amor de vós na pessoa de Christo.

Desencadea-se em seguida contra os Sacramentos e diz com admiravel e ridiculo entono:

«A instituição da ordem, matrimonio, extrema-unção, confirmação e penitencia, como sacramentos, é evidentemente (*sic*) humana.»

Este *evidentemente* é d'um charlatanismo folião. Não o entendem, como quer X, a confissão d'Augsburgo e a sua Apologia (auctoridades protestantes) que reconhecem tambem como Sacramento da instituição divina a *Absolução* (isto é, a *penitencia*); e ainda outro, a Ordem; «que não deve haver difficuldade de admittir n'esta qualidade. . . . porque é determinada por Deus, e recebeu grandes promessas.» Vê-se por isto que em rigor não exclue nenhum dos sette, «com tanto que se rejeite o sentimento que domina em todo o reinado pontifical, de que os Sacramentos operam a graça sem nenhum bom movimento d'aquelle que os recebe;» mas como o tal sentimento é uma calumnia, o que é evidente é que não existe a evidencia que sonhou a ignorancia pertenciosa de X. Mas nós apresentaremos respostas, em parte de origem protestante, e em parte nossas, ás objecções que X expõe contra cada um d'elles.

Nega X a instituição divina do Sacramento da Ordem; respondem-lhe victoriosamente alguns sabios protestantes, entre os quaes escolhemos *por agora* só dous. Wheattey dizia já em 1799: «O Santo Sacramento da Cea foi, desde a sua instituição, olhado e recebido *como um sacrificio*, e *offerecido solememente a Deus sobre o altar*, antes de ser apresentado aos commungantes.» Grundtvig escrevia em 1826: «Não é permittido duvidar que a dupla ordenação do padre e do bispo, que nós achamos na Igreja desde um tempo immemorial não seja de origem apostolica» (isto é, divina). E Kaiser em 1814, exprimia-se assim: «A' ordenação, que se considera hoje na Igreja catholica uma fonte de dons sobrenaturaes, estava unida a mesma graça desde os tempos mais remotos.»

Isto podia bastar, se X não fingisse escorar aquella sua asserção com dous argumentos, um negativo e outro positivo, que são os seguintes:

«Christo instituiu, apenas, dois sacramentos—o baptismo (S. Math. cap. 29 v. 19) e a comunhão (S. Math. cap. 26 v. 26. S. Marcos, cap. 14 v. 22 a 25. S. Lucas, cap. 22 v. 19). Mais nenhum.

«A *ordem* não vem mencionada nas Escripturas, como o sacramento; e o theologo Domingos Soto, cujo testemunho é insuspeito, diz claramente que as ordens clericas não são *vere et proprie* um sacramento.»

Mas ambos elles são falsos, e assentam em equívocos. Certamente, Nosso Senhor instituindo o Sacramento da Ordem não lhe chamou Sacramento; mas, se essa rasão podesse ter valor para este, deveria tel-o também para o baptismo e a communhão, os dous unicos que X reconhece, e aos quaes também não deu esse nome o Salvador. É pois falso, ou mentido este argumento: falso, porque é innegavel ter sido instituido por Christo, como logo mostraremos; mentido, porque mui de proposito se serve da falta de uma palavra, que também se não acha nos dous.

Quanto ao theologo Soto, a lingua portugueza tem um adagio que diz: *uma só andorinha não faz primavera*; e X quer que um morcego figure de andorinha, e faça primavera. A esperteza tem muito de saloia.

Negamos formalmente que tivesse dito Domingos Soto o que X lhe attribue, nem nas suas obras theologicas, nem nos seus discursos nas commissões preparatorias do Concilio de Trento; e provocamos o X a que nos desminta publicando por extenso o seu dizer, e o livro, cap.^o e pag. onde possamos ir verificar a exactidão da passagem que d'elle extrahir.

É deveras que pede se lhe diga quando Nosso Senhor Jesu-Christo instituiu o Sacramento da Ordem? Tome S. Luc. e no cap. XXII, v. 19, lerá que depois de ter convertido o pão em seu corpo, e ensinado aos Apostolos as palavras da consagração, ajuntou: *Fazei isto em memoria de mim*, dando-lhes o poder e o preceito de fazerem o mesmo. Também o verá na I Ep. aos Corint. c. XI vv. 24 e 25. E assim mesmo em S. João verá a instituição da Ordem (cap. XX, vv. 22, 23) quando Ihes deu o poder de perdoarem os peccados; o que não era uma concessão a todos os fieis, mas só aos que fossem *ordenados*, recebendo o Es-

pirito Santo. A pratica da collação d'este Sacramento vel-a-ha nos Act. dos Apost. cap. XIV, v. 22, na ordenação conferida por S. Paulo e S. Barnabé. É muito censuravel que X não lea as Sagradas Escripturas; entrega-se talvez mais á leitura dos romances, e por isso cáe n'estes erros, que lhe são corrigidos a elle protestante, por um catholico. Os sectarios das myriades de seitas accusam os catholicos de não lerem os Livros Santos, e são elles que os desde-nham. Passemos a outro Sacramento, negado egualmente:

«O *matrimonio*, instituido por Deus no paraizo, não pôde ser um sacramento evangelico, por isso mesmo que é muito anterior a Christo.»

Por esta *razão* pôde tambem dizer-se que o Decalogo sendo a lei do Sinay, não é lei evangelica, por ser muito anterior a Christo. *Razão* das que entre nós se chamam de *cabo d'esquadra*, e que denuncia em X a ignorancia de quem é Christo, a Segunda Pessoa da Santissima Trindade que tomou a nossa carne; assim como de que elle não veiu destruir a Lei, mas completal-a. Dirá talvez que Christo se referira ao Decalogo, e com isso restabeleceu-o; e o matrimonio, não o restabeleceu Christo referindo-se a elle, e restabelecendo a sua primitiva indissolubilidade? Vê-se que o não sabe. Ora, pois, lêa em S. Matth. o cap. XIX, vv. 3 a 9, e designadamente o 6; em S. Marc. o cap. X, vv. 6 a 12; e em S. Paulo a Epist. aos Rom. cap. VII, vv. 2 e 3, e aos Ephes. cap. V v. 32: aqui S. Paulo emprega a propria palavra *Sacramento*. Segue logo a Extrema-Unção, da qual escreve:

«A *extrema-unção* é o abuso supersticiozo de um rito, que havia na Igreja primitiva.

«S. Marcos diz no versiculo 13 do cap. 4 (aliás 6) do seu Evangelho—*e ungiam com azeite a muitos enfermos e os curavam*. No versiculo 14 do cap. 5 da epistola universal de S. Thiago lê-se: *Está entre vós algum doente? Chame a si os presbyteros da igreja e estes façam oração sobre elle ungiendo-o com azeite em nome do Senhor*.

«Vê-se claramente das passagens citadas, que a extrema-unção era applicada em forma de remedio, e que os apostolos e presbyteros, se serviam, para a administrar, de

azeite commum e não de oleo bento, que os romanos usam para o seu simulado sacramento.»

O que se vê claramente é a crassa ignorancia e a insigne má fé do X, que se arroga o poder de taxar de *abusos* ritos que confessa serem da Igreja primitiva! Ignorancia, não por se lêr 4 onde se devia lêr 6, o que pôde ser erro de caixa; mas por não saber que Christo não enviou os seus Apostolos como curandeiros para as enfermidades do corpo com fricções d'azeite, mas como medicos para curar almas enfermas pelo peccado. A essencia do poder que lhes elle deu para isso, não tinha, e não tem actualmente, por fim a cura physica, e sim a moral do homem, a que aquella podia servir de meio, e talvez era symptoma por milagre. Este cessou, ou rareou; mas a essencia ainda subsiste no Sacramento. Este X parece-nos um rustico a olhar para uma obra de arte que olha machinalmente para o todo, e não é capaz de lhe conhecer nem observar as bellezas.

A má fé consiste 1.º em ter supprimido o vers. 15 que é o complemento do antecedente, determinando a sua verdadeira significação, e que reza assim: *E a oração da fé salvará o enfermo, e o Senhor o alliviará, e se estiver em peccados, ser-lhe-hão perdoados*; em fazer suppôr que o oleo bento é alguma cousa distincta do azeite de oliveira que é a *materia proxima* d'este sacramento.

O chamar-lhe *remedio* de que os Apostolos e os sacerdotes se serviam, é uma coisa tão pouco séria que nos abtemos de qualificar-a. Nem uns nem outros faziam concorrência aos medicos; e como milagre, tinham os Apostolos esse dom, que não ficou adstricto aos sacerdotes, pois tambem enriquecia a muitos leigos. O mesmo diremos de chamar *abuso supersticioso* a um rito da Igreja primitiva. Era-o o conformar-se com o rito estabelecido pelos Apostolos, ou sómente o era a benção sobre o azeite? No primeiro caso, e querendo ser benevolos, riremos da fatua impertinencia, no segundo caso lastimamos a blasphemia, contra Jesu-Christo que foi quem ensinou os Apostolos a abençoar as cousas de que se servissem para o povo religioso, dando a benção ao pão, que na ultima Cea conver-

teu em seu corpo, e quando por duas vezes multiplicou os pães e os peixes para o povo.

Vejamos agora o pensar de dois protestantes de grande valor scientifico (e não são estes só), a respeito da Extrema-Unção:

«Eu não concebo porque não se havia de manter a Extrema-Unção dada aos enfermos (*Tiag. V, 14 e 15*). Desde a origem da Igreja até ao nosso scisma, ella foi usada em toda a parte; se ella era util n'outro tempo, por que o não seria mais hoje em dia (*Grotius, Vol. pro pace Eccl. IX*)?»

«Não se pôde pôr em duvida que a Extrema-Unção era usada em toda a parte pelos christãos (*Mosheim. Hist. Eccl. Sæc. I, part. II, IX*).»

E não fallamos na arguição aos *romanos* de terem feito um *simulado sacramento*, dez linhas apenas depois de ter confessado que era um *rito da Igreja primitiva*; por vermos que sem o saber denunciou-se tão deficiente de senso commum, como dos conhecimentos indispensaveis para entrar em assumptos da ordem d'este.

A *Igreja primitiva* era, e é ainda hoje a catholica romana; o rito a que se refere é hoje, assim como era então, rito de sacramento, e nem se deu nem se recebeu nunca de outra maneira. Isto fez dizer a um sabio exegete protestante, o sr. Collier o seguinte:

«Eu quereria saber com que auctoridade uma fracção *christan* se affastou, no 16.º seculo, dos ritos da Igreja universal; e se aquelles que vieram tão longo tempo depois são melhores guias do que aquelles que iam aprender nas origens da fé?... Eu por mim penso que se deve adherir de preferencia a Justino martyr, a Ireneu, a Tertuliano, a S. Cypriano, a Arnobio e outros. Estes luminaries brilhantes da Igreja são melhores auctoridades para decidir questões controversas no nosso tempo. Eu pela minha parte aconselharia que se seguisse antes a estes Padres primitivos da Igreja, dotados de virtudes tão amaveis, do que a innovadores do decimo sexto seculo.»

Ora todos estes consideraram a Extrema-Unção um sacramento; e d'isto dão testemunho as igrejas armenia, cophta, jacobita e grega; assim como todos os outros sa-

cramentos, e até o *Purgatorio*, o que todavia ignora o X. Mas prosigamos.

«A *confirmação* não foi estabelecida por Christo, nem pelos apóstolos e não passa de uma antiga pratica da igreja romana, conservada tambem nas igrejas reformadas (*deformadas é que deveria dizer*), como uma especie de revalidação do baptismo.»

Começamos por dizer que os Apóstolos não instituíram Sacramentos, nem tinham poder para fazel-o. Só Deus podia institui-los; e foi N. S. Jesu-Christo que instituiu a Confirmação. (*S. João XVI, 9, 8. S. Luc. XIV, 49; Act. dos Apost. I, 8*). Nunca os Apóstolos a consideraram nem depois os seus successores, como uma *especie* de revalidação do Baptismo, mas como um verdadeiro sacramento que conferia o Espirito Santo (o que deixando agora outros testemunhos se mostra pela passagem da II aos Corint. I, 21 em que S. Paulo emprega até a palavra *Confirma*); e do mesmo modo nas edades subsequentes os Padres dos primeiros seculos, mostram que a Igreja sempre a reputou um Sacramento. Não invocamos auctores do quarto seculo em diante por nos parecer cousa inutil a quem tenha algumas noções de Patristica. E que não era simples pratica vê-se até no facto de que os Apóstolos reservaram-n'a sempre a si, e depois d'elles os bispos, ao mesmo tempo que o baptismo podia ser conferido não só por qualquer sacerdote, mas até pelos diaconos, e em caso de urgente necessidade podiam os leigos d'ambos os sexos administral-o, como podem hoje.

Com repugnancia mais ou menos manifesta, alguns protestantes, rejeitando a graça sacramental, fizeram d'este sacramento uma mera cerimonia, civil e religiosa, que durou até que a guerra dos Trinta annos a fez desaparecer, quasi totalmente; mas depois a reacção da alma humana, que naturalmente é religiosa, a fez restabelecer n'algumas igrejas lutheranas; e só mais tarde os chamados reformados a adoptaram, e por fim, mui recentemente, foi introduzida nos rituaes da igreja protestante-unida (Prussia).

Este X está mui extranho á propria historia da seita protestante a que pertence; talvez nem saiba d'ella o nome, quanto mais a dogmatica: e é por isso que se atreve

a dar como certo que as *igrejas reformadas conservaram aquella antiga pratica* depois de a terem despojado de sua virtude sacramental, e, assim, vilipendiado o sacramento, chamaram-lhe *revalidação do baptismo*. Desmente-o porém Leibnicio, que diz:

«Quanto ao sacramento da Confirmação, elle repousa, independentemente do que a Escriptura Santa diz mui summariamente da imposição das mãos, sobre a tradição apostolica da primeira Igreja, attestada por Córnelio, bispo de Roma, em Eusebio, e pelo martyr Cypriano, pelo Concilio de Laodicea, por Basilio, Cyrillo de Jerusalem, e por outros Padres da Igreja. E era um sacramento differente do baptismo.»

Máu serviço faz o X ao protestantismo, pois *confirma* a verdade do adagio que diz, o amigo insensato faz mais damno do que o inimigo judicioso.

Atira-se X ao tribunal da penitencia, como gato a peixe. Sabe-se quanto os impios aborrecem a confissão, e não pôdem sequer deixar de aborrecel-a sendo a cousa mais detestada pelo diabo, por causa do exemplo de humildade que dá. Vejamos o que X escreve sob o dictado d'elle:

«Eis-nos, agora, em presença de um abysmo medonho, que esconde, no seu seio tenebrozo, as maiores desgraças sociaes, e no qual se têm, imprudentemente, precipitado almas de boa fé, attrahidas (*sic*) pela magnetica attracção (*sic*), que tem as voragens.

«O tribuual da penitencia!

«O tribunal da penitencia é a guilhotina da paz domestica, é o cadafalço das reputações, é a policia secreta dos segredos das familias, é o algoz das conciencias, o carrasco da honra, o verdugo da honestidade, é a boceta de Pandora, d'onde sahem todos os males, a intriga, a calumnia, a corrupção, a preversão moral, a dissolução dos costumes, n'uma palavra, as maiores calamidades, que assolam o mundo, as nações e as familias.»

Nem uma rasão, pelo menos, plausivel d'este odio! Depois d'esta enfiada de improprios furibundos em tom de monologo theatral, valia bem a pena de offerecer uma pontinha de prova por minima que fosse, um raciocinio que alegrasse a intelligencia; mas nada! uma aridez des-

consoladora! E nem ao menos explica o porque dos crimes mais horrorosos, e de todas essas cousas feias que diz só se encontram nas pessoas, nas familias e nas nações que observam a confissão, e que nós só vemos nas que a de-testam. Provavelmente recebeu fazel-o, temendo a resposta; e seguiu como uma sega-rega:

«A confissão auricular!»

«A confissão auricular é a escola theorica do vicio para a infancia, é a escola pratica d'elle para a mocidade e o desafogo bisbilhoteiro da velhice, que vai confessar as faltas e fraquezas dos visinhos e amigos, porque as suas estão perdoadas já pela-bulla da cruzada, ou hão de sel-o depois, pelas missas, deixadas em testamento para expiação de peccados esquecidos.»

Um catholico sorri quando se encontra com éstas declamações tão descocadas, e tantas vezes repetidas, que se sabem de cór; e não lhes responde. Nós, pela nossa parte confiamos esse trabalho a pennas protestantes. Lêmos que escreveram éstas respostas:

«A consciencia ou sómente a suspeita de ter feito o mal é para toda a alma um fardo pezado; em quanto não está endurecida por uma pratica de injustiças, ella sente só ao pensar n'isso angustia e terror. Os homens são n'estas circumstancias como em todos os outros acontecimentos que os affligem, levados naturalmente a descarregar-se do peso que os averga, e a entornar o tormento de sua alma no seio d'uma pessoa em cuja discrição tenham confiança. A confusão que lhes causa ésta confidencia recebe ampla compensação no lenitivo ao seu desgosto, e ordinariamente é esse lenitivo causado pela sympathia que o confessor exerce. Consolam-se ao vêr que não são indignos de toda a estima, e por muito reprehensivel que fossse o seu precedente procedimento, animam-se melhor, reconhecendo que se julga favoravelmente a disposição actual de sua alma (Smith, *Theor. de menschl. Empfind.*, p. 502).»

«Quem pôde enumerar os milhares de seres salvos sómente por esta instituição (*a confissão auricular*)? Conduzidos a reflectirem sobre si mesmos e sobre o seu estado, foram retirados da borda do abysmo onde estavam a pique de cahir (Plank, *Scriften.*)»

«Se ha alguma cousa de bello e de amavel na religião catholica é certamente a confissão, instituição admirada até pelos chins e japonezes; porque a necessidade de confessar-se affasta do peccado muitas pessoas, principalmente as que não estão ainda endurecidas no mal, e offerece uma grande consolação aos seres decabidos; de sorte que tenho a convicção de que um confessor prudente e pio é um grande instrumento para a salvação das almas. Seus conselhos são uteis para regular nossas inclinações, para percebermos nossas faltas, para fazer-nos evitar a occasião de peccado, reparar os damnos feitos ao proximo, para dissipar duvidas, e apagar ou alliviar todas as enfermidades da alma. Se se pôde achar difficilmente n'este mundo alguma cousa mais perfeita do que um amigo fiel, quanto se nos torna mais importante, se elle está ligado pela santidade inviolavel d'um sacramento divino, a guardar-nos sua fé e a prestar-nos o seu auxilio (*Leibnicio*)?»

E ficamos n'estes, d'entre os que fazem a apologia da confissão, e a fazem com a auctoridade do seu saber, pulverisando as palavrosas declamações d'este pobre X (mais pobre ainda se é quem se suppõe), que todavia accrescenta com desplante o seguinte:

«E chama-se á *penitencia* um sacramento de instituição divina!

«Em qual dos Evangelhos se acha consignado? A quem ouviu Christo de confissão? Onde ordena Elle aos seus discipulos a confissão auricular?

«Em parte alguma. E a propria doutrina de Roma nos leva a regeitar tão absurda pratica, tornada obrigatória pelo concilio de Latrão, em 1215.

Adiante diremos em qual dos Evangelhos «está consignado este Sacramento»; agora queremos sómente paten-tear a irracionalidade do seu criterio. Os catholicos, e os protestantes-christãos reconhecem que Jesu-Christo instituiu o Baptismo e a Eucharistia; e comtudo o Divino Mestre não conste do Evangelho que baptizasse pessoa alguma, e não ordenou a ninguem que commungasse. Segue-se pois pelo juizo de X, tão empavonadamente exposto, que nem estes mesmos sacramentos instituiu Christo; e portanto ou X escreveu uma necedade, ou enganou os seus

leitores quando ha pouco affirmou que «*Christo instituiu, apenas, dois Sacramentos — o baptismo e a communhão.*» Escolha entre a mentira, ou a fraude o que mais lhe agradar.

IV

CONTINUA A MESMA MATERIA

Não é mais judicioso quando com o mesmo criterio intenta enfraquecer a qualidade sacramental da confissão pelo facto de ter sido declarada obrigatoria pelo concilio de Latrão em 1215 (1). Se ésta declaração obsta a que seja um Sacramento a confissão, tambem deve obstar a que o seja a communhão: retirou-lhe tambem a qualidade sacramental esse mesmo Concilio, que a ordenou egualmente obrigatoria, *ao menos pela Paschoa*, assim como tinha ordenado que o fosse a confissão, *ao menos uma vez cada anno.*

Estes seus argumentos é que são *absurdos formaes*, e por isso não só não podem prevalecer, mas fazem-n'o cahir em ridiculas inconsequencias: a confissão auricular subsiste ha dezenove seculos do que ha monumentos incontrastaveis, que só a ignorancia não conhece; e apontando para elles mostra-lhe não ser uma instituição absurda.

E finalmente escapa a qualquer qualificação o motivo que dá para rejeitar a confissão como Sacramento; isto é, «a propria doutrina de Roma,» porque ella considera «de nenhum effeito a absolvição do sacerdote, se o penitente não tem um arrependimento sincero e verdadeiro e effizaz dos seus peccados.» Attenta a multiplicidade de seitas que ha no protestantismo, ignoramos se a de X professa o immoralissimo dogma de que os maiores peccados e crimes não privam da graça áquelle que uma vez a recebeu; mas a Igreja Catholica não pôde deixar de considerar que privam, por ser indispensavel o concurso da vontade do penitente para haver arrependimento, sem o qual Deus não só não concede a graça da absolvição, mas pelo contrario castiga

(1) Este homem que passa diplomas de ignorante, e que sabe tanto de historia como nós de hebraico, parece que nunca ouviu fallar em *exono-logese*, palavra grega que significa *revellar uma coisa occulta*. Póde achal-a com applicação á confissão dos peccados em Tertuliano *Poenitentia*, IX.

o sacrilegio da confissão hypocrita. Como não concede a graça do pão da vida, isto é do seu corpo e sangue, antes condemna o acto de Judas, ao que fizer uma communhão indigna; e recusa a graça de apagar o peccado original ao adulto que receber o baptismo sem as disposições necessárias para isso. Mais uma *razão* para X também rejeitar estes Sacramentos.

E não obstante isso, as palavras a que vimos de responder, não nos repugnaram innito, lembrando-nos que são o espontaneo desmentido que deu a si mesmo pela grosseira calúnia que tinha acabado d'escrever, quando fallou na «bulla da cruzada» a perdoar faltas, e nas «missas deixadas em testamento para expiação de peccados esquecidos.» E' a consciencia com que estes protestantes de má fê escrevem; dizem *branco* ou *preto*, conforme o preto ou o branco lhes pôde servir para calumniarem a Igreja Catholica. Cifra-se n'isto a sua religião.

E agora vamos dizer-lhe em qual dos Evangelhos se acha consignada a instituição d'este Sacramento. Em nada menos de dous Evangelhos. S. Mattheus XVIII, v. 18, conta que disse o Senhor: «Em verdade vos digo, que todas aquellas cousas que ligardes sobre a terra, serão igualmente ligadas no Ceo; e todas aquellas cousas que desligardes sobre a terra, serão igualmente desligadas no Ceo.» Abra agora o Evangelho de S. João, e no cap. XX, vv. 22, 23, e lêa: «Ditas estas palavras soprou sobre elles e lhes disse: Recebei o Espirito Santo. Aquelles a quem perdoardes os peccados, ser-lhes-hão perdoados; e aquelles a quem os retiverdes, ser-lhes-hão retidos.»

Ora, não podendo nenhum homem conhecer o que se passa no interior de outro, e não devendo quem esteja em seu juizo suppor que dêsse Deus á Igreja um poder de que seus ministros fossem forçados a uzar caprichosamente e ás cegas, perdoando a uns, e retendo a outros os peccados, sem mais razão que as suas pessoas inclinações; é evidente, que obrigou a que se confessassem dos seus peccados aquelles que quizessem receber o perdão d'elles.

Isto é rasoavel, e assim o entenderam os Apostolos, e todos os fieis do seu tempo, e dos seculos posteriores até hoje, e em todos os paizes. Nos *Act. dos Apost.* XIX,

v. 18 lê-se que «muitos dos que haviam crido vinham, confessando e declarando o que tinham praticado». Na I Epist de S. João, diz elle (cap. I v. 9): «Se confessarmos os nossos peccados, fiel é e justo (Deus) para nos perdoar os nossos peccados, e para nos purificar de toda a iniquidade.»

S. Barnabé na sua carta, n.º 19, diz: «Vós confessareis os vossos peccados.» E o Papa S. Clemente na sua Epist. n.º 8: «Convertamo-nos. . . . Quando tivermos sabido d'este mundo, não poderemos mais confessar-nos, nem fazer penitencia.»

Podíamos alongar mais as nossas citações, mas pareceu-nos que estas seriam sufficientes para auctorizar o que dissemos; mostrando não só a instituição d'este sacramento, mas também a sua observancia.

E já nos esquecia uma especie que X introduziu n'uma longa declamação *politica*, denunciando assim quaes são os verdadeiros intuitos d'esta propaganda protestante, que anheia repetir aqui as scenas d'Hispanha desde 1868. A objecção é, que nos *Act. dos Apost.* (III, 19) se diz: «Arrependei-vos e convertei-vos, para que vossos peccados sejam perdoados;» e continua o X: «Logo, se o peccador arrependido recebe o perdão do proprio Christo, pela promessa que Elle lhe fez, de que serve esse tribunal secreto?» Serve, respondemos nós, com relação a Deus, para mostrar-se o peccador verdadeiramente arrependido pois se submete á condição por Deus posta quando conferiu a Igreja o poder de perdoar todos os peccados; e com relação á sociedade para não ter d'envergonhar-se diante dos homens, nem dar escandalo. Aquelle que recusar este tribunal, procede com soberba, e não está verdadeiramente arrependido dos seus peccados, pois despreza a condição posta para a absolvição, e assim não póde esperar o perdão d'elles. Se não ha esse tribunal, á hora da morte, a misericordia de Deus lhe infundirá uma contrição tão perfeita, que baste a obter-lhe o perdão. Nos casos ordinarios, o mesmo tribunal, pela virtude do sacramento que n'elle se effectua, substitue a imperfeição involuntaria da contrição que haja no penitente.



E somos chegados ao que X chama um «ponto importante — a adoração das imagens», sobre o qual promete fazer algumas considerações, que seguem pois as transcrevemos aqui; e são:

«Para provar a abberração da egreja romana bastava, essa sacrilega usança, de origem pagã, convertida em dogma, diametralmente opposto aos mandamentos da lei de Deus.»

Occasião teremos de vêr se «a usança» contradiz os mandamentos da lei de Deus, ou se teremos antes n'este dizer alguma falsificação d'elles. Por em quanto limitamo-nos a dizer 1.^o que a igreja anglicana conservou esta *adoração* como lhe chama X e outros quejandos protestantes, e os catholicos *adoração ou culto inferior*; e por isso o seu *Common Prayers Book* contém todo o nosso calendario ecclesiastico, santos, festas etc., 2.^o que um grande numero de protestantes defendem a pratica dos catholicos, que acham racional e legitima; 3.^o que os lutheranos e a igreja evangelica na Prussia expõem algumas imagens á veneração publica. Sendo a 1.^a e a 3.^a asserções de mui facil verificação, mesmo em Lisboa, só daremos as opiniões de alguns dos protestantes que auctorizam a 2.^a asserção:

«Eu não ouso negar (diz OEkolampadio, um dos corifeus da chamada reforma) que os santos orem por nós, e não quereria eu sustentar que é um acto impio e idolátrico o implorar a sua assistencia. Os santos, abrazados de amor no Ceo, devem rogar alli por nós. Que mal póde pois haver em pedir-lhes que façam o que nós julgamos dever ser agradável a Deus, quando mesmo nol-o não tivesse Deus ordenado expressamente?»

«Eu não considero como um peccado dizer com a Igreja Catholica: Santa Maria, rogae por mim, escreve Montague.»

«Não se devem considerar estas orações de outro modo que aquelle como as considera a Igreja Catholica; isto é não se dirigindo aos anjos e aos santos, como se gozassem elles mesmos d'uma auctoridade e poder divino, mas

unicamente como nossos intercessores junto de Deus nosso Redemptor (*Vix*).»

«Esta forma de oração não tem nada de censuravel. Não imploramos nós a intercessão de nossos irmãos que vivem ainda n'este mundo? Os santos são semelhantes aos anjos do Ceo (*Bernh., von Sauden*).»

«Aquelle que rejeitar a invocação dos bemaventurados, e negar que elles saibam o que se passa n'este mundo, espero que me responda á passagem do Evangelho, onde se diz: Os anjos do Ceo se alegrarão com a conversão de um peccador (*Brown*).»

E' muito maior o numero dos escriptores protestantes que approvam o culto que a Igreja Catholica dá ás imagens dos Santos; mas bastam estes. E passemos a examinar as *provas* de arromba que X apresenta de ser uma «usança de origem pagan.»

«Cornelio Agripa, escriptor catholico romano (diz elle), confessa (*sic*) que primitivamente não havia, na igreja, tal idolatria (*sic*), introduzida, pouco e pouco, pelos pagãos convertidos, e tolerada pelos christãos, para conservar os neophitos, que, em grande numero, vinham engrossar as suas fileiras.»

Que sinceridade é a de um escriptor que, entre milhares de escriptores catholicos que escreveram a favor do culto das imagens desde que em 726 Leão o Isaurico, imperador grego, as mandou destruir, como idolos; andou a procurar um, e só achou Henrique Cornelio Agrippa, fallecido em 1535, para sustentar a these do rustico e ignaro Isaurico! O escriptor em questão, respondendo á universidade de Lovaina, julgava d'este modo o livro que X invocou:

«Que a sua obra não passa de uma declamação, na qual não pertende *affirmar nada* mas sómente exercitar o seu ingenho: e queixa-se de que os seus adversarios dessem o nome d'*asserções* (o X chama-lhes *confissões*) á sua declamação.»

Isto declara que o valor do livro é nenhum; e que se X lançou mão d'elle, é porque um pobre com pouco se contenta. Não achou cousa mais valiosa. Apesar de se ter na conta de sabio, a ponto de exprobrar ao sr. padre Ama-

do a ignorancia até da grammatica, que só elle era capaz de achar lhe, não conhece o alcance da palavra *confessou*. Agrippa não *confessou* cousa nenhuma, alterou o que já era sabido, e suppoz o que lhe pareceu bom suppor para mostrar-se engenhoso.

Em vez de terem os pagãos convertidos introduzido por qualquer modo que fosse as imagens nos oratorios e depois nas catacumbas, e de tel-o a Igreja permittido por uma culpavel e interesseira tolerancia para com estes convertidos, é constante, pelo contrario, que a Igreja demorou a introducção d'ellas até passar o perigo de que os neophitos abuzassem das mesmas para recahir de novo na idolatria; e só as admittiu quando já nenhum perigo podia haver. E hoje que novos e mais profundos estudos nas catacumbas, têm permittido adiantarem se muito os conhecimentos da archeologia sagrada, póde asseverar-se que no segundo seculo existiam nas capellas das catacumbas, e nos vasos sagrados, bastantes imagens de Christo, *Bom Pastor*, e da Santissima Virgem Mãe de Deus etc. De modo que se Cornelio Agrippa não tivesse declamado, podia ser arguido de falsidade e mentira

A segunda prova não é melhor. Eil-a:

«O concilio de Constantinopla, em 754 ao qual assistiram 338 bispos, para cortar o mal pela raiz (*sic*), prohibiu expressamente o culto das imagens e mandou banil-as dos templos; mas o concilio de Nicea, em 786 (787), sob o malevolo influxo do fanatismo (*sic*), sanccionou novamente essa impia pratica, condemnada (*sic*) outra vez, quatro annos depois, (*aliás sette annos*) pelo concilio de Francfort, até que em 1545 foi de novo prescripta pelo concilio de Trento.

«Estas decizões e contra decizões dos concilios, são em verdade, uma base solida para se firmar a *infallibilidade* da egreja. Deixemos essas apreciações para outro lugar.»

E nós deixamos as nossas para quando apparecerem as suas. Por agora limitamo-nos a fazer-lhe as seguintes perguntas:

1.^a Se o concilio particular de Francfort, (794) condemnou realmente o culto das imagens, ou sómente o ser-

vitium et adoratio, como se rendem á Santissima Trindade (isto é a idolatria), que se tinha, por impostura dos iconoclastas gregos, falsamente attribuido ao Concilio ecumenico de Nicêa (2.º)?

2.^a Se depois d'este concilio de Francfort, não se reconheceu a impostura, e se tornou manifesto que o culto das imagens, tanto no oriente como no occidente, era o mesmo, doutrinalmente, antes da heresia dos iconoclastas, como a tinha formulado o concilio geral de Nicea, continuando por isso placidamente aqui; ou se permaneceu no occidente a condemnação das imagens (que diz ter-se pronunciado em Francfort), a qual subsistiu até 1545, anno em que affirma que fôra «de novo prescripta pelo Concilio de Trento?»

A resposta concisa, clara e cabal a éstas perguntas é de toda a necessidade. A segunda tem de mais a mais a utilidade de saber-se como é que, estando condemnado no occidente o culto das imagens desde 794, os protestantes mais de 7 seculos depois reclamaram contra elle, despedaçando quantas imagens encontravam, destruindo as igrejas onde ellas se veneravam, e matando os seus devotos: e se não estava condemnado, qual foi a razão por que X supprimiu essa circumstancia, e o mais que occorrera posteriormente, no longo periodo de 700 e tantos annos? Teria tido o pensamento infantilmente máu de enganar os leitores ignorantes para quem escreve, e excitar ainda mais o seu fanatismo contra o Concilio de Trento, que o X traz atravessado na garganta?

Não limitamos porém ás duas acima as nossas perguntas; e por isso seguimos fazendo mais as seguintes:

3.^a Serão os mahometanos e os judeus os melhores mestres da dogmatica da religiãa de Christo? E' sabido que o imperador Leon era um rustico da Isauria, terra de mahometanos e judeus com quem só convivia, e que tinham sido os seus mestres.

4.^a Se o concilio de 754 em Constantinopla, convocado anticanonicamente, composto só de bispos gregos, que tinham visto o tyranno queimar vivos com a bibliotheca os 12 sabios que alli residiam, só porque se declararam contra a sua tentativa, e fez morrer nas mais horriveis

torturas quantos a ella se oppunham; podia querer cortar um mal pela raiz, ou antes salvar a sua vida, e lisonjear um bruto feroz?

5.^a Qual a rasão porque este imperador, tão furioso contra o culto das imagens de Christo, da Santa Virgem, e dos Santos, não fez cessar o que todos os annos se rendia ás estatuas do imperador e da imperatriz (isto é as suas). Esse que era idolatrigo pela adulação que não poderia ser o das imagens. Saberá X dizel-o?

6.^a Qual seria mais naturalmente effeito do «malevolu influxo do fanatismo» o concilio de Nicea, convocado canonicamente e onde havia bispos que não dependiam em cousa alguma da imperatriz regente, a cujas diligencias se deveu a reunião do mesmo, e que não se assimilava em nada á ferocidade do imperador fallecido; ou o que tinha homologado a decisão d'aquelle?

7.^a Se X entende que basta uma reunião de bispos, convocada illegal e arbitrariamente, e quasi como escolhidos a dedo os seus individuos, para poder chamar-se *concilio*, possuir todos os direitos das assembleas reunidas canonicamente, e gosar do dom da *infallibilidade* por Deus assegurado á sua Igreja?

Continuando a exhibir as suas *provas* contra o culto das imagens, este impagavel X escreve:

«Que a adoração dos santos é uma profanação, um sacrilegio, uma idolatria grosseira e está em opposição com os mandamentos da lei de Deus e com as doutrinas das sagradas Escripturas, *prova-se* exhuberantemente pelas seguintes passagens, respigadas na feracissima seara da Biblia, que abunda n'ellas.

«No cap. XX do Exodo, versiculo 4 (e 5) lê-se: «Não farás para ti imagem de esculptura, nem figura de tudo, que ha em cima do cen, e do que ha em baixo na terra, nem de coisa que haja nas aguas debaixo da terra: não as adorarás nem lhes darás culto.»

«E' o segundo preceito do Decalogo, completamente desconhecido pelos sectarios de Roma, que o supprimiu fraudulentamente, porque lhe cerceava os rendimentos das festanças e os pingues proventos da canonisação dos seus

santos e outras gentilezas, com que preverte a fé christã e macula a primitiva pureza do christianismo.»

Começaremos perguntando, como é que Roma podia supprimir este mandamento do Deálogo se os seus sectarios o desconheciam como diz? Ninguém supprime aquillo que não conhece: temos pois um grandíssimo disparate diante de nós. Mais; como é que Roma o supprimiu, pois confessa X que se encontra no cap. XX, v. 4 do Exodo? E' um galante modo de supprimir uma cousa este de a deixar ler a todos que a queiram ler! Novo disparate. Se é por que o não leu no Novo Testamento, então a accusação é feita aos Evangelistas, e não a Roma. Teriam sido elles que o supprimiram? e não seria por causa dos proventos e outras supposições, que só póde fazer quem possui baixos e vis sentimentos, e que o X tão gratuitamente faz? Outro disparate com acompanhamento de blasphemia.

E' que talvez Roma expediu alguma epistola estabelecendo a adoração das imagens, e abolindo o 2.º mandamento do Deálogo.... mas ésta conjectura, a mais favoravel aos seus intuits, cerca-o de difficuldades de que não poderá desenhencilhar-se facilmente. Em primeiro lugar, exige-se a apresentação do documento; em segundo lugar, lembra logo que deve ser de uma altissima antiguidade, tanto porque as igrejas orientaes que se separaram de Roma no 4.º e 5.º seculos por terem cahido em heresias, sahiram levando consigo o culto das imagens (e o que mais o deve enleiar, é que já entre a segunda metade do primeiro seculo da Igreja e a primeira metade do segundo seculo se veneravam imagens nas catacumbas, como o attesta, apar de outras em varias catacumbas mais, a da Virgem Maria com o Menino Jesus, na catacumba de Priscilla, em Roma), como por que poderosamente prejudica a sua arrojada affirmção, que parece ter agora esquecido, de que o Papa se tinha *arrogado* um primado e um vigariado, que lhe não fôra conferido por Christo, pois não poderá combinal-a com os factos a que presentemente allude. Se o Papa não tinha auctoridade na Igreja como lhe obedeceu?!

Nós combinamol-a assim: inventou uma falsidade para vituperar o Papa; e agora, tambem para o vituperar,

inventou uma supressão insensata, sem curar de estudar se uma falsidade não prejudicaria a outra.

Dito isto, vamos agora ao mandamento que X copiou do Exodo, XX, 4 e 5, que é identico ao que lê no Deuteronomio, V, 8. Mas quererá este mandamento dizer o que X suppõe, ainda mesmo desentendendo-nos da matreirice com que os protestantes, depois de 1550 substituíram a palavra *idolos*, que até alli se encontrava, pela palavra *imagens*, que suppozeram mais appropriada á sua pia fraude? Respondemos seguramente que não.

Deus não pôde contradizer-se a si mesmo. Ora, nós lêmos no Exodo, XXVI, 17 a 20:

«Farás outro sim um Propiciatorio de finissimo ouro, que terá dous covados e meio de comprido, e covado e meio de largo. Porás nas duas extremidades do Oraculo dous *Querubins* d'ouro batido: Um Querubim d'uma parte, outro d'outra. Elles com as suas azas estendidas cubrirão ambos os lados do Propiciatorio, e o Oraculo, estarão olhando um para o outro *com os rostos* virados para o Propiciatorio, que cobre a Arca.»

Isto é bastante para fazer conhecer que Deus não puzera preceito para se não fazerem *imagens*, mas para se não fazerem *idolos*, que fossem adorados como deuses á moda dos idolatras: ou hade X atrever-se a dizer que Deus punha um preceito, e logo mandava que se contraviesse a elle. A tanto não se atreverá X apezar da sua mascara!

Mas para não perder o fructo das falsificações, que adoptou como suas, virá dizer, que é porêr incontestavel ter Deus ordenado que se não *adorassem*, se não não des-se culto a esses *idolos*; e os catholicos reconhecem que dão culto e adoração ás Imagens de Christo, da Santissima Virgem e dos Santos, e que por isso fazem d'ellas *idolos*, e recahem por isso na sancção da lei divina. Mas apezar d'essa tão notavel modificação na sua sentença, declina-mol-a.

Não damos ás *imagens* a adoração que só a Deus rendemos, e não podem ellas por tanto ser consideradas *idolos*. A Deus prestamos a *adoração* absoluta, o culto de *latria*; e ás imagens *adoração* relativa e inferior, o culto de *hyper-dolia*, se se trata das *imagens* de N. S. Jesu-Christo

ou da Santissima Virgem, ou de simples *dolia* ás dos outros santos. Um padre apostata devia não ignorar isto; se ignora, ou não era padre na Igreja Catholica, ou essa ignorancia palmar explica amplamente a sua apostasia.

Os catholicos *adoram* éstas imagens como Jacob e suas mulheres *adoraram* a Esaú (*Gen.* XXXIII, 2 e 7); e a Deus *adoram-n'o* como Eliezer, mordomo de Abrahão, *adorou* a Deus (*Gen.* XXIV, 26); adorações mui differentes, ainda que seja o mesmo o termo com que ellas se exprimem. E os exemplos não são estes sós, posto que a estes por brevidade nos limitemos por enquanto.

O que deixamos exposto crêmos que nos dispensará de proseguirmos a destruir o intuito de umas citações mais; uma do «propheta Habacuc nos versiculos 18 e 19 do seu livro» quando elles o não são, mas do cap. II, o que omittiu por . . toscanejamento; e outra do «cap. XXVII, versos 15, que tem o inconveniente de condemnar até os que têm feito as tantas estatuas que existem por esse mundo fóra de figurões mais ou menos dignos d'ellas. E não crêmos que valha muito a pena de insistirmos sobre uns densos veos que X extendeu sobre «Isaias, Actos dos Apostolos, Epistolas», tudo assim invocado por grosso contra as imagens. Lá teria suas razões, que nós queremos respeitar, em quanto nos não obrigar a outro modo de proceder.

Do que deixamos exposto, conclue-se contra X:

1.º Que «a egreja de Roma *não só não* foi no passado a primeira a corromper as verdades christans», mas que pelo contrario é a unica de todas as igrejas christans que as conserva em toda a sua pureza e integridade.

2.º Que foi aquella de cuja mão receberam os christãos os sette Sacramentos, que ainda hoje seguem e praticam todas as igrejas christans; e que só as protestantes abandonaram, quaes supprimindo tres, quaes quatro, ou cinco segundo o seu capricho.

3.º Que as indulgencias e o purgatorio são seguidas e reconhecidas assim mesmo por todas as igrejas christans, menos as protestantes.

4.º Que o primado do Papa é uma verdade de fé, e se prova pela Escriptura, como vimos de demonstrar, por ser estabelecido por Christo, e reconhecido pela Igreja universal

em todos os tempos, em que teve o Papa de exercer n'ella a sua supremacia.

5.º Que X é um calumniador impudente ou um homem sem responsabilidade, quando escreve que «Roma é idolatra e pagã no seu culto, contraventora das Escripturas, immoral em algumas de suas leis disciplinares e sempre ambiciosa, soberba, e finalmente heretica na doutrina que eusina.» Se se nos perguntar a nossa opinião particular, diremos que o faz pela sua irresponsabilidade, tanto em imputar á Igreja Catholica os caracteres de todas as seitas protestantes, qualquer que seja o seu nome, o que lhe provaremos se nos provocar a esse debate; como pela inepta e longa lista que publicou de suppostas malfetorias dos catholicos romanos, como tristes represalias de alguns dos verdadeiros crimes dos protestantes; *malfetorias* que ou são ridiculas, ou falsas, e de que logo nos occuparemos, fazendo um confronto.

Para não alongarmos demasiadamente esta resposta, não examinamos uma por uma essa enumeração, afim de lhe mostrar quaes as falsas, quaes as envenenadas, quaes as ineptas; mas se o quizer, far-lhe-hemos a vontade, ajuntando a esse trabalho muitos outros factos de ferocidade, que o sr. padre Amado não mencionou, talvez para ser breve.

Apenas lhe perguntaremos, se queimarem os protestantes aos catholicos que se negavam a fazer-se protestantes; se despojarem a outros de tudo quanto possuam e reduzil-os a morrer litteralmente de fome; se venderem milhares de catholicos reduzindo-os a escravos pelo crime de serem fieis á sua religião; se excitar as delações dos filhos contra seus paes, com o engodo dos bens d'estes, e em prejuizo de seus irmãos, pôde nunca chamar-se «cumprir o Evangelho e a sua doutrina.»

Esta irresponsabilidade de X é em nós uma convicção tão profunda, que por ella nos julgamos auctorisados a recambiar-lhe com pequenos additamentos esta sua apostrophe:

«Vá! responda sem hesitar, e se nos veios da sua consciencia se esconde alguma faisca de respeito pela verdade, confesse a ignorancia ou a má fé, que o inspirou ao escre-

ver este seu folheto, e que lhe deixamos provada, e continuaremos a provar-lhe, e reconheça a verdade biblica ou historica dos factos (pois que, reconhece a tradição? !), que apresentamos, e se quizer mais alguns dir-lhe-hemos onde se pôde instruir, se tem desejos de saber.»

V

A IGREJA CATHOLICA E AS SEITAS DISSIDENTES

Este capitulo do folheto de X que vimos analyzando, intitula-se: *Os romanos do presente*, e é uma das coisas mais curiosas que temos lido ha muito. O mesmo dirão, como crêmos, os nossos leitores depois de verem o que vamos copiar do que elle escreveu. Diz o mesmo:

«A questão posta é uma questão de factos, evidenciados por si mesma, que não por nós, que apenas vimos deixar-lhe, aqui, uma commemoração de respeito, como christãos verdadeiros.

«O artigo *«creio na santa egreja catholica»* do credo dos apostolos foi ampliado no credo posterior, de Niceia, da seguinte fôrma *«creio n'uma só egreja catholica e apostolica.»*

«D'estes dous artigos de fé da egreja primitiva, que são um só na essencia (não seria mais exacto dizer-se, *d'estas duas formulas d'um só e mesmo artigo de fé?*), deduz-se que os caracteres da verdadeira egreja de Christo são a *unidade, a catholicidade e a apostolicidade.*»

Estamos plenamente d'accordo e accrescentamos-lhe a *santidade*, que lhe esqueceu, e a *visibilidade e perpetuidade*, que omittiu, lá saberá porque. A *unidade de fé* não pôde deixar de ser um dos caracteristicos da verdadeira Igreja: *Unus Deus, una fides, unum baptisma.* E bem andou X quando invocou S. João (X, 16), posto que menos bem andasse consignando só as ultimas palavras do v. que restabelecemos, e reza assim: «Ainda tenho outras ovelhas, que não são d'este aprisco; e importa que eu as traga, e ouvirão a minha voz, e se fará um só rebanho e um só pastor.»

Concordamos tambem com elle quando diz que «a unidade da egreja consiste na unidade de crenças, que não

implica de fôrma alguma com a diversidade nominal das diferentes (*como um membro do corpo é diferente d'outro membro*) egrejas espalhadas pelo mundo, com tanto que Jesus-Christo seja a pedra angular do edificio, como diz o Apostolo.»

Mas isto condemna o X. Ha, ou pôde rasoavelmente haver unidade de crenças em *igrejas*, cada uma das quaes tem-n'as diferentes, e até em contradicção com as demais? Não ha. Poderá havel-a tambem em igrejas, cada uma das quaes obedece a um Pastor, que não é o estabelecido por Jesu-Christo para a sua Igreja? Esse pastor é falso pastor; a sua *regra de fé* é variavel por ser obra da rasão individual, ou opinião particular. que nenhum homem tem o direito de impôr a outro. Não têm portanto regra de fé, nem *unidade*. São seitas que desouviram a Igreja, e. e desouviram a Christo, e portanto a seu Pae que está nos Ceos. Em vez de formarem um rebanho com um só pastor, formam tantos rebanhos com tantos pastores, quantas ellas são, e mais suas subdivisões. Abandonaram o aprisco de Christo, em vez d'entrarem n'elle; protestam contra a sua doutrina. Christo quiz a *união*, e *protesto* é *desunião*.

Debalde quer X, por meio de um parallogismo, autorizar-se com as igrejas do tempo dos Apostolos, ás quaes chama «perfeitamente independentes umas das outras.» E isso não é assim. Essas igrejas eram governadas pelos Apostolos que reconheciam em Pedro o seu Chefe, posto por Christo, e centro de unidade; além d'isso, eram inspirados por Deus, e cada um dotado da infallibilidade. Por sua morte, porém, a infallibilidade de cada um cessou, para sómente presistir a dos successores de Pedro. Não o comprehende assim X, que finge estar persuadido de não ser a Igreja infallivel, de poder ensinar o erro, e portanto de tel-a N. S. Jesu-Christo enganado, quando lhe prometeu que nunca ensinaria o erro. Blasphemia sem par.

Mas talvez não o seja; falta o senso commum ao escriptor. É como explicamos que escreva o seguinte:

«Essa unidade (*que lhe fura os olhos*), que apregoa e de que se ufana a egreja de Roma, longe de ser, como dizem os seus apologistas, indício de vida espiritual, é um

signal caracteristico de sua decadencia (*sic*) porque mostra o estado progressivo da consumpção anemica, que lhe vai apressando o fim e cavando a sepultura, em cuja campara a mão imparcial (*sic*) da historia escreverá o anatHEMA, que merecem as suas torpezas.»

Luthero tambem vaticinava a morte da Igreja Romana, e affiançava que havia de presenciar-a. A Igreja porêem presiste, e a seita de Luthero está hoje dividida em tres ou quatro seitas mais pequenas, e inimigas entre si doutrinalmente. Este periodo não se discute. Unicamente notaremos que X veio corrigir a N. S. Jesu-Christo! Este designou a *unidade* como sendo um dos characteres da verdadeira Igreja, que fundava, e X designa-a como symptoma de morte proxima! O que é ser.... o leitor que preencha!

E não fica só n'isto. Vamos lendo e festejando:

«As egrejas reformadas estão todas vinculadas e unidas pelo mesmo laço de fé nas doutrinas da Escriptura (*seria mais verdadeiro se dissesse, pelo mesmo odio á verdadeira Igreja que lhes deu o ser*) e esse grande numero de seitas, como lhe chama o doutissimo pamphletario (*sic*), não apresentam mais que *leves differenças sobre assumptos discutíveis* (1), e tanto isto é verdade que os tres credos da egreja primitiva são religiosamente accites e confessados por todos.

«Essas *seitas*, embora ésta verdade peze aos fanaticos papistas são a prova da vida espiritual da verdadeira egreja de Christo, onde as differenças de opiniã, *acerca de pontos de disciplina* (2), são signaes de movimento intellectual e de vida verdadeira.»

O mesmo pôdem allegar os orates em Rilhafoles. Elles tambem são *unidos* por commum laço—a sua enfermidade; e as extravagancias de cada um não são mais que *leves differenças*, effeito do giro que a mesma tomou; e tanto isto é verdade que todos são orates. Mas fallando seriamente, pôde alguem dizer que as differentes seitas protestantes, (só 74, todas com outras tantas denominações co-

(1) Estes italicos são postos por nós.

(2) Idem.

nhecemos nós) com dogmas incompatíveis, estão unidas pela mesma fé?! N'esse caso para que se separaram? Não podia ser para terem o prazer de contradizer a Christo, e mostrarem que elle *errou*, dizendo *uma* quando deveria dizer *muitas*; *unidade* quando deveria dizer *divisibilidade*.

Uma d'estas igrejas reconhece como Sacramentos instituidos por Christo o Baptismo, a Penitencia, a Cea, e a Ordem; outra não reconhece senão o Baptismo e a Cea; ainda outra declara que o Baptismo não é essencial para a salvação. Esta professa que N. S. Jesu-Christo está realmente no pão e no vinho da Cea, e com elles; aquella nega-o formalmente, porque Jesu-Christo só está no Ceo, e na Cea apenas se encontra a sua figura e commemoração; e aquell'outra declara que na communhão só se recebe a virtude de Jesu-Christo pela fé de quem communga. Notamos seitas que reconhecem o episcopado como instituição divina para pastorear os fieis; outras que o rejeitam como uma excrecencia vaidosa, e so admittem os presbyteros; outras nem estes mesmos, e entendem que o padre é um officio, v. g. como o de procurador de causas, accessivel a todos, e podendo abandonar-se, e tornar-se a tomar, como convenha ao ministro. E para acabar com esses pedaços de manta de arlequin chamada protestantismo, umas negam a Santissima Trindade, em quanto outras a confessam. Aqui estão algumas das *leves differenças sobre assumptos discutíveis!* Este X é d'uma perfidia, ou d'uma ignorancia assombrosa.

Não sabemos como possa judiciosamente dizer-se que isto sejam leves differenças discutíveis, sendo pelo contrario artigos *fundamentaes* de fé; nem com que sinceridade possa dizer um homem com juizo, que são meros pontos de disciplina! E note-se que só quizemos patentear algumas das dissidencias irreconciliaveis que separam as taes igrejas umas das outras, e não pôr esses dogmas em exposição e comparal-os entre si, pois nem um grosso *in-folio* bastaria a fazel-o.

Ainda mais. Lembram-se os leitores que X confessou a *Unidade* da Igreja Catholica, e que, por não poder negal-a, procurou uma explicação que deuen deixar-lhe os

miolos a ferver? Pois bem; queiram agora lêr o que elle escreveu na pagina seguinte:

«A verdadeira unidade da igreja deve ser a união mística e espiritual dos fieis com Christo, a união dos corações na fé em Jesus, a união das obras com os seus mandamentos divinos (1).

«Dá-se na igreja de Roma essa unidade?

«Não; porque nem tem unidade de doutrina, como pôde provar-se pelos seus concílios, pelos seus doutores, pelos seus theologos e santos padres; porque nem tem unidade de fé como provam os seus credos; nem tem unidade de fraternal, porque é despota, cruel e sanguinaria.»

Ainda que se não possa, em rigor tomar a sério quem escreve couzas d'estas, não queremos deixar de fazer lhes breves ponderações. Em que ficamos, ha unidade ou não ha em Roma? *Sim* e *Não* é absurdo. Pôde affirmar que pelos nossos Concílios se prova não termos unidade de doutrina? Pois tente-o se é capaz; mas olhe lá não torne a tomar conciliabulos, que a Igreja condemnou, por verdadeiros concílios. Veja-se pôde provar que os doutores, os theologos e os santos padres escreveram contra o que era de fé na Igreja. Dê-se ao trabalho de lê-los. Com que não temos unidade de fé pelos nossos credos? N'isto diz uma nogação, pois se se refere á profissão de fé de Pio IV. ésta não contraria os tres que os protestantes acceitaram, com o diz, e que receberam das mãos da Igreja Catholica, por meio da tradição. E que não os contradiz podemos prova-lo, mesmo pela sua versão, querendo X entrar n'esse debate.

Mas quer-nos parecer que o campeão mascarado do protestantismo ergue-se tambem contra o direito do Papa a estabelecer aquella regra de fé para a Igreja docente, direito que os catholicos reconhecem plenamente. Attentas, porém, éstas suas ideas, esperamos que nos justifiquem os seguintes credos de algumas seitas protestantes; de todas, confessamos não os saber:

(1) Parece-nos vér n'isto uma evolução simulada para chegar á invisibilidade da Igreja.

- 1.º O credo, chamado confissão de Augsburgo (Belgica).
- 2.º O credo, conhecido pelo nome de artigos de Smalcalde.
- 3.º O credo da igreja Saxonica.
- 4.º O credo da igreja de Wirtemberg.
- 5.º O credo da igreja da Bohemia.
- 6.º O credo chamado confissão de Strasburgo.
- 7.º O credo denominado de Basilea, em 1532.
- 8.º O credo com a mesma denominação, em 1536.
- 9.º O credo chamado confissão Helvetica, em 1566.
- 10.º O credo da igreja Belga.
- 11.º O credo, ou os 39 artigos da igreja Anglicana.
- 12.º O credo da igreja da Escossia.
- 13.º O credo dos calvinistas de França.

Todos estes credos são incompatíveis em muitos pontos a que elles chamam fundamentaes; e só estão de accordo, mais ou menos claramente nos dois seguintes: revolta contra a Igreja Catholica, e livre interpretação individual da Sagrada Escriptura, que aliás é desprezada na pratica.

Tambem não acha em nós unidade fraternal. A seus olhos commettemos um grande crime, o de pedirmos o auxilio do braço secular para nos defender dos seus multiformes correligionarios, os protestantes, que penetravam por meio do crime nos paizes catholicos, e conservavam-se n'elles pelo despotismo, pela rapina, a crueldade e o assassinio, como attestam os monumentos historicos na Dinamarca, Suecia, Suissa, e Inglaterra etc. no seculo XVI, e os desgraçados habitantes do Tahity e Madagascar, já n'este seculo, ferozmente assassinados por serem idolatras.

E desentendendo-nos dos insultos soezes, que nos períodos seguintes lhe cahiram da penna uzeira e vezeira, seguimos adiante para lhe perguntar porque esconde o nome, o credo, e a data da sua seita? A sua é mais verdadeira que as suas irmãs mais velhas, ou que as soas irmãs mais novas (não sabemos se as tem)? A Santa Igreja Catholica é muito antiga, todos lhe conhecem a data, nasceu no Cenaculo em Jerusalem. Vimos separarem-se d'ella pelas heresias ou o scisma bastantes seitas, todas por ella anathematisadas; é-lhes portanto muito anterior. Seus dog-

mas são conhecidos, e podem comparar-se com a tradição, que precedeu as Sagradas Escripturas, e com estas; são conhecidos os seus ritos, eguaes no essencial aos das igrejas que se separaram, até ao momento da separação.... Mas quaes são os dogmas da seita de X? quaes os ritos que observa? As seitas protestantes chamam-se LEGIÃO, e escondem dogmas e ritos, para poderem dizer: esses dogmas não são os nossos, ainda que sejam; esse rito não é nosso, é de outra, ainda que lhe pertença. Quem esconde alguma cousa é porque, pelo menos, teme que não seja boa.

* * *

Occupase X. também da *santidade*, outro dos característicos da verdadeira Igreja, que se manifesta pela doutrina santa, pelos sacramentos ou meios de sanctificação dos fieis, e também por os que esses meios sanctificam; e despeitado por não encontrar nenhum d'esses caracteres nas diferentes seitas do protestantismo, dá por paus e por pedras, sem por isso melhorar a sua situação.

Não é *santa* a doutrina em todas essas seitas, porque em todas é de criação humana; é o resultado da interpretação *livre* de cada homem, que se julga com esse direito, ou o d'uma prêgação em contradicção formal com essa al-cunhada livre interpretação—ou devaneio, ou mentira.

Por identico motivo não ha santidade nos seus sacramentos, que, com excepção do baptismo, teem origem humana (1), o capricho dos mestres das seitas, que nenhuma jurisdicção tinham para isso, nem para applical-os aos seus sectarios.

Entre estes inutil é procurar a santidade. A experiencia de mais de 350 annos, patentea essa infelicidade a todas as vistas, ainda as mais benevolas.

E cuida X, cego de raiva, que pôde lançar poeira aos olhos para que se não veja a triste situação das seitas protestantes? Pois engana-se de meio a meio embora diga:

(1) A Cea foi desfigurada pelas mãos dos seus chefes.

«Que a Igreja de Roma não tem a santidade de doutrina prova-se, além de outros argumentos (*que guarda consigo, ou são os que já refutamos*), com o credo de Pio IV, no qual aos artigos da egreja primitiva, se addicionaram as doze heresias seguintes: (*Segue a exposição dos artigos*). E depois accrescenta:

«Não carecem de commentario os doze artigos citados do credo de Pio IV, e que são também da egreja de Roma.»

São heresias! Mas quem o diz? As seitas que se rebellaram contra a Igreja catholica, e de que ella condemnou a rebelião com as herezias que a provocaram! E' ridiculo. A infallibilidade, que X não reconhece na Igreja Catholica, por generosidade, toma-a modestamente para si! «Não carecem de commentarios»!... Pois nem ao menos para patentear em que são herezias, e a rasão porque?! A iniquidade mentiu a si mesma, e denunciou a sua ignorancia presumçosa!

Ha um dos doze artigos por elle chamados *herezias*, o 1.º dos quaes traduz assim: «*Creio firmemente e adopto as tradições apostolicas e ecclesiasticas e todos os demais preceitos e constituições da mesma egreja.*»

E cuida refutal-o completamente, não dizendo em que é herezia; mas escrevendo o seguinte:

«*As regras da fé* devem ser confirmadas pela Escrip-tura; mas a egreja de Roma não conhece nem reconhece tal auctoridade e fez um corpo de doutrina de contrasensos.»

Asserção completamente calumniosa. Nem no seu ensino theorico, nem nas suas praticas deixou nunca a Igreja de reconhecer a auctoridade da Escrip-tura, que os protestantes receberam da sua mão; mas com ella também reconhece a auctoridade da tradição, ou ensino oral por N. S. Jesu-Christo ordenado aos Apostolos e a seus successores, como consta dos mesmos Evangelhos. Já n'outra parte observamos que bastantes cousas crêem e praticam os protestantes, que só podem explicar-se e justificar-se pela tradição! Como sabem elles, senão pela tradição que as Santas Escripturas foram inspiradas por Deus? Como é que se baptisavam os christãos? como partiam o pão eucharistico, e como conferiam o Espirito Santo etc. antes

de S. Mattheus e os outros Evangelistas escreverem os seus Evangelhos? Isto durou por espaço de alguns annos; e os muitos mais que decorreram, em quanto se não fizeram bastantes copias d'elles, ao menos para cada igreja (não nos atrevemos a dizer para cada christão), e o mesmo a respeito das Epistolas. Evidentemente pela tradição. E' pois de grande inconsequencia e má fé este odio á tradição. Rejeitam-n'a porque os condemna.

E agora consideraremos duas questões d'algibeira, cada uma por sua vez; e depois uma terceira.

1.^a «E' doutrina corrente no Romanismo (diz o X) que o celibato é um estado muito mais perfeito e santo do que o de matrimonio; mas o matrimonio é um sacramento seu, e os sacramentos produzem um augmento de graça; logo deviam os casados ser mais santos, que os solteiros, o que não acontece, sendo verdadeira a primeira proposição estabelecida.»

Nunca a Igreja ensinou que o estado de solteiro, ou o celibato, fosse mais perfeito que o de matrimonio. Exige para isso que o celibato seja religioso, e com attenção aos conselhos evangelicos. A virgindade que tende a imitar a Christo quanto póde fazel-o a fraqueza humana, é de certo mais excellente que o matrimonio. Este é puramente remedio para uma doença mortal—a concupiscencia dos sentidos; e o celibato religioso é a saúde perfeita. Todos reconhecem facilmente que esta é superior áquelle.

Ahi vai agora a resposta:

«Disseram-lhe (a Jesus) os discipulos: Se assim é a condição do homem com a mulher, não convém casar. Elle lhes respondeu: Nem todos são capazes d'esta resolução, *mas sim aquelles a quem foi dada*. Porque ha castrados que assim nasceram do ventre de sua mãe; e ha castrados que foram feitos pelos homens; e ha castrados que a si mesmos se castraram *por amor do reino dos ceos*. Quem *pode ser capaz d'isto, seja* (cap. XIX vv. 10, e 12).»

O Senhor que acabava d'eleva o matrimonio a sacramento da lei nova proclama por estas palavras a excellencia da virgindade e do celibato religioso sobre o estado do casamento. Em I Corinth. VII, vv. 28, 32 e 33, diz o Apostolo:

«Entretanto, se tomares mulher, não peccaste; e se a virgem se casa, não pecca. Todavia todos estes padecerão de semelhante modo tribulação da carne. Eu porém vos perdoo.

«Quero que estejais sem inquietação. O que está sem mulher está cuidadoso das cousas do Senhor, de que modo agrade a Deus.

«Ao contrario o que está com mulher está cuidadoso das cousas que são do mundo, de que modo agrade á mulher; e está d'este modo dividido.»

Lê-se no Apocalipsé de S. João, XIV, 4:

«Estes são aquelles que não se contaminaram com mulheres, porque são virgens. Estes seguem o Cordeiro para onde quer que for. Estes foram comprados de entre os homens como primicias para Deus e para o Cordeiro.»

Estes textos das Sagradas Escripturas embasbacaram o sabio X, que os não conhecia.

2.^a «A penitencia perdoa completamente todos os peccados, (diz mais o X) a extrema uncção remitte os restos d'elles; logo, se a absolvição é efficaz, a extrema uncção é inutil; ou se a extrema-uncção é efficaz, não serve de nada a penitencia. E como existe o purgatorio? Se a extrema-uncção remitte os restos dos peccados não ha que expiar alli; mas o purgatorio é um ponto forçado para todos os viajantes da eternidade; logo, segundo a doutrina de Roma, nem a penitencia perdoa os peccados todos, nem a extrema-uncção todos os restos.»

Esta objecção recorda-nos a de um homem a quem se offereceu para comer um prato de *chocos frescos*. O bom do homem matutava pela força d'este dilemma: ou *chocos*, ou *frescos*; se são *frescos* não podem ser *chocos*; se são *chocos* não podem ser *frescos*; e não achava sahida a esta difficuldade porque não conhecia a relação d'estes dous termos entre si, e sómente a significação material de cada um d'elles.

Assim este X não sabe o que é *penitencia*, ignora o que seja *absolvição*, em que consiste o *peccado*, quaes os effeitos d'este na alma do homem, e quaes as consequencias d'aquella: ignora o que seja o *purgatorio*, e não póde sequer apreciar o que sejam os *restos* do peccado. Esta sua

ignorancia explica em parte a apostasia que se lhe suppõe. Era tão ignorante catholico, como é ignorante no protestantismo. E como a peor e incuravel ignorancia é a do que não quer instruir-se, não nos deteremos a ensinal-o, como ninguém em seu juizo ensaboa a cabeça d'um preto. A nossa resposta está dada com os *chocos frescos*, em quanto não fizer uma objecção conveniente e séria, se lhe fôr possível achal-a.

A estas segue-se outra, ao menos grave na forma:

3.^a «Em quanto aos meios sacramentaes de santificar os seus membros, a egreja papal não tem, realmente, senão sacramento e meio (*sic*) dos dous instituidos por Christo — o baptismo e a communhão — e mesmo o baptismo e a meia communhão ficam, ainda dependentes da intenção do ministro, sem o qual não são validos como diz o concilio de Trento no can. II, sess. 7, fulminando com o anathema, do ritual (?), quem disser o contrario.

«Admittida ésta theoria, como diz o Cardeal Bellarmino, ninguém pôde ter a certeza de receber os sacramentos, porque ninguém pôde ter a certeza da intenção do ministro.

«Avenha-se o revd.^o Amado, com o illustrado jesuita, que nós (*agora descamba para a injuria immunda*) não insistimos, por agora, mais sobre a necedade de taes dilates.»

Desprezando ésta conclusão, ha na objecção tres cosas a considerar, e procuraremos fazel-o:

A 1.^a é o *meio sacramento*. Refere-se aqui á communhão ordinaria, só n'uma especie; no que mostra igual ignorancia do dogma, e das praticas da Igreja, ainda nos primeiros seculos da mesma. Separa este homem o sangue do corpo de Jesu-Christo, de modo que o seu corpo não é um corpo vivo, mas o de um defunto; o que só se explica por a ignorancia do Evangelho: *Este é o meu corpo, que será dado por vós* (S. Luc. XXII, 19), um corpo vivo. E também não sabe que já no primeiro seculo não se dava o Calix aos abstemios, nem se levava aos enfermos, nem os christãos o conservavam em suas cazas para commungarem quando não havia sacrificio nas igrejas. Já então no seu pensar não havia senão «meia communhão?» E saiba mais

que o patriarcha do protestantismo, Luthero, considerava *cousa de nada commungar nas duas especies*.

2.^a A intenção do ministro que administra o Sacramento. Se elle tivesse a intenção, não de administrar um Sacramento, mas de fazer uma sacrilega momice, havia de ser Deus obrigado a ratificar essa momice, dando-lhe a graça do seu sacramento? A exigencia é pelo menos impertinente. Aproveitando-nos de uma supposição do Cardeal Bellarmino, perguntaremos: Se um padre estando á meza com seus amigos e discorrendo com elles a respeito da ultima Cea, repetisse as palavras de Christo ao instituir a Eucharistia, ficariam consagrados todo o pão e vinho que se achassem sobre a Meza? Não. Insensato seria quem o supposesse.

3.^a a apreciação de Bellarmino. Não é verdade que elle tivesse escripto as palavras que X lhe attribue com a sua licença habitual. O que elle disse reduz-se ao seguinte: Não é necessariamente requerida uma *intenção actual* para a perfeição do sacramento; não é sufficiente a *intenção habitual*; basta, porém a *intenção virtual*. Passou X por as palavras d'este escriptor, e deturpou-lhe o pensamento. E é com processos tão pouco honrosos, que elle combate a Igreja Catholica! Explica-se cada vez mais o motivo porque pôz mascara.

E' inutil dizer que o bom do X não acha tambem que haja na Igreja *santidade*; tomou-a toda para si.

O maganão!...

VI

ERROS E FALSIDADES

Propõe-se X a examinar a *Catholicidade*, outro dos characteres da verdadeira Igreja; e, fingindo não vêr que elle implica a *visibilidade*, propõe-se a negal-a, dizendo:

«Todos os artigos dos tres crêdos primitivos têm referencia a coisas invisiveis, e o artigo que diz respeito a *uma santa egreja catholica e apostolica*, deve estar na mesma linha de conta dos outros.»

Começamos dizendo que isto não é verdade. Não é

cousa invisível a Creação do Ceo e da Terra, nem a Incarnação do Verbo, o seu Nascimento de Maria Virgem, a sua Paixão, Morte e Sepultura; não o é a sua Resurreição, e Ascensão aos Ceus: como o havia de ser a *Igreja Catholica* estabelecida para o bem dos homens, e, em quanto está na terra, composta por elles?

E depois X deixou-se esquecer de que tinha fallado na *unidade de crenças*, a qual não se pôde dizer que existe se não é confessada externamente; assim como que também tinha feito menção expressa da *santidade da doutrina*, e dos *meios sacramentaes*, o que expressa manifestamente os actos exteriores e apparentes de *ensinar a doutrina e administrar os sacramentos*; e tudo isto que implica a visibilidade da Igreja e a sua perpetuidade, repelle de antemão o subterfugio, a que espera dever a salvação das seitas, que é declarar a Igreja sujeita a eclipses que a tornem invisível e o seu ministerio interrompido.

E tanto é um subterfugio a que os sectarios se viram forçados a recorrer, que só lhes lembrou em 1603, depois de mais de 80 annos que já tinham de vida; e tiveram por fim de abandonal-o ostensivamente, assim por ser contrario ás Santas Escripturas, como por ser o até a todos os Credos ou Confissões de fé, que cada uma das seitas fizera. Seria por despeito de sentir-se repellido que accrescentou as seguintes palavras, unicamente injuriosas?

«Materializar o espirito d'esta regra de fé é glória que pertence á bronca theologia dos Romanos, *gloria que ninguem lhe disputa nem contesta.*»

O *sapientissimo* X quer que fosse *perspicaz* a theologia protestante, pois que não ensinou ser visível a verdadeira igreja. Vejamos se não ensinou:

Diz o Credo d'Ausburgo: «Nós ensinamos que ha uma Igreja Santa, que deve subsistir eternamente, onde se ensina bem o Evangelho, e se administram bem os Sacramentos.» Logo visível.

Diz a Apologia do mesmo: «Nós não pensamos que a Igreja seja a cidade de Platão. Ella existe (*é visível*); ha n'ella verdadeiros crentes, verdadeiros justos espalhados por todo o Universo; e ajuntamos-lhe as notas, *que são*, o

Evangelho puro e os Sacramentos, e esta Igreja é propriamente a columna da verdade.» Portanto visível.

O credo de Strasburgo define a Igreja: «A sociedade d'aquelles que estão alistados na milicia de Jesu Christo, entre os quaes se misturam muitos hypocritas... A Igreja estando sobre a terra na carne (*eil-a pois visivel*). Deus quer tambem instruil-a pela palavra exterior, e fazer guardar a seus fieis uma sociedade exterior pelo meio dos sacramentos.» Sociedade visível.

E ha outras mais definições da Igreja, nos credos d'aquellas das 13 seitas que conhecemos, e em todos elles ensinam os protestantes doutrina igual á da *bronca theologia dos Romanos*. X não o sabia. Que pena! Pois lêa o que disse o ministro Juriën:

«O que induziu alguns doutores reformados a lançarem-se na *difficuldade* em que se acham enleados por negarem a *visibilidade* perpétua da Igreja, foi o crerem que, se confessassem ser a Igreja sempre visível, custar-lhes-ia a responder á pergunta que a Igreja Romana nos faz tantas vezes: *Onde estava a vossa igreja ha 150 annos? Se a Igreja é sempre visível, a vossa igreja calvinista, luthericana não são a verdadeira igreja porque não eram visiveis.*»

Os protestantes ambicionaram tambem esta gloria da «bronca theologia.» Só quando conheceram que a *visibilidade* da Igreja feria de morte o protestantismo é que arranjaram esta escapula, que é um contrasenso, e foi por isso desprezada pelos protestantes intelligentes dos tempos subseqüentes. Se é «materializar o espirito» considerar visível o que o é, e não póde deixar de ser-o; o que Christo e os Apostolos sempre consideraram tal, só póde suppor-o quem fór tão material que não saiba distinguir o espirito da materia; e mude crenças conforme as conveniências, como se muda de vestidos conforme as estações. Comtudo X prosegue:

«O sentido d'aquella frase—creio n'uma santa egreja catholica e apostolica—é este: creio no conjunto das almas (*e dos corpos não?*) remidas pelo sangue de Christo e, unidas cá na terra pelo mesmo vinculo de fé ás quaes se chama a egreja militante, ou premiadas no Ceu com a gloria—ás quaes se chama egreja triumphante.

«E' esta e não outra a intelligencia d'aquellas palavras, que significam a verdadeira egreja christã.»

Rimo-nos d'este decreto do *infallivel* X, e rimo-nos 1.º por acharmos emfim a incognita do motivo porque não reconhece a infallibilidade da Igreja (1); 2.º porque os christãos dos primeiros seculos do christianismo desmentem formalmente essa *intelligencia* com tanta leviandade supposta; 3.º porque os proprios synodos protestantes foram forçados a abandonal-a por insensata e ridicula; 4.º porque não pôde ella conciliar-se com o artigo do Symbolo dos Apostolos, o Credo primitivo, que diz: *Creio . . . a Comunicação dos Santos*; isto é a Igreja triumphante, e suas relações sobrenaturaes com os homens, seus irmãos viadores que compõem a Igreja militante, que tambem os ensinou a elles, e os santificou pelos seus sacramentos. E ésta a de que trata o artigo que occupou a imaginação de X.

Aproveita o ensejo para dirigir alguns insultos e chufas grosseiras á Igreja, porque na *Profissão de Fé* de Pio IV se addiciona ás notas da Igreja Catholica a de *Romana*; e como finge não saber o motivo, apoda-a de *contrasenso*, de *saibo de paganismo* sem vêr que forja armas que o ferem. Se não soubesse, e quizesse deveras sabel-o, dir-lh'õiamos extensamente, mas em presença de ignorancia tão presumpçosa, apenas lhe diremos que lêa S. Irenêu (*Adv. Hoer.* l. III, c. 3, n.ºs 2 e 3) ou ao menos a *Hist. Eccl.* d'Eusebio, l. 4 cap. 22, annot. por Pearson), e ficará sabendo o motivo. Referimo-nos ás datas mais remotas da era christan. Despresamos essas chufas e insultos; e passamos a lêr o seguinte:

«As egrejas do oriente, *separadas da Egreja de Roma*, no seculo XV, representam a cifra (*chifre*) de settenta e sette milhões de almas. As egrejas reformadas do occidente representam a cifra de noventa e cinco milhões de almas, e umas e outras cincoenta e cinco milhões mais, que os idolatras (*sic*) do papa *infallivel*, seita (*sic*) em verdade numerosa, porque conta cento e deseseto (*sic*) milhões de apostatas (*sic*).»

(1) Devemos notar que todas a professam, mais ou menos, e procedem com harmonia com essa crença; posto que a não confessam francamente por medo dos seus *fieis* sem fé.

Cuida este pobre apologistas que escrevendo algumas insolencias, assoprando algarismos para os avultar, e chupando outros como os vampiros para defecal-os, aggregando cousas inconciliaveis como são as seitas orientaes e as occidentaes, e escrevendo crassos erros de historia, consegue fazer a apologia do protestantismo, e deprimir o catholicismo. Engana-se de meio a meio.

Nenhuma das egrejas do oriente se separou de Roma no XV seculo, todas o fizeram muitos seculos antes. N'esse seculo tentou-se trazel-as á unidade, e chegou a haver um principio de realisação no Concilio geral de Florença com as Igreja Grega e Armenia; mas que não chegou a estabelecer-se. Da parte de Roma com animo puramente religioso, e fazendo todas as concessões que não offendiam o dogma; mas da parte de Constantinopla com fins politicos e tenções reservadas. A plebe concitada pelos que perdiam com a unidade, gritava que preferiam o Turco ao Papa. Deus fez-lhes a vontade; pouco depois estavam escravos do Turco.

Devemos, porém, accrescentar porque o exige a verdade, que bastantes d'algumas das igrejas com quem se pactuára a unidade, ficaram-lhe fieis até hoje. Nada menos de dous erros historicos tivemos pois de rectificar só na primeira linha do artigo d'este X.

Ainda que não sabemos quaes são, e de que valor os dados estatisticos de que se serviu para dotar com setenta e sette milhões d'almas as seitas hereticas ou scismaticas do oriente, e com settenta e cinco milhões as do occidente, e termos a opinião auctorizada do sabio geographo protestante Malte-Brun, que sómente assigna aos gregos scismaticos, incluindo todas as outras seitas orientaes (com quanto nenhuma communhão haja entre ellas, como são os eutychnianos, nestorianos etc.), sómente sessenta e dous milhões de almas: e a todas as seitas hereticas e scismaticas do occidente, lutheranos, calvinistas, anabaptistas, presbyterianos, anglicanos e methodistas etc., apenas cincoenta e nove milhões, o que faz um abatimento de vinte e um milhões na cifra X-istosa; comtudo não damos grande importancia a isso. Tão pouco a damos a que o algarismo dos catholicos seja de cento e dezassette milhões, como o mes-

mo X affirma, ou de 115 milhões só na Europa, e de 24 milhões fóra d'ella, como opica o mesmo Malte-Brun, ou de 138 milhões só na Europa, como outros pertendem (1). Bem éxiguo, proporcionalmente fallando, era nos primeiros seculos o numero dos fieis, e já a Igreja recebia o nome de *Catholica*, ou se chamava assim, como outros querem.

Não é o numero maior ou menor de filhos ou de adherentes que dá direito a este nome, é o character que falta ás seitas protestantes—a universalidade do ensino quanto aos tempos e aos logares; e ellas como agrupações particulares, que não existiram sempre, não podem repartir ensino que não seja tambem particular.

X não sabe qual é a significação da palavra *catholico*, e mediante essa ignorancia vergonhosa, e reforçado com a sua Igreja invisivel, julgou-se auctorisado a chamar-nos *apostata*, e a denominar-nos *seita*; isto é, deu-nos o que é seu, e que lhe hade ficar sejam quaes forem os exforços que faça para saccudil-o de si. Como a *Igreja invisivel* é um desconchavo, é facil mostrar quando cada *seita* principal se separou da Igreja Romana, e quem se pôz á sua testa, isto é, em que data se fez *seita*; quaes as doutrinas dos Apostolos que rejeitou, isto é, quando se fez *apostata*, e quaes conservou; e as que foi largando pelo caminho até hoje.

Dito isto, canzaria rizo, a não ser mais forte o sentimento de pezar, lêr escripto pela sua penna que os christãos de todas as *seitas*, que se separaram de Roma, é «que formam a egreja verdadeira, á qual Christo prometteu a *catholicidade*, (a qual) não pertence pois á egreja Romana, pertence á egreja evangelica, que; ella se chame portugueza, hespanhola, anglicana, brasileira, asiatica, affricana ou ocepanica etc.»

E faria rir, porque logo á primeira vista apparecem duas contradicções notaveis. Entre as igrejas que se separaram de Roma antes do XV seculo; ha incompatibilidade

(1) Nós crêmos que abate do numero dos catholicos os pedreiros livres; e não deixa de ter sobejas razões, ainda que se chamam catholicos. Como é d'elles, sabe-lhes o numero ao certo?

de doutrina, tanto de umas com outras, como com as que se separaram depois d'esse seculo, e bem assim d'estas com aquellas, e entre si: e por tal modo que até hoje ainda nenhuma pôde resolver-se a acceitar o credo da outra. Uma prova bem evidente d'isto se deu na Prussia, no reinado do pae do actual rei. Quiz este reunir n'uma só igreja nacional as duas igrejas—lutherana e calvinista, e assim o decretou; mas o resultado foi, existirem agora tres em lugar de duas que existiam, e que se aborrecem mutuamente.

Estas seitas ou igrejas têm o seu chefe, ou papa, que é sempre o principe do paiz em que se acham constituidas, que as protege contra a catholica, e em torno dispõe como lhe apraz não só da disciplina, mas igualmente do dogma das suas protegidas. Já tocamos esta especie, e alludimos a reformas do dogma ordenadas pelo governo, ás quaes os protestantes mui submissamente se curvam, e recebem. São portanto diferentes rebanhos com pastores diferentes, que se combatem uns aos outros: não podem formar a verdadeira Igreja, que Christo fundou, constituindo um só rebanho com um só Pastor.

E a outra contradicção é que de repente empalma ás primeiras a *catholicidade*, que acabava de inculcar ter sido promettida por Christo a todas, e entrega a escondidamente só ás evangelicas. Vê-se em primeiro lugar que aquellas não o são no sentir d'este campeão, que dá e tira os seus dons conforme lhe apraz. E contudo isso não melhorou de situação. Todas as seitas se chamam evangelicas, até muitas d'aquellas que não reconhecem os Evangelhos por inspirados. Ou todas ellas o são, apesar das diferenças essenciaes que existem nas diferentes dogmaticas; e pergunta-se qual é a razão porque se estão fundando novas quasi todos os dias? ou não são evangelicas senão porque todas contrariam o Evangelho. Não o sendo, pôde X talvez, com razão privar as da *catholicidade*, mas deve confessar que o foi conferir á parte mais exigua, e verdadeiramente microscopica, e essa mesma dividida em nacionalidades, de que acabava de fazer a enumeração. E se apesar d'essas diferenças todas ficam sendo evangelicas, segue-se que temos na tal *catholicidade* apenas a trama para formar uma

veste de arlequim de variegadas côres. Uma cousa ridícula.

Dir-nos-ha que succede o mesmo com a Igreja Romana, onde ha catholicos italianos, portuguezes etc. Sim, os fieis são de diversas nacionalidades, mas a Igreja é uma, uma a doutrina, um o pastor supremo, ao passo que na sua *catholicidade* as igrejas é que são nacionaes, com doutrinas nacionaes, e com pastores tambem nacionaes: tantos quantas são as seitas e as doutrinas. É *catholica* e não *catholica*.

E agora crêmos que serão bem recebidas pelos nossos leitores algumas informações dadas pelos proprios protestantes ácerca da *unidade*, *santidade*, e *catholicidade* do protestantismo, para o qual o X, como os judeus esperam a vinda do Messias, aspira á promessa da *catholicidade*. Damol-as á proporção que as formos encontrando em rapido exame.

«Um jornal allemão de Lausanna (Suissa) diz o correspondente da *Presse* em 26 de julho de 1843, annunciou que ia consagrar as suas columnas á propagação do *communismo* e do *atheismo*, atacando indistinctamente quaesquer crenças religiosas como outros tantos *principios de servidão social*. Nos nossos vizinhos de Basilea-Campo e de Soleure debate-se de novo o antigo projecto de fundar uma igreja suissa com o nome de *catholica*, egual á que tentou fundar em França o padre Chatel (1).»

Luthero, escrevendo a Zwinglio (*liv. 1.º da sua correspond.*) dizia: «Bem depressa será necessario, vista a diversidade das interpretações da Biblia, e por interesse da unidade religiosa, que nós recorramos de novo ás decisões dos concilios.»

Calvino escrevia a Melancthon: «Não é uma vergonha que, estando nós em guerra com o mundo, nos achemos

(1) Esta igrejola está funcionando n'algumas partes da Suissa, protegida pelos protestantes, e servida por padres francezes, que estavam interdictos por maus costumes, ou tinham fugido por causa de crimes.

desunidos desde o principio da reforma»? ao que este lhe respondia: «O Elba com todas as suas vagas não me daria bastante agua para chorar as desgraças da reforma dividida. N'ella duvida-se das cousas mais importantes. O mal é incuravel (*Epist.* liv. 4).»

João Muller dizia (*Minerva*, julho de 1809): Este estado de cousas é deploravel, e por elle se accuza cada vez mais a igreja e suas instituições. O anti-christianismo não se esconde já.... A Biblia é indignamente interpretada.... O que fez d'ella a exigêse protestante? Como é que, sendo a Escriptura Santa a unica regra de fé, quando um vem, e corta uma Epistola de S. Paulo, outro supprime o Evangelho de S. João, e um terceiro faz desaparecer os tres primeiros Evangelhos? Nossas universidades augmentam o mal.»

«Temos chegado a tal estado (escreve o *Jornal theologico* n.º 34 em 1830) que, se as classes médias ainda conservam algum habito moral, abandonaram completamente o espirito religioso.»

«Eu desafio (dizia Samuel Parker) que me mostrem um artigo mais imperiosamente prescripto e tão frequentemente recommendado, como a conservação da unidade entre todos os christãos (*Religion and loyalty*, 1684).»

«O protestantismo, diz o sr. De Welte, cuja união foi enfraquecida e *despedaçada* pela multiplicidade das confissões e das *seitas* que se formaram durante e depois da reforma, não apresenta mais como a Igreja Catholica, uma unidade exterior, mas a diversidade de cores differentes («O Protestante», 1828).»

«Confessamol-o com franqueza (lê-se na *Idea*, revista trimestral, 1835), a nossa Igreja está esfarrapada tanto no interior como no exterior; ella está dividida em principios e opiniões tanto por dentro como por fóra de si mesma; acha-se dividida em seitas sem numero, e em fracções de fracções até ao infinito.

«Vê-se, diz Sehman, concebe-se o protestantismo; mas em parte nenhuma se apercebe *uma igreja protestante*. (*Aspect. e perig. do protestant.*).»

«Isto não é *uma* igreja (diz Planch) são *igrejas* que nós temos (Sit. do part. cathol. e protest.).»

«Não se illuda o protestantismo (diz Vinet, pastor em Genebra) com os seus tres seculos de vida exterior. Elle vive ainda do primeiro e vigoroso impulso que recebeu no XVI seculo; vive de seus antecedentes politicos, e do *elemento da nacionalidade* (são seitas nacionaes, particulares, não podem ser Igreja Catholica). Mas este impulso debilitou-se. As vigas da carpentagem se desunem. O edificio estalla por todos os lados. As forças accessorias e auxiliares retiram-se. O protestantismo fica só e desorganizado... Ha protestantes, não ha mais protestantismo.... Isto não é só em principio, é nos factos, e d'uma maneira flagrante que este reino está dividido contra si mesmo (esqueceu-lhe accrescentar o resto do texto: *Todo o reino dividido contra si mesmo perecerá*). O christianismo protestante está desorganizado, ou, se antes se quer isto, inorganico.... O protestantismo é sómente o lugar d'uma religião. Não foi primeiro um principio, mas um facto; não foi protestantismo, mas protestaço.... A separação era somente um *remedio*, que muitos consideraram alimento. Estranho regimen! é força confessal-o (*Ensaio sob. a manif. das convicções religiosas*).

«O protestantismo (diz o jornal protestante, o *Semeador*, 1847) tambem se renova. Todos os homens exclarecidos reconhecem que a *Reforma carece de reformar-se*. Se o sr. Chevalier (Miguel, um dos redactores do *Jornal dos Debates*) tivesse fixado a sua attenção sobre estas materias graves, teria visto que a muitos respeito a obra do XVI seculo está *egualmente gasta*. As *decisões n'elle são numerosas, as scisões profundas*. Não é com o estandarte de Luthero, Calvino, Cranmer, e Knox, que os povos protestantes effectuam as cousas que excitam o entusiasmo dos *Debates*.»

Quer m os leitores saber a que ponto de desorganisação chegou o protestantismo? Em maio de 1846 reuniu-se em Berlim um *concilio* a que os protestantes allemães chamaram *ecumenico*; e na carta convocatoria lia-se:

«Vós sois convocados para tomar em consideração os meios proprios a *dar-nos a unidade* em tres espheras distinctas: vós deliberareis sobre a *triple unidade das doutrinas, do culto, e da constituição ecclesiastica*. Para nos ex-

plicarmos com toda a sinceridade, srs., não crêmos nenhum de vos assás profundamente sepultado nos seculos passados para não verdes ao primeiro relancear d'olhos que o segundo d'estes tres pontos, que na epocha da união (*uns 30 annos antes*), era considerado como a cousa principal, já não é senão d'uma importancia muito secundaria. *No que respeita á unidade de culto e de lythurgia, o catholicismo produziu tudo o que ha de mais grandioso e de mais perfeito. Sobre este dominio, falta á nossa igreja o que dá ao culto seu principal prestigio — a antiguidade immemorial e o character tradicional, que só pertencem ao catholicismo....*

«Quanto á confissão dogmatica, sem lhe conceder em todos os logares inteira liberdade (porque uma só confissão de fé poderia produzir a tyrannia e a servidão, ou scismas e seitas) a communa confessará o que lhe convenha; o pastor prégará o que lhe agrade, e não se imporá outros deveres que declarar, ao tomar posse do seu emprego, que elle é christão e quer servir a igreja: é só isto o que ella póde e deve exigir-lhe. Deve, em todas as occasiões, pronunciar a sua fé pessoal; mas, para evitar o escandalo, terá o cuidado de formulal-a em termos biblicos.....

«Mas, objectar-se-nos-há, vós destruireis assim a igreja, e quebrareis o laço de sua unidade. A isso respondem os homens da liberdade: *A antiga Igreja cessou d'existir ha muito tempo; não tem mais valor. Ha mais de duas gerações, ou melhor ha tres seculos, a arbitrariedade, como vós o sabeis, irrompetu n'ella e governa-a. A Igreja, segundo a sua idea primitiva, pertence ao catholicismo, e todo o que, no systema protestante, quer approximar-se d'ella, não só faz abnegação do seu principio, mas tambem nunca chegará a mais do que a offerecer o pallido reflexo da unidade catholica que faz visivel a sua gloria...*»

Estas confissões a favor da Igreja Catholica em um documento official, e d'esta importancia, que contrastam abertamente com as grosseiras injurias de X, éstas seguranças de que se cercam para conservarem a anarchia sob capa de unidade, offerecem um estudo interessante não só para o mesmo X, que é totalmente hospede, elle protes-

tante, na historia do protestantismo; como é de não menor utilidade para aquelles a quem elle procura enganar, felicitando-se pela perspectiva de fazer d'elles uns impios.

Por ora ficamos n'este ponto; mas resolvidos a continuar se a isso formos por X obrigados.

*
* *

E somos chegados com elle a examinar a *Apostolicidade*. Eis como a considera:

«Se ésta palavra, applicada á igreja, quizesse significar unicamente a fundação da igreja pelos apóstolos, nós abriríamos este periodo confessando que a igreja Romana era realmente apostolica. Mas não é esse o sentido de tal palavra; e tanto assim, que na America, descoberta seculos depois das igrejas primitivas, ha igrejas apostolicas.

«A significação d'essa palavra, applicada á igreja, quer dizer: igreja que segue as doutrinas dos apóstolos.»

Ainda que pareça a alguém de secundaria importancia isto que se diz aqui, não deixaremos de rectificar-o por ser contra a verdade historica, e não o termos em conta de menos importante. Nos primeiros tempos só se chamavam apostolicas as igrejas fundadas pelos Apóstolos; mas com o andar dos tempos se estendeu essa denominação a todas as igrejas, cujos bispos não só professavam a mesma doutrina, mas tinham recebido a missão d'ensinal-a por uma successão não interrompida desde os Apóstolos. São estes pois os dois caracteres distinctivos da apostolicidade. Um só não basta; pois tão necessario é que a doutrina seja a que ensinaram os Apóstolos, como que a missão tambem venha d'elles por uma successão constante.

Depois d'isto vemos X todo atarefado a negar a Roma «o titulo de apostolica;» mas debalde súa; porque reconhecendo que «o methodo mais logico seria cotizar (*sic*) a sua doutrina com os escriptos dos apóstolos», não, o segue porque «isso demandava espaço de que não podemos dispôr e tempo que nos escaceia;» e soccorre-se «á sua supremacia, sacramentos, adoração de imagens, indulgencias, purgatorio» para lhe negar esse titulo. Mas como lhe

provamos pelas Sagradas Escripturas, e tambem pela tradição (ainda que a não acceite X, salvo nos casos em que lhe convêm acceital-a) que Christo estabeleceu, e os Apostolos as ensinaram, todas essas cousas a que chama irracionalmente herezias, perdeu o tempo e o trabalho apezar de ter-se feito protestante façanhudo.

Persuade se comtudo de que será mais feliz seguindo outro caminho, e escreve :

«Não sabemos se o revd.^o padre Amado leu alguma vez os Actos dos Apostolos e as epistolas d'elles. Se não leu, leia e responda-nos depois, com a franqueza, que deve caracterizar um homem na sua posição: Na linha dos successores de S. Pedro.... (segue uma impertinencia tonta), onde está um, que seja digno de comparar-se com elle? olhe que não dissemos *de beijar lhe a alpercata*, por que a humildade do martyr sublime, que pediu aos verdugos que o crucificassem de cabeça para baixo, para não morrer como o Divino Mestre, de certo não consentiria n'essa baixeza.

«Venham os nomes, que por cada um, que citar, digno de honrosa commemoração (e houve alguns) nós citaremos dez de recordação ominosa e «excranda.»

Não podêmos jurar se o sr. padre Amado lê ou não os Actos e as Epistolas dos Apostolos, mas crêmol-o. Podêmos todavia affirmar que X não os lê, ou então deturpa o que leu, por falta de intelligencia, ou muito de proposito. Abundam as provas d'isso n'estes artigos que nos tem forçado a escrever. Nós, se tivéssemos a honra de fallar em nome d'aquelle respeitavel ecclesiastico, acceitaríamos a proposta; e na nossa pequenhez acceitamol-a, apenas com uma alteração que não nos parece que possa entibiar a *erudição* de X.

Não nos consideramos no caso de arrojarmos a estabelecer comparações entre o primeiro Papa que teve a Igreja de Deus, e os seus successores. Seria desmarcada necedade. Mas como o que X principalmente pertende é injuriar os Papas, comece por declinar o seu nome verdadeiro, que tão *avisadamente* conserva escondido; e depois faça a historia de qualquer Papa, dos que considere mais affastados de S. Pedro, e nós compromettemo-nos a pro-

var que não é verdadeira a sua narração, e a apresentar-lhe 30, que mais ou menos se approximem d'esse typo magestoso. Entre mais de 240 Papas, não poderá apresentar com verdade, mais de 6 ou 8 dignos de reprovação, maior ou menor. Se quer acceitar éstas condições estamos promptos. Pôde começar quando quizer.

E fecha este capitulo da *Apostolicidade* sem provar que esse character não pertence á Igreja Catholica Romana, nem dizer quando o perdeu: e nem ao menos faz o menor esforço para provar que elle pertence a alguma das seitas protestantes, que durante dezasseis seculos não existiram; ou ainda a algumas mais modernas, e a rasão porque lhes pertence.

Consignamos este completo fiasco, e vemos com pena o X recolher-se aos bastidores, encolhido e cabisbaixo, quando esperava o *vos plaudite* da platêa, e a paga dos empregarios.

A musica da mentira, o acompanhamento da ignorancia, as fanfarras da calumnia, e nem sequer a *claque* dos tolos que applaudem o comico, mal pôdem por fim livral-o da pateada geral, quando o panno cae ao findar a *peça*.

VII

FALSAS ESTATISTICAS CONTRA OS CATHOLICOS

Não pôde X provar que tivesse a legião de seitas protestantes nem um só dos caracteres da Igreja de Christo; e por mais esforços que para isso fez, não conseguiu nem sequer mostrar quando, e porque os perdeu a Igreja Catholica Romana. Limitou-se a dizer que ella *cahira em heresias*, palanfrorio antigo entre os hereges, sem se atrever a expôr em que o ensino de Roma contraria directa e formal ou indirecta e acobertadamente as Santas Escripturas, que diz deverem ser o unico e exclusivo criterio dos christãos, mesmo quando nenhum tenham.

Desesperado por isso, lançou mão de um recurso que se lhe antolhou engenhoso, e que só é cavillozo. Ouçamol-o, ainda que é longa a passagem, que somos obrigados a repetir:

«Fechamos este capitolo, offerecendo ao revd.^o padre Amado, em particular, e aos seus collegas em geral, a seguinte estatistica das *virtudes* dos subditos Romanos (os *catholicos*), comparadas com os crimes dos que estão fóra do gremio da tal egreja.

«Este trabalho, creia sua revm.^a foi feito com o maximo escrupulo, em face de outro, que tem a seguinte epigrapha:

«Resultados moraes do systema Romano» pelo revd.^o M. H. Seymour.

«Vejam, n'esse espelho, os que acreditam ainda na moralidade da egreja romana, a perniciosissima influencia da sua doutrina, que desmoralisa em vez de edificar, que corrompe em vez de perseverar (*sic*), que desvirtua em vez de santificar.

«Eis a estatitica:

«Na Inglaterra, onde o romanismo, como os morcegos do templo vive na solidão da noite e na soledade das trevas (1), deram-se nos dez annos anteriores a 1851, 718 homicidios, sendo por tanto a media annual—72.

«Comparada esta cifra com a de 47,927,609 habitantes, população então conhecida, temos a proporção de 4 homicidios por cada milhão.

«Escolhemos a Inglaterra, como ponto de partida e ponto de comparação, por ser a nação, onde, apesar do que diz o sr. padre Amado, menos preponderancia (*sic*) tem o nefasto poder de Roma, e onde, por esse facto, mais se devia fazer sentir a ausencia do seu influxo.»

Nunca duvidamos do seu escrupulo em apanhar todas

(1) O rancor d'estas expressões, tão semelhante ao dos judeus e gentios contra os christãos nos primeiros seculos, não só manifesta a ferocidade de sentimentos, mas tambem a falta de prudencia do escriptor, pois que veio recordar a perseguição aos catholicos por mais de 300 annos para forçar as gerações futuras a serem protestantes: que mais de 500 mil martyres perderam a vida entre os tormentos mais atrozes; que uns 100:000 foram vendidos como escravos, e alguns milhões d'elles despojados de seus bens, e reduzidos a morrerem de fome, dando-se premios aos filhos que os denunciassem. D'este modo quasi aboliram o catholicismo, que nos principios d'este seculo, mal chegava a contar 50:000 fieis; e hoje conta mais de trez milhões. Assim se vê a sinceridade com que estes srs. se chamam tolerantes.

as immundicies da habitação do sr. Seymour; assim não poderíamos também duvidar do seu bom senso para não ir metter-se n'uma sentina; do seu criterio para conhecer que um escripto com o titulo que lhe deu o auctor é forçosamente apaixonado e por tanto indigno de credito; da sua lealdade para contrastar esse escripto com as estadísticas officiaes, e, se não pudesse obtel-as, ao menos com as que por éstas se formaram n'um intuito scientifico.

E mais não fallamos na simpleza com que pretende comparar entre si povos, que procedendo de raças differentes, como são os inglezes—raça saxonica, e os irlandezes—raça celtica, nenhum ponto offerecem que possa comparar-se, por terem compleição, indole, e costumes contrarios. E como não viu que o mais que da sua estadística se poderia deduzir vinha a ser que, estando os irlandezes sujeitos á legislação ingleza, deve a ésta ser imputada uma parte, maior ou menor, mas em todo o caso bem grande, de responsabilidade nos defeitos dos irlandezes, obrigados a amoldar-se a essa legislação dictada pelo odio, quando mesmo fossem verdadeiros esses defeitos?

Aqui estão que X retirou do seu «escrupulo», desacompanhado das qualidades de pensador e d'escriptor que exige o encargo que tomou voluntariamente, ou que se lhe impôz forçosamente; e prescindindo por agora do que diremos logo.

Protestamos n'este logar contra a obrigação em que X nos collocou d'entrar n'uma discussão do genero d'esta, á qual não desceríamos voluntariamente, mas a justiça, e os direitos da defeza a isso nos impellem. Fique-lhe a elle a responsabilidade da provocação.

Dissemos que o trabalho a que se entregou é vergonhoso a todos os respeito, e agora accrescentamos que o seu Seymour é mentiroso e falsario.

Abramos a estatística criminal da Inglaterra na *Geographia Universal* de Malte-Brun, o qual, como lutherano deve ser insuspeito a X. Esta abrange os annos de 1820 a 1831, mas só mencionaremos os dez annos de 1822 a 1831, e n'ella deparamos com as seguintes condemnações, termo medio; homicidio (*manslaughter*) 64, 8; assassinio (*murder*) 15,5; envenenamento para roubo 29,2; infanticidios

14,6: total, 119. Media por milhão de habitantes, 4,23. Devemos porém observar:

1.º Que estas condemnações referem-se á população da Inglaterra, Escocia, Irlanda, e principado de Galles, cuja população era de 24.644:452, em 1831, ultimo anno do decendio.

2.º Que o numero dos crimes deveu ser muito maior, posto que não se possa consignar, nem classificar, tanto por falta de informações detalhadas; como porque a média dos criminosos que n'esses annos deixaram de ser presos (ou processados por falta de accusadores), foi de 1,674 pessoas. A independencia das jurisdicções entre condados e condados, e em Londres até de parochias entre si, é um grande obstaculo á prisão dos criminosos, e ao castigo dos seus crimes, como adverte o auctor.

3.º Deve tambem attender-se a que a criminalidade oscillante desde 1822 até 1828, tomou no anno seguinte, 1829, uma progressão ascendente, como o mostram os algarismos dos crimes—18,675; 18,407, 19,647; tendo sido de 16.564 o do anno de 1828.

O sr. Maurice Block, tambem protestante assanhado, na sua obra *A Europa politica e social*, depois d'expor a criminalidade só na Inglaterra e Galles desde 1846 até 1867 (1), por numeros totais, sem especificação dos crimes, apresenta um quadro d'aquelles conhecidos e cujos auctores foram condemnados, desde 1862 a 1864, que dão a media annual de 19,9 por milhão de habitantes. Estes crimes são: assassinio, homicidio e envenenamento. E o auctor observa tambem, como já tinha feito Malte-Brun, que muitos dos crimes commettidos não chegam ao conhecimento da policia, e de outros não chega a saber se nem ao menos quem os commetteu.

Estes mesmos crimes, tendo-se em attenção tambem a população da Irlanda e Escocia, dão uma media annual 7,5. Isto basta para mostrar quão falsificadas foram as estadísticas de Seymour, que tomou em primeiro logar a me-

(1) O sr. Seymour parece que nunca ouviu fallar na associação dos *estranguladores* que em 1837, seguintes annos tantas proezas fez em Londres! Coitado! cuidou que era ignorado por todos o que elle não sabia, ou occultava cuidadoso.

dia dos crimes de morte para toda a população do reino unido, como ella era em 1831, e transportou-a só para Inglaterra e em 1857, quando a população tinha augmentado.

Creemos poder ainda signalar uma nova falsificação relativamente á Irlanda só, attribuindo-lhe para media em 1851 o algarismo 19, que Block assigna, de 1862 a 1864 para a Inglaterra e paiz de Galles: esta porém não passa de uma conjectura nossa, e não nos atrevemos a arguil-o formalmente d'ella.

Vejamos agora o que X escreve da Irlanda:

«A Irlanda, em 1839, sob o dominio de Roma, dava uma proporção de 33 homicidios por milhão e, em 1851, *um pouco mais desafogada da pressão clerical*, apresenta a sensível differença, para menos, de quatro (*devia dizer quatorze*) homicidios, pois desceu a media dos assassinatos (*sic*) — a — 19.»

E' muito suspeita esta escolha do anno de 1839, que está fóra do seu termo de comparação; e não duvidamos arguil-o d'ella; posto que nos dêsse assim a liberdade de ir procurar qualquer anno a geito, só recorreremos a um documento official de 1849, anno que se acha indicado na serie de 1846—1867 do sr. M. Block, pois que nos dá muita luz no ponto sujeito. Não fariamos caso da ineptia das suas notas, que sublinhamos, se não devesse aproveitar-nos para uma observação. Desde 1839 até 1851 nada occorreu no reino unido que podesse pretextar-se para affirmar que n'este ultimo anno a Irlanda estava menos opprimida pelo clero. Quem a opprime é o fanatismo dos protestantes. Será, que a creação da hyerarchia catholica tanto na Inglaterra como depois na Escocia podesse ter no vão pensar de X alguma influencia maligna contra o catholicismo na Irlanda?

Desde 1839 até 1851 o que houve na Irlanda foi que este paiz que em 1833 contava 7.943:000 habitantes tinha perdido em 1851, pela influencia da *humanitaria*, e *liber-rima* legislação protestante, muito para mais de 1.600:000 habitantes, que se expatriaram para fugir á fome. Será esta emigração forçada que X qualificará de *desafogo* de pressão clerical? Seria bem bonito.

E concluimos estas considerações pedindo aos nossos

leitores que conservem na sua lembrança a notavel prova de má fé, ou de falta d'escrupulo de X, o qual tendo acabado de dizer que se commetteram 33 homicidios por milhão de habitantes em 1839, e no de 1851 somente 19, acaba affirmando que fora só de 4 a differença entre um e outro algarismo, devendo dizer 14.

Nem Malte-Brun, nem Block, e nem sequer Beaumont, que escreveu sómente sobre a Irlanda, consignam estadísticas especiaes sobre a criminalidade n'este reino; tivemos por isso de recorrer a uma obra polemica, que nos ministrou umas notas do *Criminal Return*, publicação official ingleza, relativamente a Londres, e ao reino d'Irlanda. Eis o que vimos:

Mortes á traição, homicidios com violencia, e tentativas de homicidio, com punhal, armas de fogo ou veneno, durante o anno de 1849:

Em Londres sómente, 91.

Em toda a Irlanda, 51.

Ora, Londres contava então, numeros redondos, 2.400\$ habitantes, e a Irlanda quasi 6.300:000. A proporção seria pois, tomando a Irlanda por typo, de 20 crimes para Londres, ou tomando ésta, de 237 para a Irlanda, (desprezando fracções) segundo o criterio de X, se elle tivesse algum. As estadísticas a que recorreu pronunciam se contra elle; pois se conhece que ha menos crimes em toda a Irlanda do que só em Londres. A Irlanda ainda não perdeu o direito ao favoravel juízo de Malte-Brun: «A sua melhoria moral não é menos notavel como se vê dos cartorios dos tribunaes,» escreveu elle.

«A França (continua X), a protectora do poder temporal dos papas, apresentava em 1851, como prova um relatório official, a cifra de 31 homicidios por cada milhão de habitantes (1.116?), registando n'esse anno, 182 infanticidios e 32 parricidios (*estes crimes não são em media*).»

Quem não sabe que a França, em revolução desde 1848, foi em 1851 victima de horrorosos crimes perpetrados pelos socialistas e os vermelhos em varios dos seus departamentos, principalmente n'aquelles em que abunda o elemento protestante, alli feroz e sanguinario? Estas atro-

ciudades foram taes que animaram Napoleão ao seu golpe d'estado, e asseguraram-lhe o concurso das populações.

E tanto isto é assim, que logo no anno seguinte em que a ordem se ia restabelecendo, os crimes desceram a ametade: assassinios 238; homicidios 109; envenenamentos 25; parricidios 14. infanticidios 184; total 570: media 16.10, por milhão de habitantes.

Foi, pois, um anno excepcional, e que não podia servir para nenhum resultado licito; mas por isso mesmo é que Seymour e X se approvellaram d'elle para a sua obra de calunnia e de perfidia.

Ainda mais, Blok aponta de 1861 a 1865 uma media de 8,2 por milhão de habitantes para os crimes de assassinio, homicidio e envenenamento. A França tinha já entrado no seu estado normal pela cessação das causas exceptionaes. Que differença entre Inglaterra e França!

«A *Belgica*, papista reconhecida, cuja população era de 4,377,673 habitantes, contou (em que anno?) 18 homicidios por milhão, segundo a estatística de Leutz.»

Ignoramos a que anno se refere, e apenas supomos que é abj por 1850 approximadamente, e quanto á competencia de Leutz, não damos grande cousa por ella, suppondo que X não lhe adulterasse o trabalho. Notamos todavia que Blok apenas indica 11 por milhão nos crimes de assassinio, homicidio e envenenamento. Sempre são 7 de differença.

Por esse tempo e ainda muitos annos depois, estava este paiz governado por um partido abertamente hostil ao catholicismo, e todo favoravel ás idéas protestantes. Como explica X este facto, e o combina com a frase *papista reconhecida*? Tinhamos curiosidade de sabel-o.

«A *Baviera*, que tem um lugar distincto entre as potencias catholicas romanas da Allemanha, segundo *dados officiaes* (sic), do anno de 1854, deu a cifra de 68 homicidios por milhão de habitantes.»

Não temos estadisticas d'esse tempo. Crêmos até que as não havia, ou não eram conhecidas, e assim não podemos contradizer esta; mas lembramos que n'este anno ainda a Baviera estava agitada pelo movimento que fez espulsar Lola Montes e forçou o rei a abdicar.

Agora posteriormenie, as estadisiicas dão 5,5 para os crimes de assassinio, homicidio e envenenamento, por milhão de habitantes em relação aos annos de 1856 a 66.

Despresamos o que diz Hobart Seymour da Italia, onde foi convencido de mentiroso e de falsario; o que não é titulo para nos merecer consideração, vendo quanto elle falsificou, pelo que deixamos demonstrado.

Mas como X gosta das comparações, depois de copiarmos o que diz da Austria não se sabe em que anno, mas supponmos benevolamente que no de 1849-1850 quando as idéas e paixões revolucionarias se achavam ainda em ebullicão; daremos uma idéa da sua criminalidade e comparal-a-emos com a da Prussia (esta protestante e aquella catholica, mas ambas allemães), quando os dous paizes se achavam já nas suas condições normaes.

Diz elle a respeito da primeira d'estas potencias:

«A *Austria*, que professa tambem as doutrinas da egreja de Roma registrou: homicidios julgados pelos tribunaes civis, 770; iufantecidios, 121; homicidios julgados pelos tribunaes militares, 431 (1). Total... 1325.

«Comparado este numero com o da população 36:514,466, dá 36 homicidios por cada milhão de habitantes.»

Vamos agora a tempos mais tranquillos, 1856: em que a Allemanha se achava no estado normal:

Austria. Assassinios, 368; homicidios, 264; abortos, 27; abandono de filhos nas ruas (*exposição*), 55. Total, 714, que, á vista da população indicada, dá 19 em cada milhão de habitantes.

Prussia. Assassinios e homicidios, 157; infantecidios, 73; abortos, 12; abandono de filhos, 51; envenenamentos, 532. — Total, 825, que, para uma população de 17.190:575, indica 48,10 por cada milhão. Reveja-se X n'este espelho, e para a outra vez não seja tão imprudente.

(1) Desejariamos achar quem nos explicasse a razão porque X distinguu as jurisdicções na Austria, e não fez o mesmo em Inglaterra, onde concorre tanto para os crimes não só ficarem impunes, mas nem ao menos se registarem; e tambem porque não reparou na Austria os territorios para lá do Leitha, dos que estão para cá.

Mas X ao menos é previdente; e

«Para prevenir uma *subtileza* do sr. padre Amado (que é muito esperto) e pôde dizer-nos que a criminalidade é mais um resultado da relaxação das leis civis, do que da religião, offerecemos á perspicacia de sua reverendíssima outra estatística da *moralidade* das nações, que confessam e professam o credo de Pio IV.»

X não está auctorisado a pôr necedades na boca dos seus adversarios; e é-o, e de marca maior, a sua supposição. A excessiva brandura das leis penaes (e não civis) concorre muito para animar os criminosos a lançar-se na carreira do crime, não é porém a causa de o fazerem.

Cumprindo esse fadario veio com estadísticas dos *filhos legítimos e illegítimos*, para estabelecer por meio de comparação entre Londres e Paris, Bruxellas, Munich e Vienna, e varias cidades de Inglaterra e outras da Italia, que ha mais moralidade na Inglaterra protestante do que nos paizes catholicos. Eis como procede:

«Principiamos por Londres, protestante aristocratica, rica, populosa, emporio do commercio e tambem de tentações, d'onde davia esperar-se uma immoralidade proporcional ás suas grandezas.

«Do registro geral, apresentado ao parlamento, vê-se que, em 1851, houveram 78,300 nascimentos, dos quaes foram: *Legítimos*, 75,097; *Illegítimos*, 3,203.

«Isto n'uma população de 2.362:236 almas dá o resultado de 4 por cento, ou mais claro, de 4 filhos illegítimos e 96 legítimos, em cada 100 nascimentos.

«Passemos agora a Paris, catholica romana—segundo as relações das Perfeituras (*sic*) de 1851, houveram n'esse anno 32,324 nascimentos. D'estes foram *Legítimos*, 24,689; *Illegítimos*, 10,636.

«Resultado 33 por cento; quer dizer, de cada 100 nascimentos trinta e tres foram illegítimos.»

A comparação ahi fica feita; permitam-nos por isso, os leitores que antes de começarmos o exame da mesma por Paris, façamos uma observação.

X falla nas relações das «*perfeituras*;» mas quer-nos parecer que, em Paris, sómente o prefeito da policia pôde dizer no caso alguma cousa: o do Sena com jurisdicção fóra da cidade, se não nos enganamos, nada nos pôde dizer. Agora ponderemos. O sr. Block diz que em 1851 nasceram, em Paris, 32,324 creanças, das quaes eram illegitimas 10,488; ora estes algarimos não condizem com os de X, como facil é de verificar.

Chamar a Paris *catholica romana* é, não calumniar aquella cidade, eminentemente rebellona, impia e athêa, como se está vendo por actos á luz do sol, e que não precisam das estadísticas para serem conhecidos, e dar-lhes a sua cabal explicação; mas calumnia os catholicos, que são ha 89 annos opprimidos por mil maneiras. Não reina alli a pureza de costumes, que deveria haver n'uma população christan? é muito para se lamentar mas já que assim é, depois de deplorarmos esse facto, qualquer convirá, sem exceptuarmos X, em que seja menor mal haver esses filhos illegitimos, do que matal-os á nascença, ou depois de já creados. Logo fallaremos n'isso. Mal haja quem tão ignominiosos horrores nos obriga a encarar!

Consignada ésta verdade que a má fé não só occultou, mas até procurou inverter, examinemos a moralidade de Londres, cidade que Malte-Brun qualificava de «moderna Babilonia;» e comparando-a com Paris, escrevia: «*Londres tem o triste privilegio de ser, proporções guardadas entre a sua população e a de Paris, infinitamente mais corrompida.*»

Não sabemos qual seja o numero exacto dos filhos illegitimos que nascem em Londres, por nos faltarem estadísticas regulares e seguidas; mas advertimos em 1.º lugar que o dr. Forbes, protestante, publicou em 1853 o resultado das suas observações em 1852 no workhouses, e achou na Inglaterra 62:066 filhos illegitimos entre 154:866 meninos alli recolhidos; e na Irlanda 16:677 illegitimos entre 107:868 meninos. Em 2.º lugar, que em 1854 publicou a repartição d'estatística de Londres o seu relatorio do qual consta que no anno anterior se celebraram 164:520 casamentos, nasceram 612,391 creanças das quaes 39:763 il-

legítimas, e falleceram 424:105 pessoas. E' crível que seja normal o nascimento de 75:097 creanças, e entre ellas, só 3:203 illegítimas? Não. Os 424:105 obitos parece deverem lançar alguma luz sobre um processo bastante usado em Londres para os infantecidios, sem perigo dos que os commettem.

O sr. Moreau de Jonés, celebre estadístico, pelas suas observações até 1842 computa o numero dos nascimentos legítimos em toda a Inglaterra (exceptuada a Escocia e a Irlanda) em 861.300, nos annos normaes, e em 57:420 o dos illegítimos, o que dá 1 illegítimo para cada 15 legítimos. Isto dista muito das affirmações do sr. Seymour tão cegamente acceitos pelo X.

Se o numero maior ou menor de filhos naturaes fosse o thermometro infallivel e unico da superioridade moral de um povo sobre o outro, deveria vêr X que não é no protestantismo que havia de procurar a causa do facto que consignamos. A grande maioria da população ingleza não entra n'um templo, é mui grande o numero dos que não sabem quem é Deus, e nunca ouviram fallar em Jesu-Christo. Medite n'estes factos comprovados por auctoridades protestantes da Inglaterra e saberá que não é possível ser maior aqui a moralidade que em França.

São multiplos os factos que pôdem e até devem concorrer para uma recta apreciação da moralidade, nas duas nações. Vamos expôr-lhe mui perfunctoriamente alguns, especialmente em Londres.

O numero dos embriagados conta-se por dezenas de millhar, só em Londres.

Aqui ha mercados ás segundas e terças feiras de cada semana para a «venda dos serviços» de rapazes e raparigas, de 7 annos e mais, á semana, ou ao mez.

A venda das mulheres pelos maridos ainda se realisou, no anno de 1848; e vinte annos antes era vulgar este hediondo espectáculo;

Ha em Londres uma multidão de casas de prostituição, cada uma das quaes alberga de 7 a 18 d'estas desgraçadas; além dos salões elegantes onde se reúnem 200 e mais mulheres bem ataviadas, e os *long rooms* das bordas do Tamisa, das tavernas de *West-End*, e dos 5:000 gin-

palace, onde se encontra o rebotalho do genero. O numero de todas estas infelizes é *calculado* em 80:000.

Não queremos demorar-nos nos horrores que denunciou o processo contra William Shem, accusado de ter matado seu filho, que tinha n'uma casa d'este genero perto de 40 pessoas d'ambos os sexos desde 9 a 18 annos. E infelizmente não é a unica n'aquella cidade.

E isto ainda existia em 1854, e nada consta que deixe suppôr a sua cessação posteriormente.

Ha em Londres, e em toda a Inglaterra paes e mães que matam seus filhos, o que se faz de duas maneiras, uma talvez irreflectida e outra onde entrou por muito tempo a cebiça. Ainda uma terceira de que fallaremos depois, e que é exclusiva das mães.

Algumas que se vêem forçadas a trabalhar durante o dia fóra de suas casas, e não pôdem levar os filhos comsigo, dão-lhes drogas denominadas «reposuo da mãe», que são verdadeiros narcoticos, e matam as creanças.

Paes ha que seguram a vida de seus filhos, e vão-n'os matando lentamente por este ou outro modo, para receberem o premio do seguro. Não se accreditaria que a maldade podesse chegar a tamanho auge, se não se tivesse revellado no jury de Liverpool em 1853. Se esta especulação deshumana cessou, do que duvidamos, deveu ser mui recentemente, e porque uma lei do parlamento prohibiu estes seguros de vida.

O terceiro é «a supressão do filho», o que se dá principalmente nos *illegitimos*. Mães habeis, ou já ensinadas por parteiras especiaes, e algumas vezes estas mesmas, matam a creança na occasião do livramento, estrangulando-as antes de receberem ar nos pulmões. Como bem se comprehende, raras vezes pôde o crime ser descoberto, e d'este modo se diminue o numero dos filhos illegitimos, que tanto enleva a X.

Eis aqui a moralidade da Inglaterra, que este mal aconselhado detractor do catholicismo, e apologista do protestantismo, se atreveu a lançar-nos em face. As doutrinas que o maçonismo e as seitas protestantes, ameaçadas de morte nos seus paizes, introduziram com protecção da politica liberal entre os catholicos, tem feito grandes estragos

em nações d'antes moralisadas, e que vão caminhando para o abysmo; todavia estas assim pervertidas ainda não chegaram a tamanho estado de abjecção.

Não nos detemos com a comparação de Bruxellas, Munich e Vienna, pelo motivo que mais tarde exporemos. Agora queremos limitar-nos a copiar o seguinte que «abrilhanta» o seu trabalho:

«O revd.^o padre Amado ha de ter estranhado que na estatística dos resultados moraes da Religião Romana, não tenha apparecido o nome da sua estremecida Roma.

«Vamos dar-lhe um alegrão, confessando a «prudencia» do Vaticano, de não publicar estatísticas; mas para que veja que, na nossa caixa, ha sempre uma pitada de «reserva (de maestr. . . ?)» ahi lhe offerecemos a seguinte «inducção», baseada em dados inegaveis (*sic*).

«Da estatística de Mittermäier consta, que n'um periodo de dez annos foram recebidos em «Il S. Spirito, il Conservatori» e outros estabelecimentos d'essa ordem 31,689 expostos. Dividido este numero por dez annos, dá um quociente de 3,160 desgraçados, expostos, annualmente, na cidade de Roma.

«Agora para reforçar o argumento é necessario fazer vêr que, excluida a população impruductiva (*sic*)—os padres, frades, *monges* e freiras—o numero dos habitantes de Roma, em 1836, era de 153,678 e n'esse anno, segundo uma relação de Bowring, apresentada á camara dos communs, o numero total dos nascimentos foi de 4,373. Conclue-se, pois, que sendo o numero dos nascimentos, n'aquelle anno, 4,373 e o numero dos expostos, 3,160, houveram, 1,213 nascimentos legitimos e 3,160 illegitimos (*sic*).

«Não ha logica como a das cifras. . . .»

Se a logica das «cifras» é invencivel, a causa protestante está por ella condemnada.

Levamos tão longe a nossa condescendencia que acceitaríamos talvez os seus algarismos (o que não quer dizer que os reconheçamos verdadeiros, nem que deixemos de fazer algumas considerações opportunas), se nos desse tambem o numero dos cazamentos.

Esse anno de 1836 está incluído no seu decennio, ou

é pelo contrario posterior ao ultimo anno, ou anterior ao primeiro? O sr. Bowring estava encarregado das estadisticas dos Estados da Igreja, ou era simples curioso? No primeiro caso, ellas são officiaes, e não pôde fallar na «prudencia» do Vaticano em occultar as estadisticas; e no segundo sem ter mais direito a censural-o do que nós a censurar a Inglaterra que tambem teve a «prudencia» de não fazer estadisticas por muito tempo, e as que tem ainda são incompletas; deve advertir-se que é um grande contrasenso dar o nome de «dados innegaveis» a numeros meramente arbitrarios, que só podem auctorisar inducções.

E por fim, é evidente, mesmo até pelo que se passa entre nós, que nem todos os expostos na roda, são filhos illegitimos: ha bastantes que são legitimos, mas filhos de gente pobre que os expõe por não ter meios para lhes fazer o enchoval, nem amamental-os. O que acontece aqui, porque não acontecerá em Roma tambem? X não quer, mas isso não é rasão: é o contrario d'ella.

Vamos porém ao mais grave. As estadisticas de Mittermaier, são pura e simplesmente mentirosas. Havia nos Estados da Igreja 34 rodas para expostos (O «Conservatorio» nunca teve roda, e só recebia as expostas do Santo Espirito, já na idade de aprenderem a cozer, bordar etc.). O numero dos expostos em todas as rodas regulava por 3:000, 1 para 30 nascimentos. Todas não alcançavam o algarismo de 3:160, indicado só para Roma pelo sr. Mittermaier. A estadistica dos expostos em Roma, em 1840 (já as havia n'este anno) mencionou sómente 922 expostos, a saber: 469 do sexo masculino, e 453 do feminino, entrados n'esse anno; e d'estes devem deduzir-se 86 legitimos, que seus paes reclamaram por se ter melhorado a sua situação; e quantos deixariam de os reclamar por a sua não ter melhorado? A tal mentirosa estadistica augmentou a verdadeira média com 2,324 expostos, que inventou.

E' uma gloria para Roma obrigar todos os inimigos da Igreja Catholica a mentir, e poder provar-lhes que mentem. A «pitada» do X cheira a «mofo». D'este apolo-gista pôde mui bem dizer-se que «veiu buscar lan, e foi tosquiado».

Conclue este capitulo por um periodo importante por ser uma denuncia que dá contra os seus. Eil-o :

«E' necessario que nos emancipemos da tutella da reacção. O paiz entrou na sua maioridade, em 1834; mas se o governo entende que o paiz não está apto para usar dos direitos que adquiriu á custa do sangue generoso, vertido pela liberdade, faça um auto de fé á carta constitucional e venha de novo a inquisição, a forza os sequestros e o hymno do Rei chegou, para o sr. padre Amado nos frigir em azeite, em nome da «Santa Religião» que professa, se é que professa alguma religião.»

Quer Alcoy ou Calvino este «piedoso» varão? Vamos vêr.

VIII

PROSEGUE A MESMA MATERIA

Destina-se este capitulo a servir como de supplemento ao que o precede, não só quanto ao ponto das estadísticas, mas de outras mais cousas que não deixam de ter uma certa importancia: e é o que vamos fazer. Começemos pelas estadísticas.

Duas razões nos aconselham a não acceitar as comparações de X quanto á Italia. Uma é que os protestantes e os seus alliados das seitas maçonicas envenenaram-n'a com infernal presistencia desde 1830, e são portanto obra sua todos os crimes, ou pelo menos a grande maioria d'elles, que desde então até hoje tem augmentado espantosamente. Seria pois grande acto de insensatez o acceitarmos discussão a respeito d'esses crimes com o representante das doutrinas a que elles se devem.

A outra é a falta d'estadísticas officiaes que possam habilitar-nos a examinar, quer antes quer depois de 1830, a situação d'este paiz, quanto á criminalidade, e a comparal-o com o que succedeu á *unificação*. Limitamo-nos pois a protestar só contra o nome de *catholica* perfidamente dado á Italia *legal*, que desde 1848 desavergonhadamente opprime e rouba a Igreja. Se isto é ser *catholico*, porque não serão assim chamados os pagãos?

Quanto aos outros paizes, ainda que X apresente só as estadisticas das capitaes, oppôr-lhe-êmos as de toda a população dos mesmos, visto não possuirmos aquellas para poder contrastal-as; e tanto mais que o resultado em ultima analyse vem a ser muito mais proficuo. E depois juntaremos parte das de alguns paizes protestantes... Mui de proposito não as damos mais completas para nos não sujar-mos nas latrinas de immoralidade.

Continua a moralidade na Inglaterra.

Os estupro-s na Inglaterra, Escocia e Irlanda apresentaram a media de 16,1 durante os annos de 1862 a 1864; mas restringindo-os á população de Inglaterra e Galles, a media passou a ser de 48,1 por milhão d'habitantes.

Os filhos illegitimos regulam entre 7, e 6,6 por 100 nascimentos com exclusão da Escocia e Irlanda. E os suicidios que, de 1836 a 1840 se marcavam em 967 por milhão d'habitantes, elevaram-se em 1856 — 1860 a 1305, e em 1861 — 1865 a 1341; media 69 por milhão de hab. Não estamos habilitados com estadisticas da Irlanda e Escocia.

Se a compararmos com a de França não veremos fundamento para dar a superioridade á Inglaterra, a não ser nos suicidios.

Estes dão a media de 110 por milhão de habitantes.

Filhos illegitimos, a media é de 7,3 por 100 nascimentos.

Offerece-nos a Baviera um quadro que nada tem de animador, que não escondemos, nem ao menos attenuamos.

Os suicidios regulam em media annual por 73 em milhão de habitantes.

E os filhos illegitimos em 20,7 por 100 nascimentos.

X triumphou encarando este grande numero de nascimentos illegitimos, e logò o attribuiu ao ensino de Roma; deu, porém, n'isso provas de tanta ignorancia e curteza d'intelligencia, como de ter o coração atrophiado. Apresentou-se demasiado. Eis como explica isto o protestante Block, que não é apostata:

... «Em muitos paizes, e ainda recentemente na Baviera... a legislação oppunha obstaculos ao casamento das pessoas pouco remediadas. N'estes paizes, constituia-se

o que se chamava *wilde Ehen*, ou casamentos livres. . . . Esta lei restrictiva tinha sido inspirada pela charidade. . . que começa por si mesmo. Decretou-se que cada communa fosse obrigada a sustentar os seus pobres; mas as communas pensaram que este dever tinha para equilíbralo o direito de impedir que os pobres se multiplicassem muito. A municipalidade, se nós nos não enganamos, pela graça de um costume feudal (*talvez só entre os protestantes, nos paizes catholicos não*) podendo auctorizar ou vedar o casamento aos seus administrados, negava o sacramento aos pares «que não tinham meios de subsistencia.»

Aqui está de que lhe serviu a sua malevolencia impetuosa; mais uma nodoa sobre o protestantismo!

Agora para comparar com a Baviera, vamos vêr a Saxe Real, paiz todo protestante.

Filhos illegitimos, 18,6 por 100 nascimentos.

Suicidios, 509 desde 1855 a 1860. Estes dous factos dizem que a protestantissima Saxe não póde leccionar moralidade á Baviera, mixto de catholicos e protestantes.

A Austria apresenta 8,9 filhos illegitimos por 100 legitimis; e

Suicidios 43 por milhão de habitantes.

Ora, a monarchia austriaca tem como parte componente os hungaros e os croatas e os bohemios, povos de raça slava sobre a qual imperam paixões, a que a sua compleição difficilmente resiste.

E a Prussia? Fallando antes das annexações em 1866, apresenta desde 1817:

Filhos illegitimos, oscillando por a media de 7,25 e 7,2 para 100 legitimis.

Suicidios, 123 por milhão de habitantes.

Terá razão X para exaltar tanto a moralidade protestante e deprimir a catholica? Por certo não.

Mas deixemos este ponto pois nos parece que se acha perfeitamente esclarecido, e não em muita honra do prudente X.

*

* * *
Apresenta X uma «lista chronologica das Obras de Misericordia, exercidas em diferentes epochas pela Egre-

ja Romana», que vamos transcrever pondo-lhe em frente as obras de *caridade* do protestantismo.

Igreja Romana

Seitas heréticas e protestantes

1 — «1215 — Anathemas do Concilio de Latrão contra os herejes (a).

2 — «1216 — Uma bulla de Honorio III sancionando as leis de um *caridozo* imperador, que mandava *exterminar* os herejes (b).

3 — «1243 — Uma bula de Innocencia IV auctorizando uma cruzada contra os herejes protestantes, com a promessa de *indulgencias e benção papal aos assassinos* (c).

4 — «1254 — Uma bula para a nomeação dos funcionarios da *santa* inquisição.

5 — «1263 — Uma bula de Urbano IV com instrucções aos inquisidores para a *exterminação* dos herejes (d).

6 — «1265 — Uma bula de Clemente IV approvando e confirmando a antecedente (e).

7 — «1278 — Bula de Nicolau III ordenando a *punição* severa dos herejes (f).

8 — «1317 — Bula de João XXII aos inquisidores de França para cumprirem os seus deveres na *exterminação* dos herejes (i).

9 — «1367 — A bula *Cœ-*

1207. Pedro de Castelnau, legado do Papa é assassinado por albigenses.

— Revolta dos mesmos em Béziers, que trucidam o barão de Trencavel, e muitos catholicos; e ferem o bispo que corrêra a protegê-los.

1417. As festas e as imagens de Christo e de Maria Santissima são substituidas, na Bohemia, pelas de João Huss e J. de Praga. Mais de 300\$ morrem nas guerras que elles provocaram.

1522. Proscripção de Munzer e Carlstadt por Luthero.

1523. Proscripção dos catholicos em Allemanha pelos protestantes lutheranos.

1524. A' voz de Luthero se insurgem os aldeões, que queimam, saqueam e devastam grande numero de castellos e propriedades, assassinam muitos ricos, e desmantelam sette cidades.

1525. Luthero prêga a guerra d'exterminio contra elles; e mais de 100\$ morrem no campo de batalha de Francknausen, ou nos supplicios. Luthero excommun-

na domini (sic) de Urbano V distribuindo vinte e sete esmolas de excommunhão aos herejes (g).

«O titulo d'esta bula (sic) indica a solemnidade a que alludia. Christo lavou os pés aos discipulos, em signal de humildade, antes de comer com elles a ultima Paschoa; este bispo de Roma e os seus successores, depois de lida a bula, atiravam ao chão uma tocha, que apagavam, para simbolisar a eterna condemnação das victimas do seu zelo apostolico (h).

10—«1391—Uma bula de Bonifacio IX sancionando a intolerancia e o despotismo de outro despota e intolerante (i).

11 — «1448 — Felicitação do grande e clemente Martinho ao Concilio de Constança por ter condemnado os herejes ao supplicio da fogueira (j).

12—«1493—Bula de Innocencio VIII mandando castigar todos os herejes (f).

13—«1493—Bula do santo padre Alexandre VI, o Borgia—a *pomba dos papas*, a *flôr dos santos*, a *nata das virtudes* (k), recompensando, com o senhorio de todas as terras, descobertas pela Hespanha, e que podesse descobrir (l), o rei Fernando e

ga-os, e os vota á condemnação eterna, promettendo o Ceu aos que os matarem.

—Bulla de Zwinglio excommungando os anabaptistas, e que pronuncia contra Felis Mans esta formula feroz: «*Os que rebaptisam, sejam affogados.*»

—Bulla de Luthero excommungando Zwinglio, OEccolampadio e os protestantes sacramentarios.

1530. Introducção do protestantismo em Genebra nas pontas de 148 baionetas e na boca de 20 canhões de Berne.

1534. A' força de violencias e vexames da parte dos protestantes, e de cobardia do governo, o protestantismo vence, e começa a perseguição aos catholicos e seu culto.

1535. Estabelecimento da inquisição protestante em Berne (Suissa).

1538. Inquisição calvinista em Genebra. «As suas leis, diz Paulo Henrique, protestante allemão, não são escriptas só com sangue, são-n'o tambem com ferro em braza.» Fogueiras, affogamentos e forcas estavam sempre em acção, pois que as proprias creanças, sem uso de razão, eram ahi suspensas pelos sovacos.

a rainha Isabel, aos quaes, no anno seguinte, deu o titulo de *catholicos*, por terem acabado com os herejes nos seus dominios (m).

14—«1511—Bula de Julio II excommungando os herejes (f).

15—«1520—Bula de Leão X condemnando a seguinte propozição de Luthero: E' contra a vontade de Deus que se queimem os herejes — *Hæreticos comburi est contra voluntatem spiritus* (n).

16—«1528—Bula de Clemente VII ordenando a *extinção total* dos herejes e instituindo os *feis*, herdeiros de todos os bens moveis e immoveis dos supplicados (o).

«Este Clemente foi o primeiro communista, que lhe parece sr. padre Amado (p)?

18—«1541—Bula de Paulo III dando ampla auctoridade aos inquisidores (q).

17—«1532—Bula do mesmo santo padre e *misericordioso senhor*, estabelecendo em Roma o tribunal superior da inquisição, com auctoridade sobre todos os outros (r).

19—«1559—Bula de Paulo IV sancionando todas as outras dos seus antecessores (s).

20—«1572—Procissão es-

1542. Luthero, depois de ter *sagrado* a Amsdorf, como bispo de Naumburgo, expediu a seguinte bulla truanesca: «Eu Luthero, que me faço chamar *papa*, e o sou com effeito, quero que se confira a Amsdorf, como bispo de Naumburgo a plenitude dos poderes episcopaes, para que possa absolver o papa de Roma, que está nas angustias da morte e em caminho para os infernos, pronunciando esta formula: «Que Deus omnipotente, teu inimigo, te não perdoe nunca; que elle te atire ao fundo dos abysmos infernaes. Eu pois, em virtude da ordem de N. S. e Mestre Jesu-Christo, e de nosso augusto santo padre o papa Luthero I te voto ás chammass eternas.»

1540. Dispensa concedida por Luthero para o landgrave de Hesse poder casar em segredo com segunda mulher, estando a primeira ainda viva, e co-habitando com ambas; o que se realizou em 3 de março do mesmo anno.

1544. Outra bulla do mesmo com pragas e maldições contra Zwinglio, OEcolampadio, que já tinham fallecido.

1550. Bulla de Calvino contra o protestante Casta-

pectaculosa, em Roma, pelo morticínio dos Hugnotes (*sic*). O papa Gregorio XIII e os seus cardeaes visitaram os templos, dando graças a Deus por aquella atrocidade (t)!!!

E nada mais se contém na sobredita lista, que para aqui transcrevemos linha por linha.

lion e os huguenotes, ou libertinos, que atacavam o seu dogma da predestinação.

1553. Miguel Servet é queimado vivo, como hereje, com os seus livros e manuscritos por sentença de Calvino e sua inquisição, em Genebra. Este supplicio havia sette annos que Calvino

o acariciava. Todos os protestantes festejaram este supplicio, que nem era o primeiro, nem foi o ultimo.

1534. Henrique VIII faz-se papa da Igreja da Inglaterra, e começa a serie de perseguições, que produziram 75:000 victimas, degollados, queimados, ou enforcados, uns por serem catholicos, outros por serem herejes. Com estas perseguições alcançou muitas mil libras.

1544. O apostata Knox prêga o protestantismo na Escocia, e concita á revolta, á destruição, ao regicidio, e ao assassinio; doutrinas que deram em resultado os factos mais horribes, como a explosão da casa de Kirk-a-field para matar o rei Darnley, por ordem dos condes protestantes Murray, Morton, e Bothwell etc.

1548. Nova reforma do dogma e da lythurgia na Inglaterra em 42 artigos no reinado de Eduardo VI.

1552. Outra reforma em 39 artigos, na qual o arcebispo Cranmer estabeleceu como dogmas pontos pelos quaes tinha mandado queimar, sob Henrique VIII, os que os professavam.

1559. Segunda serie das perseguições aos catholicos. A rainha-virgem Isabel fez umas 150:000 victimas; e seus successores até aos fins do seculo passado alguns milhões d'ellas.

1559. Realizado pela habilidade vulpina de Isabel e seu secretario Cecil o regresso ao protestantismo, restabeleceu-se a inquisição de seu pae, e fizeram-se novas leis de sangue contra os catholicos: o dizer Missa ou ouvir-a, hospedar um padre catholico, reconhecer a supremacia espiritual do Papa, negar a da *papisa* ou confessar-se etc., eram crimes de morte, e morte cruel.

Passemos ao seculo seguinte.

1698. Bill do 9.^o anno do reinado de Guilherme III. Se uma donzella protestante, sendo legitima herdeira ou possuidora de terras, ou bens do valor de 500 libras, casar sem que apresente certidão de um ministro da igreja estabelecida, com duas testemunhas de credito que a reconheçam, para constar que o marido é protestante, os bens passarão para o parente mais proximo protestante, e todos os herdeiros papistas intermedios se reputarão mortos *ab intestato*, e a mulher *morta* de direito: e nem um nem outro poderão ser tutores, nem testamenteiros.

1703. Bill do 2.^o anno da rainha Anna. Se se fizer protestante o filho mais velho d'um pae catholico, poderá requerer um bill contra seu pae para privar-o dos seus bens e reduzi-lo a mero rendeiro; e este filho só fica obrigado ao sustento e legitimas dos irmãos mais novos, não excedendo a terça.

1709. Bill do 8.^o anno da mesma rainha. A mulher que se fizer protestante, em vida de seu marido, póde accusal-o para obter em seu favor todas as concessões que *elle poderia fazer-lhe*, as quaes lhe serão decretadas, queira elle ou não queira.

Agora, alguns exemplos de perseguições de chicana e de matadouro.

1603. Jacques I creou na Irlanda catholica uma inquisição contra os catholicos. Os que não quizessem ser inquisidores seriam presos e esmagados com multas. Mais de 500\$ acres de terras são roubadas aos catholicos para dal-as a protestantes.

1611. Cruzada protestante contra a Irlanda, que levava ordens de «attacar, matar, assassinar, aniquillar todos os rebeldes, seus adherentes e seus cumplices;—queimar, destruir, devastar, saquear, consumir, demolir todas as praças, cidades, casas, onde os rebeldes fossem recebidos ou soccorridos; todas as searas, trigo ou feno que ahi se achassem;—matar, exterminar todos os individuos do sexo masculino e em idade de pegar em armas, que fossem encontrados. «Era uma verdadeira guerra de selvagens, diz um escriptor racionalista. O incendio e a pilbagem eram a regra commum dos dois partidos, o assassinio dos prizio-

neiros uma pratica constante; mas o governo é que tinha dado o exemplo.»

1619. Oito annos durava ésta guerra dos puritanos contra os catholicos; milhares e milhares de cadaveres juncavam, com as ruinas e os escombros, o sólo da Irlanda, quando Cromwell accorreu. Com desprezo d'uma capitulação fez passar á espada por cinco dias a fio toda a população de Drogheda, sem poupar creanças, velhos, nem mulheres. Saberá X dizer-nos quantas mil pessoas morreriam aqui? —Mil donzellas foram arrancadas a suas mães, e vendidas como escravas aos plantadores da Jamaica! E cem mil pessoas deportadas tambem como escravas.

1691. Os *artigos de Limerich* restituem a paz á Irlanda; mas em 1699, com desprezo d'elles, foram supprimidas todas as manufacturas do paiz para arruinar os catholicos do reino, em favor dos protestantes inglezes.

1745. Delibera-se no conselho privado em Dublin a matança geral dos catholicos. Só o medo obsteu a que a medida fosse approvada.

1521. Christiano II, conquistador da Suecia, introduziu em 1521 com hypocrisia, e por influencia da sua amazia Duveke, o protestantismo na Dinamarca. Seu successor Frederico I, em 1523, protegeu-o ás escondidas para enganar o povo, até que em 1526 deixou cabir a mascara, vendo-se apoiado pela nobreza, que lançou mão dos bens da Igreja. Desde então as vexações, os supplicios e até o fogo exterminaram os catholicos. Quem não professasse o lutheranismo não podia entrar, nem permanecer no reino. Na Noruega, mas principalmente na Islandia, ésta seita fez correr ondas de sangue.

1537. Abolição do culto catholico, e encarceração de todos os bispos, menos o de Arrhus que conseguiu fugir, e o confisco de todos os seus bens para o rei. As crueldades de Christiano III, successor d'aquelle foraes taes, que *sensibilisaram* o proprio Luthero. O rei prodigalisava os confiscos, as masmorras, as forcas e as fogueiras tanto aos catholicos, quanto aos protestantes não lutheranos, aos quaes estes chamavam hereges.

1525. Gustavo Wasa, rei da Suecia, animo cupido e feroz, declara-se contra o catholicismo para lhe tomar os

bens; entrega as freiras aos ultrages da sua soldadesca, as vidas dos catholicos ao algoz, e as riquezas das igrejas ao seu bolsinho; não lhe era porém tão facil fazer o mesmo á religião.

1527. Knut, arcebispo de Upsal, que tinha sido seu mestre, accusado de alta traição pelo seu real discipulo, apresenta-se para se defender. O rei obteve sentença contra elle, e a 15 de fevereiro mandou-o rodar, e depois executar; e no dia 18 fez o mesmo em Stockolmo ao bispo de Westeraes, que se tinha apresentado com um salvo-conducto do mesmo rei. N'este anno estabeleceu a inquisição protestante contra o catholicismo e o calvinismo.

1530. Grande matança dos Dalecarlianos, que tinham tomado as armas a seu favor quando perseguido pelo usurpador Christiano II; mas que não queriam abandonar a sua religião. A este desejo tão justo respondeu esta matança, a que se seguiu o supplicio dos principaes, e entre elles do mesmo que o tivera escondido durante a perseguição que lhe fez Christiano.

Já nos custa esta enumeração dos crimes de toda a especie que o protestantismo praticava em toda a parte. Começando por pedir tolerancia para o que chamava suas crenças, e que não eram senão rebellião, acabava por despojar, matar, ou escravizar os catholicos que não queriam apostatar. Agora poucas palavras só quanto aos Paizes Baixos.

1535. Introduzido o protestantismo n'este paiz, o general calvinista la Marck, o conde de Lumay, e Sonoi, como que á porfia, commetteram tantas atrocidades, que diz com muita razão Berault-Bercastel: «O berço da republica de Hollanda fluctuou, ao nascer, no sangue dos catholicos, assassinados quasi todos.» As traições, as perfidias e as crueldades foram tantas, que o espirito recusa a dar-lhes credito. Em 1566-1567, tomaram mais de 200 catholicos, e enterrando-os vivos até ao pescoço, faziam das cabeças baliza para jogo da bola, até morrerem; e as matanças de 9 de julho e 10 de dezembro de 1572, em Leyde, mostram a ferocidade protestante, e a duração da sua obra danada.

1522. Foi por Metz que o protestantismo entrou em

França pela curiosidade de uma mulher. Leclerc, um cardador de lan, foi o seu primeiro apostolo. Em 1528 manifestou-se em Paris, quebrando as imagens dos santos, arrombando os sacrarios, e profanando a Santissima Eucharistia. Lutheranos acolá, eram calvinistas aqui os auctores d'estes crimes que não se limitaram a estes. Em Lyon (1534) é um dominicano apostata que cazou com duas mulheres, quem se apresenta na liça, e é suppliciado como bigamo e alvorotador, apesar da protecção da rainha de Navarra, da duquesa d'Etampes, e d'outras damas da còrte, repellido dos sacramentos pela sua vida escandalosa.

Desde então até á conquista da Rochella (1628) milhões de pessoas foram victimas, quaes violentamente pelas conspirações e o fanatismo dos protestantes, quaes no campo da batalha pelas frequentes guerras civis, que a sua ambição excitou durante o longo espaço de 106 annos. Não ha crime por mais hediondo que o clero protestante não auctorizasse—o homicidio politico, a traição á patria, a falta de fê nas convenções, e o perjurio etc.

Tem-se gritado muito, e em parte com razão, contra a matança dos huguenotes em Paris, a 24 d'agosto de 1572; mas não se confessa que esse acto fôra provocado pelas matanças dos catholicos em Nimes a 22 e em Menduel a 24 de fevereiro, e a 6 de março de 1562; as de Saint-Gilles a 27 de setembro do mesmo anno; a de Nimes a 30 de setembro de 1567; as de Angoulême, Delphinado, e Orthez a 24, e outra vez de Nimes a 14 de novembro, tudo de 1569; e finalmente a de Pau a 24 d'agosto de 1570: total, 9 de catholicos pelos protestantes, principalmente huguenotes, e 1 de huguenotes pelos catholicos.

Os factos são constantes, as terras e as datas conhecidas. Pergunta-se a X, onde estão os assassinos, se os não acha entre os protestantes?

*

* *

Queixou-se tambem com certa ponta de despeito que o sr. padre Amado fizesse insinuações, ás quaes chama *perfidias* «a proposito dos casamentos protestantes,» mas

não teve razão para éstas queixas. Com effeito, a esposa protestante não pôde contar com o dia de amanha; o divórcio e o novo casamento do marido tiram-lhe todo o futuro, e estabelecem a immoralissima *promiscuidade* que se vê entre protestantes nos Estados Unidos.

E o mais deploravel é que este divórcio, contrario ás Sagradas Escripturas e maldito por Christo é a consequencia da seguinte doutrina de Luthero na carta escripta a 13 de janeiro de 1523 a George Bruch, chancellor do duque de Saxe Weimar:

«E'-me impossivel, em virtude da Escriptura Santa, prohibir a quem quer que seja o tomar muitas mulheres ao mesmo tempo; mas eu não queria ser o primeiro a introduzir entre os christãos, este louvavel costume.»

E ésta doutrina já a tinha firmado e desenvolvido nos seus commentarios ao Genesis. Tal era tambem a doutrina de Bucero, grande auctoridade no protestantismo, que mentidamente affirma:

«As santas escripturas não dizem nada bastante preciso a este respeito (a polygamia) em que possa bazear-se a interdicção absoluta do duplo casamento; e além d'isso não faltam exemplos d'imperadores e de reis que, não só casaram com muitas mulheres, mas que ainda lhes ajuntaram concubinas, antes que a *tyrannia papal se tivesse lembrado de ingerir-se nos costumes dos nossos príncipes.*»

Mas como ella se ingeriu sempre, logo que esses reis, ou imperadores foram christãos, vê-se que o exemplo allegado é falso.

E tanto ésta podridão está de posse do protestantismo, que exhala sempre seus miasmas deleterios e fétido de corrupção quando o agitam. Assim é que o *Magasin de Henke*, II part. 1, 2, 3 diz que «a monogamia e a prohibição das conjunções extra-matrimoniaes são um resto de monachismo, e é uma moral que repousa n'uma fé cega;» e o sr. Bloch, na obra que já aqui citamos, exforça-se em fazer a apologia do divórcio!!

Não é pois motivo para extranhar que, logo em 1567, o celebre protestante Jacob Andrea, expondo o estado dos costumes dos seus correligionarios dissesse éstas palavras.

«Afim de que o mundo saiba que elles não são mais

papistas, e que não põem a sua confiança nas boas obras, os nossos lutheranos têm o cuidado de não fazer nenhuma. Em vez de jejuar, bebem e comem de dia e de noite; em vez de socorrerem os pobres, acabam de os expoliar; em vez de orar, blasphemam e deshonram a Jesu-Christo, como os turcos não ousariam fazel-o; e, enfim, em lugar da humildade christã, é o orgulho e o amor do fausto que têm no coração. Estes são os costumes dos nossos evangelicos.»

Nós poderíamos ajuntar outros muitos testemunhos, e muito mais acabrunhadores, da immoralidade que resultou da corruptora doutrina protestante quanto ao casamento; mas repugna-nos fazel-o por enquanto... Convimos com satisfação que não tenha progredido quanto era para temer, contida como o tem sido pelo pudor da mulher, e a força da reacção catholica, mas os estragos não deixam de ser grandes e profundos; e por mais que X se marfe, hade ser forçado a reconhecê-lo.

* * *

Tambem X se scandalizou muito por ter o sr. padre Amado lançado em rosto ao protestantismo a taxa de appropriar-se dos bens da Igreja; e dá a entender que é uma calumnia esta imputação.

Vejamos se é assim; se não virão depoimentos insuspeitos justificar a asserção do nosso amigo. Seja Lutero o primeiro a depôr:

«Os fidalgos quaesquer que sejam e os principes são os melhores lutheranos; elles acceitam de boa vontade em presentes assim conventos como cabidos, e appropriam-se dos thesouros dos mesmos com a boa intenção de os conservarem sempre, e lançam olhos cubicosos sobre toda a especie de bens de raiz.»

David Chytrens escreve aos condes Stolberg:

«Os conventos tiveram muito a soffrer, tanto era o engodo que offereciam á cubiça; alguns homens sensatos tentavam inutilmente oppôr-se ao furor do povo, pois subia-lhes ao rosto a vergonha de verem dispender as es-

mollas dos mosteiros em sustentar cães de caça e cavallos. Era um espectaculo doloroso ver que *provavam os principes o seu zelo evangelico em adjudicar-se os bens dos conventos e das igrejas, e empregal-os em usos indignos.*»

Arnoldo, no cap. 5 do livro XVI da sua historia da Saxonia escreve que «os duques, a pretexto de pôrem em guarda os thesouros dos conventos, appropriam-se d'elles santamente, e para mais segurança exigem de todos elles os registos das rendas monasticas. O conselho (municipalidade?) de Rostock fez como os duques (e accrescenta no cap. 6 do mesmo livro); pouco a pouco viam-se entrar no fisco do principe ou da communa as riquezas dos monges.»

O dr. Gustavo Ludw (que tambem por outras palavras confirma o dr. Rodolfo Herm) diz:

«No Holstein a rica e soberba nobreza facilmente comprehendeu as immensas vantagens que lhe resultariam se se reformasse a Igreja, pois que era o unico meio que os nobres tinham de lançar mão dos dominios temporaes, dizimos e outras rendas dos môsteiros. *Por isso a Reforma fez grandes progressos, principalmente com o duque Frederico.*»

«Em Magdeburgo (conta Marheinecke no tom. 2.º da sua obra), os cidadãos pediram ao conselho que dêsse uma pensão vitalicia aos frades, com a condição de que haviam de largar os habitos da sua ordem, e fazer-se instruir na doutrina evangelica.»

Ainda ha outras; mas prescindimos d'ellas, com quanto sejam todas protestantes como estas.

Estará X edificado? Não nos compete perscrutar-o; basta-nos que não se atreva a negar o que é manifesto e confessado.

Agora mais uma palavra para concluir, e começaremos com o que diz o *Church-Times*, jornal protestante de Londres, em março de 1876. Diz elle:

«Reformar a Igreja, é absolutamente a mesma cousa que querer reformar a Deus. Quando a Igreja foi fundada, não pelo homem, mas por Deus, como o inimigo era impotente para destruil-a, só tinha um recurso que era reformal-a.»

E é o que vem fazendo desde 1517 até hoje, tendo arranjado umas 300 e tantas reformas. Sendo inspiração do diabo, devia produzir fructos dignos de tal origem, tão contrários aos do estabelecimento do christianismo: a devassidão, as mortes, os roubos, a que accrescem agora a degradação e a escravidão dos povos, aos quaes se dá por escarneo o nome de *livres*.

(a) Não obstante ser tão ignaramente feita esta synopse que em geral é intelligivel, como o fim manifesto d'ella é a calumnia, far-lhe-hemos breves notas. Os anathemas contra os hereges são tão logicos, que os proprios protestantes, a começar em Lutero e Calvino os não pouparam aos outros protestantes que contradictavam as suas doutrinas. Estes hereges de que se trata aqui eram os que se chamam albigenes, que proscreviam o juramento, a obediencia ás auctoridades peccadoras, proscreviam o casamento como invenção do diabo, e a propriedade... não sendo sua.

(b) E' tollice desmarcada esta de uma bulla do Papa a *sanccionar* as leis do imperador estabelecendo penas contra os hereges, que a pretexto de doutrina perturbavam o estado com revoltas, assassinios, incendios, e depredações. Tal bulla não existe. Foi falsificada por X.

(c) Ainda n'este tempo não havia *protestantes*, que sómente nasceram 280 annos depois, á voz de Lutero; a esta ineptia tem de ajuntar-se a da *benção papal*. O mais é calumnia.

(d) Tambem é calumnia a exterminação dos hereges.

(e) As bullas dos Papas não carecem de ser *approvadas* e *confirmadas* por outros Papas.

(f) Tontice todas as indicações com esta chamada.

(g) A bulla *In coena Domini*, e não *Coena domini*, como ignaramente lhe chama X, nem na sua forma mais recente é de Urbano V, mas de Urbano VIII, em 1627. Ena primitiva forma attribue-se a Bonifacio VII (1294); mas alguns Papas lhe deram maiores desenvolvimentos até ao pontificado de S. Pio V (1568), que lhe deu o nome que tem actualmente. Não excommunga só os hereges, mas tambem os scismaticos etc.; os que sobrecarregam os seus povos com

tributos contra os direitos do paiz, o que levantou os reis contra ella; os piratas e seus protectores, os que roubam os naufragos, os que falsificam os documentos apostolicos, ou os fabricam falsos etc. As 27 *esmolas d'excommunhão* são repartidas por estes *mendigos*, com quem X sympathisa,.... lá sabe porque.

(h) Não é a solemnidade do dia a que allude ésta bulla, mas á pratica antiquissima da Igreja de receber n'este dia os excommungados e os penitentes publicos á reconciliação; e é por isso que esta bulla, depois de ter denunciado as excommunhões, annunciava a absolvição d'ellas. O Papa usava do direito que Christo lhe conferira, e de que usaram os Apostolos. X não leu o Evangelho de S. João, do contrario não teria dito que o Senhor tinha lavado os pés aos Apostolos «antes de comer com elles a ultima Paschoa;» pois que o Evangelista mui formalmente diz (cap. XIII, v. 2): «E acabada a ceia». Eis como os protestantes lêem a Biblia! A tocha atirada ao chão não *symbolisa* o que diz. Se quer saber-o, estude.

(i) Temos uma charada aqui, procedida da ignorancia, e leviana precipitação de X. Ponha o caso a limpo, e fallaremos depois.

(j) Isto é puramente falso. Quando o Concilio de Constança entregou ao imperador Segismundo (que os mandou queimar segundo as leis imperiaes) os dous heresiarchas João Hus e Jeronimo de Praga ainda Martinho V não tinha sido eleito Papa. O Concilio sómente os declara hereges.

(k) Parecerá extraordinaria a alguns tamanha sympathia de X por este Papa; mas quando souberem que elle, antes de ser Papa, tinha algumas similhanças com o mesmo X, achal-a-hão muito natural.

(l) Attento o direito publico d'então, ésta concessão era necessaria, pois que antes o Papa Martinho V tinha concedido ao rei de Portugal a posse de todos os paizes que podessem ser descubertos desde o Mar Negro até ás extremidades das Indias. Era um meio de conjurar guerras assoladoras entre dois paizes limitrophes.

(m) Fernando e Isabel não acabaram com os hereges nos seus dominios, porque os não havia; mas judeus e mouros, que só a ignorancia de X qualifica d'hereges.

(n) Isto não é verdade. A bulla de Leão X condemna como heretica; falsas ou escandalosas as 40 proposições de Luthero, e não faz distincção especial de nenhuma. Provavelmente X attribuiu a ésta Bulla a condemnação que fulminou Calvino ao livro de alguns protestantes intitulado: *De non comburendis hereticis* (que não devem os hereges ser condemnados). Este X gosta muito de faltar á verdade.

(o) Ainda outra falsidade. Não ha nenhuma bulla do Papa Clemente VII, que tal cousa estabeleça.

(p) A pergunta é impertinente, e com a singularidade de ser feita em nome dos que não só foram praticamente os primeiros communistas, mas que tambem estabeleceram a theoria, como se mostra na columna em frente.

(q) A inquisição era um tribunal creado pelos reis, os quaes tambem lhes nomeavam os vogaes, que muitas vezes se excediam. Esta inquisição de Roma tinha por fim pôr côbro a seus excessos. O pensamento era, pois, benevolo.

(r e s) E' simplesmente uma tontice. O Papa não podia dar-lhes jurisdicção senão no que pertencia á doutrina. Os inquisidores eram como juizes do facto, e as relações e que applicavam depois o direito. Um Papa não sanciona as bullas dos seus antecessores, como já advertimos.

(t) E' uma falsidade. O Papa deu graças a Deus, não pelo morticínio dos huguenotes, mas por se ter descoberto a conspiração d'elles para matarem o Rei, e toda a familia real: do mesmo modo que o fizeram todos os soberanos catholicos. Dar graças a Deus por crimes, é só proprio do protestantismo.

IX

PROPHECIAS Á LUTHERO

Chegamos com X ao fim. E' o seu capitulo III, e intitula-se—*Os romanos no futuro*.

Custou-nos a conter o riso quando o lêmos; e se não fossem certas maldições que nenhum homem deve lançar a outro, e que este desgraçado apostata lança ao Santo Padre Pio IX, contra quem se rebellou, como os phariseus as lançavam a N. S. Jesu Christo; disparariamos uma gargalhada verdadeiramente homérica.

Supponham os leitores que o periodo final (que deixamos transcripto no penultimo capitulo) serviu ao X de prancha para subir á tripeça (ou tripode em linguagem poetica) para lançar as suas invectivas com sabor sybillino, e com o furor não de Apollo, mas de Luthero.

Agoura-nos o futuro ao começar—e aqui disse uma verdade involuntaria— que havíamos de ser no futuro como fomos no passado—; nega-nol-o e suas consequencias na continuação; e termina reconhecendo que teremos de tel-o. Não sabe o que diz, e diz o que não sabe. Contamos mil oitocentos e settenta e seis annos de existencia, e durante elles temos visto nascer e morrer muitas seitas, que todas nos faziam violenta e atrocissima guerra, e se promettiam o jubilo ineffavel de festejar a nossa morte, e assistir ao nosso enterro. E onde estão ellas hoje?

O mesmo protestantismo, em nome do qual nos fulmina X, como ha 350 annos nos fulminavam Luthero e Calvino, o que é feito d'elle hoje? Cortado e recortado, dividido e sub-dividido em seitas, cujas denominações nenhuma memória de homem póde reter, e que morrem aqui para de seus cadáveres fetidos surgirem alli outras, que pouco subsistem; está sendo um objecto de asco para os espiritos levantados e os animos generosos, que por aquelles pantanos andam perdidos, em quanto Deus os não chama para a verdade e a unidade.

Formado por frades e padres luxuriosos e devassos, engrossado pelos cubiçosos das custodias, das preciosidades, e bens das igrejas, protegido por principes ferozes ou dissolutos, como Christiano da Dinamarca, Gustavo da Suecia, e Henrique da Inglaterra, e reforçado pelo maçonismo que gerára; o protestantismo depois de penetrar com auxilio da mentira e da calumnia, manteve-se pelas crueldades mais inauditas, pela rapina mais descarada, pela destruição mais brutal, e pela devassidão mais crapulosa; e ainda hoje emprega todos esses meios, onde quer que póde empregar os instrumentos proprios para isso. No capitulo antecedente tomamos obrigados a mostrar um pouco d'isso, e podêmos asseverar ao X que apenas levantámos uma pequena ponta do véo; mas, se assim o quizer, alguma cousa mais o poderemos erguer, auctorizando-nos com do-

cumentos irrecusaveis, e não com declamações e falsificações, como elle fez contra a Igreja Catholica.

Promette um destroço geral, e crêmos que a sua gente o fará, se poder, porque assim o fez na Allemanha (que ainda assim é onde foi menor a violencia), na Dinamarca, na Suecia e Noruega, na Islandia, na Suissa, na Inglaterra, na Escocia e Irlanda, na França, na Polonia, ... «e se mais mundo houvera, lá chegára.»

Ameaça-nos com o levantamento da «verdadeira Igreja de Christo, arca santa das crenças de nossos paes;» mas não se atreve a dizer qual ella seja entre as cem seitas protestantes, cada uma com Credo, Ritual, e praticas differentes e até contradictorias entre si. E' verdade que accrescenta, que essa Igreja será «sem imagens (que teve desde o primeiro seculo) sem hostias, sem sedas, sem pedrarias, sem joias (que tudo isso querem os protestantes para seu uso particular, e n'esta parte desprezam a Biblia) e só com o modesto symbolo da cruz em que agonizou e morreu o Redemptor da humanidade.»

Ainda assim não sabemos qual chame a *verdadeira Igreja de Christo*. Apenas podemos conhecer que não será a anglicana onde ha sedas, a evangelica-unida da Prussia, a evangelica episcopal hispanhola, e a lutherana onde ha tambem imagens (das hereticas e scismaticas do Oriente não fallamos, porque tem sedas, hostias, imagens, pedrarias, joias; tudo o que nós temos). Agora as outras, sendo tantas e tão variadas, apezar do nome generico de evangelicas, nenhuma lhe importa com a Cruz, que amam a tal ponto que nem a querem vêr, nem deixal-a vêr, pois a despedaçam onde quer que podem fazel-o; comtudo, n'essas mesmas, excluindo talvez só os socinianos, arminianos, ant-trinitarios, anabaptistas, e algumas outras que não tem *hostia*; as demais, crêmos que todas conservam-n'a com o nome de *pão*, o qual é feito da mesma farinha que a *hostia*. Questão de palavras.

Não, não é questão de palavras talvez nos diga X, por que o *pão* é levedado, e a *hostia* é pão azymo. A isto responder-lhe-hemos que nos dá com isso mais uma prova de que as seitas sabem prescindir da Sagrada Escripura, quando assim lhes convêm. De que pão se teria servido

N. S. Jesu-Christo quando instituiu a Cêa? Por certo do pão azimo, que era o unico de que se uzava na festa da Paschoa. Porque, pois, não o empregam os protestantes na sua Cêa? Aqui só pôdem recorrer á *tradição*, mas hade ser á das igrejas orientaes, cuja *hostia* ou *pão* é levedado, em quanto que no Occidente sempre se empregou o *pão* azimo. Ora a *hostia* consome-se mais facilmente que este *pão*.

E' mais uma prova, além das tantas, da incompetencia d'esta letra do alphabeto para o encargo que tomou, ou que lhe impuzeram. E o mais é que continua a apresental-as com tanto afan, como se tal fosse o principal objecto do seu trabalho. Assim é que estamos lendo :

«A ultima pagina da historia dos papas está escripta já, e n'ella o nome do ultimo *precito*.»

Que caridade *evangelica* a d'este *piedoso* X, se conhece a significação da palavra *precito*! que ignorancia tão crassa, se não conhece o significado d'ella! E n'ambos os casos, que má educação! Não é, pois, para maravilhar que não saiba tambem que Luthero, animado com a protecção dos principes e do turco, vaticinava egualmente a morte do *ultimo* Papa; e que os protestantes dos fins do seculo passado batiam palmas quando falleceu Pio VI, porque as victorias da Republica franceza, suppunham elles que não permittiriam reunir-se o Conclave, e não poderia eleger-se Papa—dissolvia-se a Igreja Catholica, e o protestantismo reinaria no mundo! . . . Mas Deus *subsannabit eos*, e Pio VII foi eleito em Veneza.

Sem saber d'isto, e trepado á tripode exclama :

«Amanhã o anjo do Senhor passará por sobre a terra e ferirá de morte os primogenitos dos theocratas Pharaós (*Sabe a historia do Egypto como um laponio a da China*).

«Amanhã, no castello de S. Angelo (*desde 1870 em poder de S. M. Victor Manuel*), a bandeira, a meio pau, annunciará ao mundo um acontecimento notavel.

«Amanhã na cathedral de S. Pedro os sinos dobrarão a finado, e esse pregão funebre levará, nos seus echos de morte, ás cinco partes do mundo, a nova de que desceu ao sepulchro, para a apodrecer n'elle, um homem que

trocou pelo prato de lentilhas da *infallibilidade* a herança tres vezes santa do apostolado do Evangelho, do apostolado do dever e do apostolado da liberdade.»

Pio IX é homem, e está tão sujeito á morte, como D. Angelo Mora (que já falleceu apesar de ser mais novo), por isso n'esta parte a *profecia* hade realizar-se um dia... quando Deus quizer. E aqui signalaremos que pedreiros, apostatas, protestantes e impios estão d'acordo quanto á morte do Papa, que ha 16 annos vêem annunciando em cada estimação. Mostram que *caridosos desejos* lhes reservem n'alma.

E agora notem os nossos leitores o desmentido que X se dá a si mesmo, sem perceber. A Igreja Catholica Romana delinquin tornando o nome de *romana*, disse elle, e nós vemos que Santo Ireneu falla na *fé romana* (Apolog.) Santo Ambrosio, pede aos imperadores que «*não permittam nenhuma perturbação que seja prejudicial á Igreja romana, chefe de todo o mundo romano*», isto é de toda a catholicidade (Ep. XI, clas. I); e Santo Agostinho diz no seu Sermão XXX: «Não creias que guardas a verdadeira fé catholica, se não ensinas que essa fé, que deve ser guardada, é a *fé romana* (*De accedent ad gratiam*).»

Essa Igreja apostatou, disse tambem X, porque inventou Sacramentos que Christo não instituiu, e tornou-se *pagan* e *idolatra* introduzindo a adoração das imagens. Tudo quanto póde ser dito contra ella está n'estas palavras, repetidas sem sciencia nem consciencia, do que decorou nas mentidas accuzações com que os protestantes, procuravam justificar a sua rebellião. Pois bem: agora accuza o Papa actual porque «trocou pelo prato de lentilhas da *infallibilidade* a herança tres vezes santa do apostolado do Evangelho, do dever e da liberdade;» logo esses tres apostolados ainda existiam na vespera do dia da acceitação, e portanto não era verdade nada do que da Igreja Catholica Romana dissera com antecedencia a essa acceitação. O Papa não podia trocar essa herança tres vezes santa se não a possuisse ainda, e não podia possuil-a se nem christan era já a Igreja romana, como asseverára. Mais depressa se apanha um mentiroso do que um coxo, diz o proverbio.

Mostra isto a *falta de consciencia* com que X se atre-

veu a vir escrever este folheto, e especialmente a parte d'elle que estamos examinando. Agora *a falta de sciencia*.

X, apezár de ter sido padre catholico, era de ignorancia tão crassa, que nem sabia o que mais indispensavel é a um padre não ignorar; e não nos maravilha isso, porque ainda não encontramos um padre liberal (e X sempre foi padre liberal), que não fosse de mui deploravel ignorancia na sciencia da religião, a ponto que *alguns*, apenas a estudaram, reconheceram os seus passados erros. Esta ignorancia fel-o crer que a *infallibilidade* era uma novidade na Igreja; ainda mais, que Pio IX foi o primeiro Papa, que se considerou *infallivel*. Nunca leu a 4.^a Epist. á Igreja de Corinto do Papa S. Clemente I, fallecido no anno 100, nem a causa e circumstancias da mesma, e nem sequer ouviu fallar n'ella! e menos ainda conhecia os testemunhos dos Papas S. Xisto III, e S. Leão I. Vamos pois citar-lhe duas passagens dos mesmos Summos Pontífices:

«O bemaventurado Pedro (escreveu S. Xisto) dá pelos seus successores aquillo mesmo que recebeu. Quem quere-ria pois separar-se da doutrina que elle mesmo primeiramente ensinou como mestre entre os Apostolos? Não lh'o ensinou homem algum, não o aprendeu em nenhum escripto. Foi o Doutor que de sua boca o instruiu a elle com os outros. Não houve para elle nem escriptos nem escriptores. Elle recebeu a fé absoluta e simples, que não tivesse controversia, ésta fé que devemos incessantemente meditar, e n'ella permanecer; para que seguindo os Apostolos com puro pensamento, mereçamos estar com os homens apostolicos. Não é um ligeiro encargo, não é um mediocre trabalho que *nos incumbe o de preservar a Igreja do Senhor de qualquer macula e ruga* (Epist. Roman. Pontif. Tom. I col. 1260).»

«Permanece a disposição (diz S. Leão I) estabelecida por aquelle que é a Verdade, e o bemaventurado Pedro conservando a acceita consistencia da Pedra, não abandonou o recebido governo da Igreja. *Ainda hoje completa com mais plenitude e poder as cousas que lhe foram encarregadas, e desempenha todas as partes dos officios e dos encargos n'aquelle e com aquelle, por quem foi glorificado.* Se fazemos, portanto, alguma cousa bem feita, se bem dis-

cernimos, se alguma cousa da misericórdia de Deus obtemos pelas nossas rogativas diarias, são as obras e os merecimentos d'aquelle, cujo poder vive, e cuja auctoridade manda na sua Sé.

«.....E' pois d'esta maneira que se celebra dignamente a festa de hoje (*o anniversario da sua elevação á Cadeira de S. Pedro*) para que na pessoa da minha humilidade se entenda e se honre aquelle em quem persevera a sollicitude de todos os pastores com a guarda de todas as ovelhas que a elle foram confiadas, e de quem não desfallece a dignidade, ainda mesmo em seu indigno herdeiro (*In anniv. assumpt. me. Serm. III.*).»

Crêmos que basta sobre este ponto; mas ainda ha outro que não queremos deixar passar. Esaú trocou por um prato de lentilhas, que pediu a seu irmão Jacob, a herança da primogenitura, que ficou pertencendo a este. A quem pediu Pio IX a infallibilidade, e quem lh'a deu em troca da herança do apostolado? Seria curiosa a resposta de X, se elle se atrevesse a balbuciar alguma a ésta pergunta. Não a esperamos, pois sabemos que lhe não será facil dal-a; e passamos a outra cousa. Não admite este X nenhuma auctoridade senão a das sagradas Escripturas; e por isso pedimos instantemente que nos diga qual é o texto dos Evangelhos, dos Actos, ou das Epistolas onde se pôde achar que á Igreja fosse incumbido por Christo o «apostolado da liberdade», no sentido em que toma ésta palavra.

Ainda é dos que fabricam e lançam foguetes d'estallos; é talvez a alegria dos seus carneiros. Deixemos-lhe, porém, a elles e ao zagal esse gosto, e continuemos a copiar:

«Depois virá a confusão do conclave.... depois virão as luctas da ambição.... depois virá a intervenção das nações.... depois virão os papas impostos pela força e sustentados por ella..... depois..... o *hic Roma fuit*, como diz o viajante ao pizar os logares ermos, em que outr'ora existiam Babylonia, Troia, Pompea, Sodoma e Ghomorra (*sic*).»

Pois o viajante diz isso? Então é já, já, nomeal-o bispo da igreja de X, que nenhum pôde achar-se mais digno do que esse que em frente dos escombros das varias Babilonias etc. etc., diz *hic Roma fuit*. Mas encarando sê-

riamente o periodo em questão, vêm-nos ao nariz um fedido a cadaver, que trezanda! Isto foi escripto para outros tempos, e figura aqui por effeito de algum plagio inintelligente... X tem medo de que a confusão do Conclave seja tamanha que obrigue as nações a intervirem para socegar o tumulto?.... Compre um cão da Terra-Nova.

As nações, depois de terem assentado que não deve em caso nenhum haver intervenção, precipitam-se umas sobre as outras para intervir.... cada uma quererá impôr um papa seu? então a confusão será d'ellas, e não do conclave. Quererão sustental-o pela força todas; ou alguma? Se algumas só, sera guerra entre ellas umas com as outras, e não com o Conclave. Destruirão Roma? Victor Manuel que se arranje como poder, com os seus alliados, ou os seus inimigos. Nós não extranhámos que o façam.... —Ah! não sabe que temos visto Roma destruida, e quasi destruida por diversas vezes, a ultima das quaes pelos protestantes em 1527, e nem por isso deixou ella de renascer, como de suas cinzas.... Não nos assustamos.

«Só a religião evangelica subsistirá», exclama elle. A verdadeira religião evangelica está sendo perseguida e afrontada em Roma, e com tudo isso ella subsiste, e subsistirá por mais violenta que seja a perseguição. Esta é que hade passar com os que a fazem. Agora as outras seitas chamadas evangelicas, ou melhor aquella a que especialmente allude; ou seja a evangelica-unida, ou a evangelica-episcopal, ou a evangelica-presbyteriana, ou qualquer outra com o qualificativo que lhe grudarem, fará Deus o que quizer; são o seu instrumento de ira e de castigo. E até porque lhes quadra perfeitamente bem a parabolá do Evangelho, que muito lhe agradecemos ter-nos recordado. Chegará o dia da ceifa, e será queimado o joio semeado pelo inimigo na «hora da sésta.»

Queimado! Ah boca que tal disseste! Esquecer-nos-hia que o Papa «em nome do Homem-Deus mandou acender as fogueiras do Santo Officio (exclama furioso X), decretou a exterminação dos hereges, sancionou o morticínio das Cruzadas, e inscreveu, no livro dos seus *santos* uns certos sujeitos, menos dignos d'isso que o revd.^o padre Amado, o sr. Sousa Monteiro etc.?» Não esqueceu, como vae ver-se:

1.^a *As fogueiras do Santo Officio* não foram accesas por ordem da Igreja e á voz do Papa, mas por ordem dos reis, e á instante pedido dos povos, que procuravam n'ellas um refugio seguro que os preservasse das que os hereges accendiam, e dos crimes atrozes de que os mesmos os faziam victimas. Se não fosse assim, o X não teria occultado os documentos contra os catholicos, em vez de se limitar a declamações ôcas. X nunca ouviria fallar nas fogueiras que Calvino mandou accender em Genebra para queimar herejes e feiticeiros etc.? Parece que não; e com tudo n'esta cidade, bem pouco populosa, excedeo muito a 100 o numero dos assados pelos protestantes da sua seita.

2.^a *A extirpação dos hereges!* Nem a palavra sequer, quanto mais a idéa se encontra nos labios, e nem na penna de nenhuma auctoridade da Igreja Catholica; e provocamos o X a que apresente o theor da Bulla, ou o quer que seja que decretasse o exterminio dos hereges... Veja lá que não seja *extirpação das heresias* que a sua ignorancia e malevolencia confundisse com extirpação dos hereges: ou, o que nos parece mais provavel, attribuiu á Igreja Catholica o que os lutheranos fizeram na Dinamarca e na Suecia, os calvinistas na Suissa, os anglicanos e os independentes fizeram na Inglaterra e na Irlanda, e os methodistas em Madagascar, já no seculo em que vivemos.

3.^a *O morticinio das Cruzadas!* Houve os antes d'ellas, o que as tornou necessarias: eram os que a ferocidade e o fanatismo dos turcos faziam nos pobres christãos orientaes, e tambem as que se faziam nos proprios cruzados pelos eternos inimigos do nome christão, quando tinham por si o numero e a surpresa. Seriam talvez tambem as reprezalias individuaes d'alguns d'estes, nenhum porém dos quaes foi, nem podia ser, sancionado. Não resta pois, senão o principio mesmo das cruzadas; mas, além de que é o mais repugnante abuso da palavra este de chamar-lhes *morticinio*, é de mais a mais um brutal contrasenso dizer que foi *sancionado* aquillo mesmo que se tinha empregado como um escudo de protecção, e uma arma de defeza contra elles.

Será o furor que se revella aqui procedido de não saber X que os sarracenos atacavam a Europa, assim pela

Italia, onde tinham posto o pé, e estavam sendo a guarda avançada de um poderoso exercito de invasão e conquista, como pela peninsula iberica onde já dominavam como senhores, esperando n'estes dous pontos a oportunidade para estenderem sobre todos nós o denso veo da barbarie e os ferros da escravidão, que envolve e comprime os gregos? ou será porque, mantendo as tradições dos protestantes do XVI seculo, prefere a circuncisão ao baptismo, a polygamia á monogamia, o crescente á Cruz? Não o sabemos; mas como o furor se manifesta, não se encontra a que attribui-o fóra d'esta alternativa — ignorancia ou devassidão.

Se não fossem as cruzadas, não havia de telhas abaixo quem preservasse a Europa de ser hoje escrava embrutecida e desprezível da sublime Porta! E' honroso desejo o d'este apologista do protestantismo! e elle faz comprehender aos menos intelligentes a causa do odio ás cruzadas. Sendo conhecida a origem abjecta d'elle, não se atreverá a confessal-a, mas procurará pretextos hypocritas; e é de certo a do amor da humanidade afflicta pelo sangue derramado n'essas guerras, que poderiam ter salvado o Oriente se o Oriente quizesse. Mas esse amor é mentido, já porque muito mais sangue se derramaria se as cruzadas não tivessem quebrantado o poder dos Sarracenos, já por outro motivo que vamos dizer.

Vêmos a *cruzada* de Luthero na Allemanha contra os anabaptistas, que fez morrer mais de cem mil d'estes fanaticos e logicos protestantes, assim na batalha de Franckhausen, como nas execuções que se lhe seguiram, pelo fogo, pela roda e pela corda.

Vêmos a *cruzada* protestante dos reistres allemães tanto contra os catholicos, como os hispanhoes dos Paizes Baixos; e pouco depois outras dos mesmos reistres contra os catholicos de França, todas as quaes fizeram correr o sangue de muitas centenas de mil catholicos, uns em guerra franca, e outros em verdadeiros *morticinios*, alguns até com quebrantamento dos pactos ajustados; e cubriram de ruelas o sólo d'estes dous paizes em proveito só dos protestantes.

Não foram menos devastadoras e ricas de *morticinios*,

se é que o não foram ainda mais, as cruzadas protestantes contra os irlandezes, e destinadas ao «*exterminio* completo de todos os habitantes catholicos da Irlanda (*Memoria á rainha Victoria*).»

Aqui mencionaremos só por lembrança as duas Cruzadas, em que tambem o protestantismo teve a sua parte, e ambas commandadas por Garibaldi: a dos *diabos incarnados* a Buenos Ayres no tempo de Rosas; e a outra dos *Mil de Marsala* contra Napoles — disputando entre si horrores os morticínios praticados pelo *redemptor da Italia*, como o protestantismo lhe chamava sacrilegamente.

E o que poderá X allegar a favor da cruzada ingleza contra os indios revoltados por causa das offensas feitas pelos agentes do governo á sua religião; cruzada em que os mansos protestantes carregavam as peças com os pobres prizioneiros para que os seus restos mutilados fossem levar o terror ao campo inimigo? E isto haverá apenas uns 20 annos!

Amigo X, quem tem telhados de vidro, não atira aos do visinho; e quem tem as mãos manchadas de sangue e de crimes, não se roça pelos transeuntes para ennodoar-lhes os vestidos e as mãos. E saiba que nos sobejam ainda factos com que proclamar a excellencia criminal do protestantismo, se a isso nos obrigar.

N'este periodo não se encontra nenhuma outra cousa que mereça resposta séria. Se X quer contentar-se com o *ceo dos pardaes*, fique-se onde está, que está bem; mas sempre será bom lembrar-se do conselho de Melanchton á mãe, quando ella estava na hora da morte.

E teriamos posto fim a este exame do folheto do «christão X», ou homem de christianismo incognito, se não lessemos um rabo-leve, que reclama umas rapidas considerações.

Concordamos em que «o *démo* da liberdade anda á solta e o inferno vomitou a imprensa livre;» tambem não duvidamos de que X, e os seus collegas considerem «verdades amargas» que N. S. Jesu-Christo não é Deus, como ella impia e tolamente affirma, e que o homem é um descendente aperfeiçoado do macaco: nem, se o não cresse assim, fariam o que fizeram; mas o que não admittem é a

seguinte verdade, que foi forçado a dizer: «é imprudente vir ao mercado da publicidade *com obra falsificada*, por que os fiscaes da opinião multam os contraventores e prendem os que passam moeda falsa». Foi o que succedeu ao seu folheto. Provocou ésta replica, e ella não lhe deixou de pé nem uma só das suas allegações, e mostrou serem falsificadas, ou mentidas todas as suas asserções.

Não sabemos se «o tempo da *censura previa* já vai longe e o reinado da escravidão da consciencia acabou ha muito;» o que podêmos affirmar é que a sua obra passou pela censura previa dos que lhe pagam; aos quaes escravizou a pobre consciencia. Não se pôde rasoavelmente acceitar outra explicação para um escripto, que não deveu sahir do *estudo* nem do *exclarecimento*, que denuncia a descrença pela falta de raciocinio, e que em vez de «fê» sómente colligiu «fézes».

E dito isto, recambiamos-lhe o seguinte que de lá veio, mas volta á tenda recambiado:

«Provocar com aleives e injurias (como X faz no seu folheto) quem não *usa* esgrimir taes armas é mais que imprudencia, é loucura rematada». Por isso puzemos-lhe este collete de força.

«Ahi ficam factos. Ahi fica uma lição de delicadeza. Ahi fica tambem lançada a luva da discussão e as condições com que entraremos n'ella», voluntariamente se forem guardadas, com resistencia se o não forem.

«Com insultos não se defendem ideias, nem se exclarece a verdade com argumentação de soalheiro», e peor ainda, como fez no seu folheto, com mentiras.

Como somos leigo, e não sabemos theologia senão a que se aprende no cathecismo, não nos compromettemos a acceitar discussão no campo da theologia, mas no da philosophia e da historia, conte que lhe não mostraremos as costas.

Não sabemos o que succederia em Lisboa aqui ha 300 annos, ou ainda ha 50, se se escrevesse um folheto como este; basta-nos saber que ninguem o escreveria porque não acharia leitores, e porque seria maior o desprezo para com o seu auctor, do que aquelle que ha 36 annos esmagou o desgraçado padre Porphirio, ex-frade jeronimo, e cav. . .

r... ✕... Sabemos, porém, que se ha 300 annos se livesse escripto em Genebra um como este contra Calvino, o escriptor seria queimado vivo, e ha 50 annos seria assassinado: ou se em 1776 o escrevesse na Inglaterra contra a *Igreja estabelecida por a lei*, seria pendurado na forca, teria os intestinos arrancados em vida e queimados ante os seus olhos moribundos, e exhalaria o ultimo suspiro ao cortarem-n'o em cinco partes, que seriam assadas, uma das quaes (a cabeça) seria destinada a presentear o rei, como prova da tolerancia e mansidão protestantes....

«Hoje, reflecte X, apenas se lhe applicará a ventosa moral da excommunhão reservada.

«Os *christãos* de Roma são assim. Resolvem todas as questões com insultos e com anathemas.»

E os protestantes enfurecem se com as excommunhões, e dão-se a perros quando se dão ás cousas os nomes que lhes competem. E comtudo, S. Paulo excommungou o incestuoso de Corinto, S. Pedro a Simão Mago, e S. João prohibe que se saudem os impios. E não sabe X das excommunhões que os protestantes fulminam contra outros protestantes? pois pôde já ter visto indicadas algumas desde Luthero e Calvino. As excommunhões, e as mais d'ellas em fraze de regateira abundam no seu gremio uns contra os outros. Será esta erupção de mau humor por inveja de officio? E' possível, mas a ignorancia tem n'isto o maior quinhão.

E' o que X principalmente provou n'este seu trabalho, e que se fortalece com grande hypocrisia e má criação.

FIN.